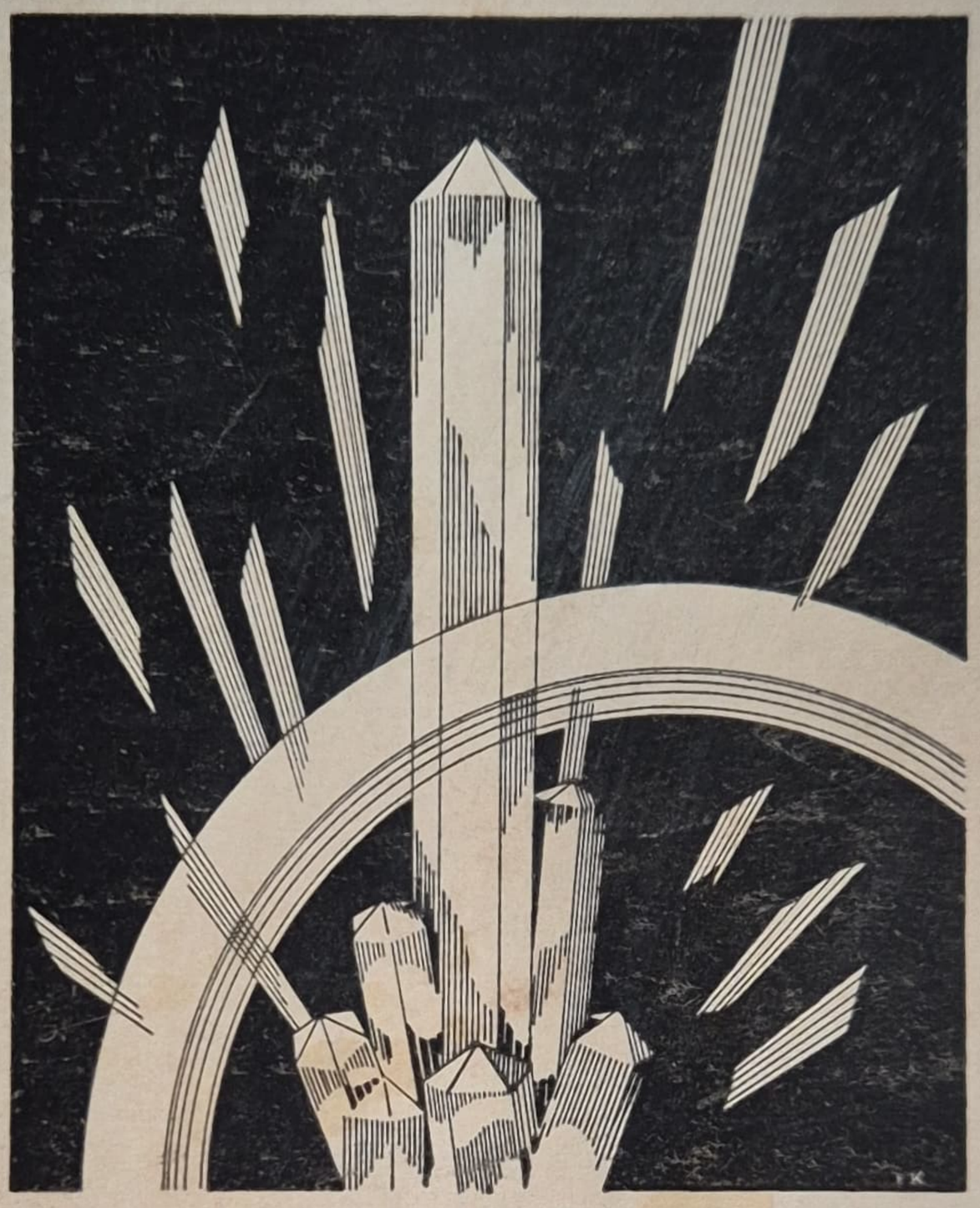


ZARATUSTRA

REVISTA DE CULTURA

EM TÔDAS AS LIVRARIAS

DICIONÁRIO ANALÓGICO DA LÍNGUA PORTUGUÊSA

volume com 740 páginas

Brochura, Cr$ 150,00
Encadernado, Cr$ 180,00

COMPANHIA EDITÔRA NACIONAL
RUA DOS GUSMÕES, 639
SÃO PAULO

A

LIVRARIA FRANCESA

da Sociedade de Intercâmbio Franco-Brasileiro

oferece na sua loja da rua Barão de Itapetininga 275 - fundos

— as melhores seleções das edições francesas, em:

Filosofia — Psicologia — Sociologia — História — Geografia — Economia — Dicionários — Literatura — Poesia — Crítica — Teatro e Cinema — Pedagogia — Ciências — Tecnologia

— o maior sortimento de obras e albuns de arte,

— reproduções de quadros,

— livros infanto-juvenis.

- Serviço de encomendas de livros especiais na França
- Assinaturas de tôdas as revistas
- Reembôlso postal e fornecimentos em geral para todo o território nacional.

— Preços rigorosamente justos, com vantagens diversas.

Todos os dias, das 9 às 21 horas:

Telefone: 6-6091 — Saixa Postal, 5728 — Telegr.: "Infrabras"

***Filial no Rio de Janeiro*: 54-A, Av. Presidente Antônio Carlos**

Telefones: 42-4847 e 42-8829 — Telegr.: "Franlivro"

O Banco Nacional Imobiliário S. A.

ABRE AS SUAS PORTAS PARA AS CRIANÇAS DE S. PAULO

NA CAMPANHA DO

Desenvolvendo um amplo programa de serviços à família, o Banco Nacional Imobiliário, está realizando a Campanha do Kangurú-Mirim de incentivo à economia infantil. O valor dessa campanha para a formação educacional da criança resulta dos seus próprios objetivos: "Criar no espírito da criança um dos hábitos mais salutares que o homem pode ter na vida, o hábito da economia programada!" Mas ao cuidar da criança, o BNI não esqueceu as famílias: a elas vai dedicar o melhor de suas atenções, concedendo-lhes, mediante original plano, amplo financiamento para a aquisição da casa própria. Certamente o seu filho irá lhe falar sôbre o Kangurú-Mirim. Acolha com simpatia êste gesto do seu filho, pois o Kangurú-Mirim é um grande amigo de tôda a sua família.

Banco Nacional Imobiliário S. A.

(Filiado ao Sindicato dos Corretores de Imóveis)

Sede Central: Rua Álvares Penteado, 72 - Tel. 3-2184
Agência do Brás: Av. Rangel Pestana, 2121 - Tel. 9-7700
Agência Pinheiros: Rua Teodoro Sampaio, 2347 **Agência Paraíso:** Rua Paraíso, 915 - Tel. 7-3234
Agência São João: Av. S. João, 1183 - Tel. 52-8327 **Agência Jabaquara:** Av. Jabaquara, 812 - Tel. 7-1480

BANCO DO BRASIL S/A.

RUA ÁLVARES PENTEADO, 112 — SÃO PAULO

Enderêço Telegráfico "Satélite"

COBRANÇA — DEPÓSITOS — EMPRÉSTIMOS — CÂMBIO CUSTÓDIA — ORDENS DE PAGAMENTO — CRÉDITO AGRÍCOLA E INDUSTRIAL — CARTEIRA DE FINANCIAMENTO

TAXAS DAS CONTAS DE DEPÓSITO:

POPULARES (limite até Cr$10.000,00)	4 ½% a.a.
LIMITADOS — até Cr$ 50.000,00	4% a.a.
até Cr$100.000,00	3% a.a.
SEM LIMITE	2% a.a.
PRAZO FIXO — 12 meses	5% a.a.
PRAZO FIXO (com pagamento mensal de juros)	
— 12 meses	4 ½% a.a.
AVISO PRÉVIO — 90 dias	4 ½% a.a.
60 dias	4% a.a.
30 dias	3 ½% a.a.

DIREÇÃO GERAL e AGÊNCIA CENTRAL: Rua 1.º de Março, 66 — Rio de Janeiro. Agências em tôdas as capitais dos Estados e principais praças do País. Correspondentes nas principais praças do País e do Exterior. Agências no Exterior: Assunção (Paraguai), Montevideu (Uruguai) e La Paz (Bolívia) — em instalação —.

DEMAIS AGÊNCIAS LOCALIZADAS NO ESTADO DE SÃO PAULO: Andradina — Araçatuba — Araraquara — Assis — Avaré — Bariri — Barretos — Bauru — Bebedouro — Botucatu — Bragança Paulista — Cafelândia — Campinas — Catanduva — Franca — Garça — Itapetininga — Itapira — Ituverava — Jaboticabal — Jaú — Limeira — Lins — Lucélia — Marília — Matão — Mirassól — Monte Aprazível — Nova Granada — Novo Horizonte — Olímpia — Orlândia — Paraguaçú Paulista — Pederneiras — Piracicaba — Pirajú — Pirajuí — Pirassununga — Presidente Prudente — Promissão — Rancharia — Ribeirão Bonito — Ribeirão Preto — Rio Claro — Santa Cruz do Rio Pardo — Santo Anastácio — Santo André — Santos — São João da Boa Vista — São José dos Campos — São José do Rio Pardo — São José do Rio Preto — Sorocaba — Taquaritinga — Taubaté — Tupã — Valparaiso — Votuporanga — Xavantes.

ZARATUSTRA

REVISTA DE CULTURA

ANO I | JANEIRO DE 1951 | N.º 1

SUMÁRIO

	Pág.
ZARATUSTRA (apresentação)	7
A TRÍADA DO IDEALISMO DE HEGEL (Prof. Mário Ferreira dos Santos)	9
TEMAS DE PROBLEMÁTICA (Lázaro Brentano)	13
SÍNTESE DAS ORIGENS DA FILOSOFIA GREGA (Ana Luiza S. Saldanha da Luz)	20
APÓLOGOS, FÁBULAS E AFORISMOS (Mahdi Fezzan)	24
A MONOTONIA DA EXISTÊNCIA (Odilon Gomes)	28
A TRAGÉDIA DA EXCEPÇÃO (J. de Almeida Brito)	30
O HOMEM E A SOLIDÃO (Alcino Leal)	32
A ETERNIDADE DO INSTANTE (Lúcio da Silveira)	34
O ESTRATAGEMA DAS SERPENTES (Laura Dias)	36
ESCUTAI EM SILÊNCIO (Aquilino de Freitas)	38
UM POETA QUE NÃO QUER SER ORIGINAL (Redação)	39
POEMAS SEM ISMOS (Jerônimo Ferreira)	40
NÁDIA SANTOS (Redação)	45
CANTO À INFÂNCIA (Nádia Santos)	46
ERA UMA VEZ e TRANQÜILIDADE (Nádia Santos)	48
MEDITAÇÕES SÔBRE A FANTASIA COMO COMPENSAÇÃO DA REALIDADE (Dan Andersen)	49
A MÚSICA NACIONAL (Ana Lourenço)	51
ASSIM FALAVA ZARATUSTRA (Nagib Elchemer)	53
A DISCIPLINA DA LIBERDADE (Yolanda Lhullier Santos)	56
O PEQUENO BURGUÊS E A CONCEPÇÃO LIBERTÁRIA (Renato Lopes)	58
O PROBLEMA PECUÁRIO (L. R. Guasque)	61
ASSIM FALAVA ZARATUSTRA (Friedrich Nietzsche)	66
O EFÊMERO DAS CONDIÇÕES ADVERSAS (Eduardo Braga)	70
NOTAS E COMENTÁRIOS	72
CURSOS DO INSTITUTO CULTURAL "LOGOS"	94

Publicação Bimensal | **Número Avulso: Cr$ 15,00**

DIRECTORES:
Prof. Mário Ferreira dos Santos
Nagib Elchemer

REDATORES:
Yolanda Lhullier Santos
José Pereira de Mello
Astrogildo Silva
Ana Lourenço

COLABORADORES:
L. R. Guasque
Lázaro Brentano
Dan Andersen
Mahdi Fezzan
Nicolau Bruno
Yol
Nádia Santos
Jerônimo Ferreira
Aquilino de Freitas
Moura e Silva
Laura Dias
Lúcio da Silveira
Alcino Leal
J. de Almeida Brito
Eduardo Braga
Odilon Gomes
Ana Luiza S. Saldanha da Luz e alunos do Instituto Cultural "Logos"

Redação e Administração: Rua Paisandu, 73 — Conjunto 25 — SÃO PAULO

NO SEGUNDO NÚMERO DE

ZARATUSTRA

Lázaro Brentano
NOVOS TEMAS DE PROBLEMÁTICA

Prof. Mário Ferreira dos Santos
A TRÍADA DO IDEALISMO DE HEGEL (continuação)

Mahdi Fezzan
NOVOS APÓLOGOS, FÁBULAS E AFORISMOS

Dan Andersen
QUANDO A ARTE LUTA CONTRA A DECADÊNCIA

Aquilino de Freitas
QUATRO POEMAS INTENCIONAIS e AS DEZ NOITES

Jerônimo Ferreira e *Nádia Santos*
POEMAS

Lúcio da Silveira
A CASA DAS PAREDES GELADAS (novela)

Prof. Mário Ferreira dos Santos
ESQUEMA SÔBRE A RELIGIOSIDADE NA ARTE

Nagib Elchemer
TEMAS SÔBRE MÚSICA

Yolanda Lhullier Santos e *Ana Lourenço*
PITÁGORAS DE SAMOS E OS TEMAS DE SUA FILOSOFIA

Renato Lopes
FORMAS DE COOPERAÇÃO LIBERTÁRIA

Friedrich Nietzsche
ASSIM FALAVA ZARATUSTRA (novos cantos)

Astrogildo Silva
VERDADE E FANTASIA

Eduardo Braga
PITÁGORAS DE MELO EXISTE

NOTAS SÔBRE O LÚDICO (Redação)

NOTAS SÔBRE HEGEL, SPENGLER, NICOLAU DE CUSA E NIETZSCHE, (Redação)

NOTAS E COMENTÁRIOS SÔBRE ECONOMIA, SOCIOLOGIA, ESTÉTICA, etc.

COMENTÁRIOS SÔBRE UM PENSAMENTO DE PASCAL (alunos do Instituto Cultural "Logos")

COLABORAÇÕES de Odilon Gomes, J. de Almeida Brito, Laura Dias e outros

ZARATUSTRA

Por que "Zaratustra"?

Zaratustra é o símbolo da contradição, da luta dos contrários, do choque, da oposição criadora.

"Eu caminho por entre os homens como entre fragmentos do porvir, dêsse porvir que eu vejo.

Reduz-se o meu esfôrço, apenas em poder reunir e recompor êstes fragmentos, e tudo quanto é enigma e acaso terrível?

E como suportaria ser eu homem, se o homem não fôsse também poeta e adivinhasse enigmas, e também um salvador do acaso?

Salvar todo o passado e transformar "tudo o que foi" para fazer "o que deveria ser", eis aqui a única coisa que eu poderia chamar salvação".

* * *

Há duas formas de ver o homem ante a história: o homem como um produto da história, ou a história como um produto do homem.

A primeira, de origem marcadamente nórdica, prevalece hoje sobretudo no movimento socialista autoritário, enquanto a segunda, de origem latina, é aceita pelo socialismo libertário e pelo liberalismo, em geral.

Nós não vemos no homem apenas um produto da história, nem na história apenas um produto do homem. Há uma visão unilateral e perigosa nas distinções, nas separações, e duvidamos das fronteiras.

No homem, ante a história, há um transcender de ambos, produto do choque e da interação de ambos. Por isso acreditamos no que "o homem deveria ser", no que êle pode ser, como na sua vitória sôbre as contingências. Por outro lado, colocamo-nos destemerosamente contra todos os caluniadores do homem, de todos os matizes, contra aquêles que lhe negam a capacidade de criar por si só formas generosas de vida.

* * *

Nós acreditamos no homem e na sua dignidade. Acreditamos no homem que se supera. Não nesse ridículo

super-homem criado pela mentalidade mecanicista, nem naquele monstro de brutalidade e dureza do fascismo, mas no super-homem generoso e digno de Zaratustra.

* * *

Ainda mais: seguimos o conselho de Nietzsche, e desejamos também ser argonautas e penetrar por mares desconhecidos, afrontar tempestades, não temer os recifes nem os baixios, nem recear os naufrágios, à procura de novas terras.

* * *

Zaratustra, através de seus cantos, ensinou-nos um caminho a percorrer, cuja meta é um ideal, inatingível e estimulante como todos os ideais.

Ser nietzscheano é ter coragem para romper os limites, é ter coragem ante os homens, ante o incompreensível, ante as idéias, ante o sofrimento, ante si mesmo. Não é alcançar um limite senão para superá-lo.

Somos nietzscheanos à proporção que somos fiéis a nós mesmos. Neste caminho de fidelidade, não tememos afastar-nos do mestre, porque o discípulo não contradiz o mestre quando afirma a si mesmo.

Zaratustra, ao descer das montanhas, disse: "Eu amo os homens"! Posteriormente afirmou: "Até agora todos os sêres criaram alguma coisa que os ultrapassou. Quereis ser o refluxo desta grande maré e retornar ao animal, em vez de superar o homem?

Eis, eu vos ensino o super-homem. *O super-homem é o sentido da terra.* Que assim fale o vosso querer: possa o super-homem *tornar-se o sentido da terra!* Exorto-vos, ó meus irmãos: permanecei fiéis à terra..."

Podemos negar o mito do progresso na natureza, não podemos, porém impedir que seja êle um grande querer humano.

Não nos aliamos entre os que desesperam, nem deixamos que as angústias nos dominem. É preciso ter coragem para enfrentar os problemas, as dores, os desesperos. Pretendemos ir além de nós mesmos e aí está tôda a nossa pretensão.

Não chegamos ainda ao fim, porque há sempre um mundo que morre e um mundo que nasce.

O que somos e o que seremos, nossas páginas di-lo-ão concretamente.

"Ainda não luziram tôdas as auroras...".

E por mais belos que sejam os crepúsculos, anelamos sempre pela nova aurora, que sobreviverá às longas noites sem lua...

* * *

A tríada do idealismo de Hegel, ante a dialética antinomista

"Platão: no fundo panteísta, mas "travestido" de dualista". (NIETZSCHE).

prof. Mário Ferreira dos Santos.

Pretendemos, nos estudos que vamos fazer, examinar um dos aspectos mais importantes do pensamento hegeliano, e fundamental da sua dialética, a *tríada* (tese-antítese-síntese), bem como a sua concepção idealista, e as opiniões mais correntes sôbre o fundamento platônico ou não das idéias, em Hegel, cuja procedência discutiremos. A tríada hegeliana e os temas acima citados serão complementados por um estudo da crítica marxista ao hegelianismo, e de uma análise das muitas confusões feitas por Marx, Engels, Lenine e seus repetidores.

Para que penetremos em terreno tão importante, que exige o maior exame, necessário se torna uma visão construtivista da concepção idealista de Platão, para depois podermos julgar das afirmativas dos que filiam Hegel àquêle.

Examinaremos também a tríada em Nicolau de Cusa, o que fazemos no segundo número, para, então, estarmos aptos a visualizar o pensamento hegeliano, e podermos fixar os aspectos que acima prometemos analisar. Finalizaremos com uma apreciação da dialética antinomista, em face das opiniões freqüentemente expostas.

Iniciemos, portanto, por uma rápida visão da filosofia platônica.

Uma possível visão construtiva sôbre Platão

Em primeiro lugar, não devemos separar Platão do passado da filosofia helênica e das influências por esta sofridas da filosofia oriental.

Com Platão se inaugura uma nova fase da filosofia, e preferimos salientar Platão em vez de Sócrates, por razões que não cabem no momento estudar.

Já tivemos oportunidade de fazer algumas afirmativas em outros trabalhos, e como não desejaríamos fôssem julgadas frutos de apreciação precipitada, desejamos justificá-las, agora, com alguns elementos por nós considerados importantes para o esclarecimento de certos aspectos daquela filosofia.

Por exemplo, afirmamos:

a) a influência pitagórica na filosofia platônica, e conseqüentemente sôbre o tema do Uno-Múltiplo;

b) quanto às idéias, são estas decorrentes de uma idéia única (O Bem);

c) a concepção do demiurgo, que transparece na opinião geral, como um intermediário entre o mundo do eterno (mundo-verdade) e o mundo do finito (mundo-aparência), não implica totalmente numa concepção dualística ou triádica do universo;

d) há, em Platão, uma tendência marcante (sobretudo na última fase) para uma explicação una do Todo.

Examinemos tão ràpidamente quanto possível êstes quatro pontos.

Em primeiro lugar, a obra platônica está cheia de contradições. Essas contradições permitiram as divergências clássicas dos discípulos, como também dos intérpretes. Platão viveu um momento múltiplo e confuso da vida grega, e, além disso, era um esteta, e viveu estèticamente a filosofia. Impressionável a tôdas as idéias, viveu-as com intensidade tão grande que nunca se colocou alheio a qualquer opinião. Em suma, Platão teve a vivência de tôdas as idéias e êle mesmo representa a multiplicidade problemática da filosofia helênica. O entusiasmo dos personagens platônicos revela claramente as suas vivências. Para nós, Platão foi um filósofo no sentido mais potencialista do têrmo, pois foi capaz de viver, com a máxima intensidade, todos os momentos da filosofia até então conhecidos, e todos os temas e problemas que agitaram a filosofia grega.

Por isso é difícil estabelecer, em sua obra, um sistema rigoroso. Mas as contradições platônicas, a nosso ver, não são irreconciliáveis. Dá-se em Platão o que posteriormente fomos compreender em Nietzsche: essa capacidade de viver o múltiplo, de ser múltiplo, sem deixar de ser nem Platão nem Nietzsche, isto é, conservando tôda a sua autenticidade quando no exame das diversas teses.

As influências sofridas, por Platão, de Heráclito, de Pitágoras, de Parmênides refletem o universo da filosofia grega. Foi por isso o momento culminante dessa filosofia. Uma análise de tôdas essas influências torna-se desnecessária, pois nada viria contribuir para o estudo que desejamos fazer. Resta-nos apenas mostrar, em linhas gerais, o fundamento de nossas afirmativas.

A influência pitagórica é inegável, embora desvirtuasse a Pitágoras, o que será tema de futuros estudos.

Para Platão, o artista divino, o demiurgo, para criar o mundo, cotejou o eterno. São as idéias criadas por Deus ou existem em si e por si? Dispensamos a polêmica fundada na própria obra de Platão, onde transparece essa contradição. Mas afirmar, como Brochard, que em parte alguma da obra platônica se encontra qualquer afirmação de que as idéias foram criadas por Deus, não é verdade, pois, na *República*, lemos uma passagem, onde Platão afirma ser Deus o criador das idéias.

Entretanto, posteriormente, no *Timeu*, e em tôda a sua obra, tal afirmativa não se reproduz. Ao contrário, as idéias são apresentadas como existentes em si e por si.

Sabemos que, para Platão, a idéia mais alta é o Bem e dela decorrem tôdas as outras. Pois, no *Timeu*, a causa da criação é o Bem que existe no demiurgo. Por ser *bom*, quis dar ordem ao caos e animou o mundo. Êsse demiurgo modela o mundo através de si mesmo, porque êle é bom. A opinião de São Tomás e de Stallbaum e a conciliação tentada por Lutoslawsky não implicam uma absurdidade ou uma ingenuidade.

Mas vejamos antes como concebe Platão as idéias e a sua hierarquia. Reproduzamos um trecho famoso da *República*:

"— Entre os deuses celestes, qual acreditas é a causa e o autor disto, cuja luz faz que nossa vista veja da melhor maneira possível e que sejam vistos os objetos sensíveis? . . . ".

Êste ser é o Sol. E prossegue Platão:

"— Agora, o mesmo podes dizer que eu afirmo da progênie do bem . . ., quer dizer, que, na esfera intelectiva, êle se torna, para as inteligências e os inteligíveis, o que êste sol é para a esfera visual, para os olhos e os visíveis . . . "

E mais adiante:

"— O sol, dirás tu, assim o creio, não dá, às coisas visíveis, sòmente a possibilidade de serem vistas, mas também seu nascimento, seu crescimento e seu alimento,

embora sem ser êle o nascimento, etc.... e afirma, que também os cognoscíveis não só devem ao Bem o ser conhecidos, mas que dêle lhes provêm o ser e a essência, sem que o Bem seja a essência, ao contrário, permanecendo superior à essência, por dignidade e potência..."

E posteriormente diz:

"Na esfera do cognoscível, a idéia do Bem é a mais longínqua e é necessário fatigar-se para vê-la, mas, uma vez percebida, deve compreender-se que ela é, para todos, causa de tôdas as coisas justas e belas, e, no visível, engendra a luz e a seu autor, e, no inteligível, ela mesma é autora e produtora de verdade e inteligência."

Para Platão as idéias são unas e múltiplas simultâneamente. No *Parmênides*, êle diz: "Não me pareceria estranho... se alguém demonstrasse que tôdas as coisas são uno porque participam do uno, e que estas mesmas são múltiplas porque, vice-versa, participam do múltiplo; mas se chegasse a demonstrar que o uno (a idéia), é êle mesmo múltiplo, e que êstes mesmos múltiplos são uno, isto, sim, me maravilharia".

"De que maneira .. sendo cada uma (idéia) sempre una e mesma... firmíssima em sua unidade, se deve supô-la, ao mesmo tempo, espargida nas coisas engendradas e infinitas, multiplicando-as, e totalmente íntegra em si, separadamente: eis aí o que me parece a máxima impossibilidade: quer dizer, que o idêntico e o uno se engendram conjuntamente numa coisa e, em muitas, ao mesmo tempo (*Filebo*). Mas os antigos, que tinham mais valor que nós, e estavam mais próximos dos deuses, nos transmitiram o seguinte oráculo: que os sêres, dos quais se diz que existem eternamente (idéias), decorrem do uno e do múltiplo, e levam congênitos em si mesmos, o limite e o infinito (*Filebo*).

"O uno, pois, sendo uno, é em certo modo, uno e múltiplo, e todo e partes e finito e infinito de multiplicidade (*Parmênides*)". Mas é necessário... não aplicar a idéia do infinito à pluralidade, antes de ter reconhecido, para ela, o número como meio entre a infinitude e a unidade" (*Filebo*).

O mundo das idéias platônicas não é um mundo imóvel como já o salientou Aristóteles e o próprio Platão o afirmou no *Sofista* e no *Filebo*. As idéias são *vivas*. Mas, por elas, chegamos também ao Sumo, ao Bem. A Medida conserva a mescla, a Beleza é a conveniência proporcionada pela qual a mescla é perfeita e, por fim, a Verdade, condição da realidade ontológica.

Mas essas três idéias nos mostram o Bem, causa da mescla e da bondade da mescla. A hierarquia parte daí. Quanto mais se aproximam, são mais hieràrquicamente rebaixadas. O Deus platônico é uma mescla de idéias. Mas mescla é sinônimo de participação: o deus platônico participa das idéias. Mas, neste caso, um participar é um constituir. A alegação de que a idéia do Bem não tem *personalidade* e, portanto, não pode ser o Deus supremo do platonismo, julgamos que cai na petição de princípio do cristianismo que concebe um Deus *pessoal*. Ora, para Platão, o *nous* é algo inferior. No *Timeu*, como no *Filebo*, apresenta o *nous* como inseparável da *psique*, e esta não é a idéia. Na *República*, Platão diz que a idéia do Bem produz a Inteligência e a verdade. Portanto, para êle, ela é superior àquelas, porque as faz nascer.

Assim o Deus platônico, neste caso referimo-nos ao Demiurgo, é a mescla das idéias, é a participação das idéias que o constitui.

A idéia do Bem está acima da Essência e do Ser, como já vimos. Aí está o Deus supremo platônico, de onde tudo nasce.

Em geral, na crítica da obra platônica, costumam ver a tríada: Idéias-Demiurgo-Matéria.

Vimos que, segundo a nossa síntese construtivista, o segundo se reduz ao mundo das idéias por ser uma mescla de idéias, e essas são as manifestações de uma idéia suprema, a do Bem.

Resta agora o terceiro elemento: a Matéria.

A crítica da obra platônica vê esta como algo à parte da idéia. Mas será certa essa apreciação geral? Há no *Timeu* uma passagem bem expressiva, que desejamos reproduzir:

"Dizendo que (a matéria) é uma espécie invisível e amorfa que contém tudo, participa, em certo modo — muito difícil de compreender — do inteligível; dizendo isso não nos enganaríamos". (*Timeu*).

Brochard comenta dêste modo: "A matéria é, pois, um gênero que participa do Inteligível. Decididamente, a dúvida não nos parece já possível: eis-nos aqui, incontestàvelmente, em presença não só do *Outro*, mas da própria idéia do *Outro*, dessa idéia que, no *Sofista*, se identifica com o *Não-Ser*. E a expressão *aposôtata* não é curiosamente manifesta se se recordam os laboriosos esforços tentados pelo autor do *Sofista* para demonstrar que o Não-ser existe?".

Grande é a sinonímia platônica de matéria, sinonímia comum aos filósofos desta categoria, em que se combinam, simultâneamente, o esteta com o filósofo.

Ora, a doutrina platônica afirma que fora da idéia não há outra realidade. A matéria não é algo à parte da realidade, mas apenas o Não-ser. A diferença consiste em ser uma o modêlo, e a outra a cópia. Mas a cópia não pode ser totalmente diferente do modêlo, ou melhor é, em algo, idêntica ao modêlo, pois do contrário não seria cópia.

Sintetizando: no mundo das idéias estas vivem separadas como manifestações intensivas da idéia suprema, o Bem. O Demiurgo é constituído dessa mescla de idéias, quando a necessidade obedece a Inteligência. Para evitar essa confusão, êsses caos das idéias que se mesclam, é que o Demiurgo, por ser Bom, dá a ordem que modela o caos, limite do mundou real. É a possibilidade de formar tôdas as combinações que, ao se formarem, constituem a matéria, a mudança perpétua, o eterno devir, o Proteu da mitologia helênica que reveste tôdas as formas, que se afasta, precisamente, da concepção aristotélica, embora nesta concepção se dê uma relação entre a idéia e o acto, ao qual deverá tudo quanto tenha de aparente realidade.

Vê-se dêste modo que Platão *tendia* para uma concepção *totalista* do universo.

Sabemos que as interpretações da obra platônica são as mais variadas. A que propomos é apenas um esbôço construtivista *possível*, e não queremos, porém, atribuí-la às intenções "totais" de Platão. E isso por uma razão muito simples: sendo êle um esteta, vivia com grande intensidade as diversas visões filosóficas, como viveu as de Pitágoras, Heráclito, Parmênides e as de Sócrates. Assim teve suas fases que não cabe estudar aqui. Mas essas apreciações, que ora fazemos, tornam-se necessárias para as análises posteriores, quando teremos, muitas vêzes, necessidade de retornar às suas opiniões.

A evolução e a complexidade de nossa filosofia Ocidental, dominada ainda pela identidade parmenídica, nos impede compreender Platão em todo o seu carácter específico e contraditório. Mas essas contradições, como no caso de Nietzsche, são em grande parte conciliáveis. E tanto num como noutro, não devemos nunca esquecer que eram dois estetas na filosofia, o que tanto predispõe à linguagem sinonímica e simbólica, que tantas dificuldades criam ao filósofo e ao estudioso de filosofia, preocupados com a determinação dos vocábulos, e que se emaranham numa rêde de conceitos fixos, formais, instrumentos muitas vêzes inadequados para situarem filosofias, como as de um Nietzsche e de um Platão.

(continua)

LÁZARO BRENTANO

TEMAS DE PROBLEMÁTICA

Onde não há espírito, não há trabalho. Os animais que chamamos trabalhadores são apenas mecânicos, automáticos, embora com a intensidade orgânica qué os distingue das máquinas. O homem põe espírito no trabalho; êle *concebe* o que deseja realizar.

* * *

A relação entre a realidade e a geometria, já foi bem caracterizada por Einstein quando disse:

"Na medida em que as proporções da matemática se referem à realidade não são seguras e, na medida em que são seguras, não se referem à realidade".

A matemática pura refere-se apenas ao caráter formal interno, e não à sua aplicação à realidade.

* * *

O economismo, o psicologismo, o historicismo, o biologismo, o empirismo, o materialismo, o subjectivismo, o mecanicismo, e muitos outros *ismos*, são formas viciosas da "Anschauung", pois não querem *compreender* o mundo mas *explicá-lo* redutivamente, ou seja, reduzi-lo a um plano base do conhecimento, a um único aspecto da realidade, dado como um incondicionado.

* * *

Em cada ciência, há um irredutível, mas há também um redutível. Há planos, campos, zonas — os nomes deverão ser precisados oportunamente pelos estudiosos — que se reduzem a uma ciência "anterior" ou "posterior", e outros que permanecem especìficamente próprios da ciência em questão.

Por exemplo: há algo na biologia que permite uma explicação físico-química, mas também o que é irredutível à físico-química, como também o que ultrapassa à própria biologia.

* * *

A contradição não é vencida, é sobrepassada pela *transfiguração*, quando o equilíbrio dinâmico é totalmente ultrapassado.

* * *

"Um gênero compreende indiferentemente os actuais e os possíveis; uma ordem só é composta dos actuais" (J. Lachelier).

* * *

A primeira antinomia fatal e necessária é a antinomia da existência. Nela é sempre necessário que exista contradição. Êsse o carácter trágico da dialética.

* * *

A ordem do desenvolvimento orgânico é inversa da ordem do desenvolvimento inorgânico. Predominam no primeiro os factores de intensidade sôbre os de extensidade, cuja inversa se observa nos segundos, pelo menos no terreno da macrofísica. Além disso, nos primeiros, o *todo* orienta, conduz a parte, que é pelo todo condicionado, enquanto, nos segundos, verifica-se a inversa. Eis aí o caminho para achar uma explicação da *causa finalis*, o finalismo, a teleologia, que sempre nos parece revelar o orgânico, em que o todo é sempre muito diferente da soma das partes, pois um corpo vivo não é apenas a soma de seus órgãos. Poder-se-ia dizer também que uma soma é diferente do conjunto de suas partes, pois um muro não é apenas a conjunção dos tijolos, da argamassa, etc. Se tal se dá neste exemplo, nos exemplo que nos dê a biologia, a diferença é ainda muito maior. Matemàticamente aqui, a soma seria apenas quantitativa, (como é, aliás, o campo da matemática) e os aspectos intensivos são inibidos, rejeitados, virtualizados.

* * *

Matemàticamente, dentro apenas do terreno da matemática, a soma é apenas o conjunto das partes. No mundo da existência tempo-espacial, a soma é qualitativamente diferente da parte, sobretudo quando nela penetra a ação do homem, que lhe empresta valôres ou nela capta valôres. Assim a *transformação* da quantidade em qualidade, de que falam alguns dialéticos, encontra aí uma explicação, um apontar para novos aspectos. Na verdade, a quantidade não se transforma em qualidade. O que se dá é o seguinte:

a) com a ação humana, a quantidade aumentada, pode ter novos valôres, diferentes da parte, o que lhe empresta uma qualidade diferente;

b) todo o aumento de quantidade, considerado apenas em si, traz conseqüentemente modificações qualitativas que lhe são *contemporâneas*. Nunca a qualidade surge em dado momento (senão para a apreciação humana) do crescimento quantitativo, mas acompanha a êste contemporâneamente, porque a qualidade é inseparável da quantidade, porque ambas são categorias do mesmo facto.

* * *

Um movimento absoluto (como quantitativamente infinito) seria um movimento que negaria a si mesmo por privação. Afirmaria a simultaneidade. O movimento absoluto de Einstein, o é em relação ao movimento da luz. Algo para mover-se tem de ser determinado, finito, ter existência, tempo espacial, portanto conjunto de contradições, o que não permitiria um movimento infinito nesse sentido quantitativo, extensista.

O movimento, em seus graus, é condição de tudo quanto é tempo-espacial (corpo).

* * *

Todo indivíduo vivo se caracteriza pelo *potência* de escolha de suas reações aos estímulos exteriores.

* * *

O tempo é inseparável do ser tempo-espacial, mas o tempo é o dinamismo do nada. É a desaparição a essência do tempo, que sucede e substitui a si mesmo constantemente, e êsse tempo é futuro, o qual, por sua vez, é o princípio da desaparição.

O tempo pertence ao futuro, porque o que é presente é apenas o futuro momentado. Um momento substitui o outro. O espaço é reversível, porque um espaço está ao lado do outro. É no tempo que está o sujeito, e a subjectividade é portanto criada por êle. O espaço é homogêneo, enquanto o tempo é heterogêneo, e é essa heterogenidade que cria o sujeito.

* * *

O que não é orgânicamente transformável (melhor, assimilável) é restituído pelo organismo ao exterior como mineral (ou orgânicamente), neste caso como inadaptável ao organismo rejeitador. Êste o processo selectivo da vida, uma prudente avaliação da vida. Poder-se-ia compreender êsse processo selectivo apenas como funcionando pela afinidade ou não dos compostos químicos que formam o organismo e que extraem, dos elementos apreendidos do exterior, os elementos que lhe são convenientes, repelindo os inaproveitados, isto é, os que não apresentam afinidades com os elementos químicos orgânicos. A doença é produto da impossibilidade de repelir os elementos não afins que, ao permanecerem no organismo. constituem um corpo extranho que impede o pleno desenvolvimento do mesmo, obrigando-o a defender-se pelos esforços de expulsão ou pela formação de compostos químicos que possam atacá-los, o que constitui ou compõe um estado anormal, e que exige uma solução.

Essa tese, no entanto, oferece uma grande problemática. Se explicássemos apenas assim a vida, caíríamos numa explicação marcadamente físico-química. No entanto, há uma predominancia, do todo sôbre a parte, no mundo orgânico, que torna tal interpretação imperfeita e insatisfatória, porque há soluções também diferentes, como adaptações, recomposições que não obedecem a êsse simplismo. Além disso, há a interferência do psiquismo sôbre o corpo, o que é hoje inegável. As próprias idéias adquiridas interferem e podem suscitar modificações extraordinárias.

* * *

O existir é o existir de uma coisa. Nós apreendemos a existência de alguma coisa, e não a existencialidade da coisa.

* * *

Descartes transcende a dúvida pela actualização sempre cada vez mais crescente da negação.

* * *

Tôda hipótese científica é um acto de fé.

* * *

É sòmente na afectividade, no dado afectivo, que sentimos os caracteres da eternidade, porque não é nem espaço nem tempo.

* * *

A memória é o passado. O tempo é apenas futuro, potência, que se actualiza no momento. Tôda a heterogeneidade do suceder não é plenamente acto, rigorosamente acto, porque sempre há um "a vir", um actualizar-se do futuro. Nós não percebemos a transformação, mas apenas um *aparecer* e um *desaparecer*, porque, na realidade, o que há é isto, e não a transformação.

* * *

Por não podermos abarcar simultânea e totalmente a existencialidade geral, surge-nos a representação e a simbolização do tempo. Da mesma forma, a simbolização do espaço decorre do facto de termos apreensões descontínuas (aspectos como partes de um todo) que nos oferecem visões sucessivas.

A representação do tempo é um resultado da ação, e esta resulta da impossibilidade de um conhecimento total.

* * *

Como somos viventes, a actualização da heterogeneidade temporal se processa mais acentuadamente. Naturalmente, por isso, o tempo e sua abstração, a temporalidade, tinham que se tornar temas relevantes para a filosofia.

* * *

A quantificação da existencialidade é notória em tôda concepção em que predomina o anelo da homogeneidade, da identidade. Quando aí, pressupõe-se a redução da qualidade à quantidade (o que muitos julgam inevitável). Mas apenas o que se verifica é uma *fuga* à qualidade, um repelir desta para afirmar a outra, um escamoteamento premeditado pela razão, uma imposição desta, dadas as suas características, uma actualização exagerada do homogêneo em detrimento da heterogeneidade, uma imposição da ordem dinâmica do inorgânico que em nós predomina, no processo racional. Por isso a razão, embora tenha muito que ver com a vida, e se dê na vida, é apenas um dos seus aspectos menos vitais, por ser menos intensista.

* * *

A razão não se preocupa com a compreensão; todo o seu interêsse se dirige para a extensão (dos conceitos). Não é tal proceder mais uma demonstração extensista da razão?

* * *

Bergson para libertar-se, para evitar as aporias eleáticas, recorre a um espaço homogêneo e indefinidamente divisível, e a um movimento qualitativo, cuja continuidade êle afirma ser mecânicamente estática, mas que nos é revelada como função da interpenetração das heterogeneidades, que nos revela a duração pura.

Bergson sentiu que a intensidade é uma sucessão de heterogeneidades, ao negar que ela fôsse sucessiva e homogênea.

A simultaneidade pertence à extensidade. E, para Bergson, o espaço é homogêneo e divisível, portanto divisível em partes idênticas. Mas percebeu, outrotanto, que nele intervém uma função de diferenciação:

a) espaço — inteligência, lógica = identidade extensiva.

Neste caso, o princípio de diferenciação pertence a algo fora do espaço, a outra realidade. Ação heterogeneizante no contínuo homogêneo;

b) tôda conceptualidade contém em si duas funções inversas:
1) analítica e temporal; 2) sintética e espacial.

Bergson empolgou-se no extensivo. A sucessão tinha de ser heterogeneidade. Se tudo fôsse homogêneo, nada sucederia para nós, e o tempo só é sentido pela mudança, pela intensidade.

Em Bergson temos: a) a fenomenalidade de Kant; b) o utilitarismo da ação dos pragmatistas; c) a solução de continuidade entre a causalidade mecânica e a causalidade orgânica dos vitalistas, entre o determinismo do meio e o desenvolvimento teleológico da matéria viva, entre a estática do tempo físico químico euclidiano e o dinamismo do tempo biológico.

* * *

Nosso subjetivismo modela o mundo exterior, chamado objectivo: é o que se vê històricamente.

As qualidades intensivas nos são mais reais, mas as qualidades extensivas anulam, aniquilam aquelas. Bergson, entretanto, as superestima, embora muitos não o creiam. Por que?

A inteligência é um instrumento utilitário da vida, e qual a razão dela em aniquilar a substância qualitativa temporal que a constituiu?

Bergson separa dois mundos: um mundo lógico, isento de intensidade, e um mundo de tempo interior, livre de tôda quantidade extensiva, ambos verdadeiros números. Êsse tempo interior livre, quer Bergson torná-lo completamente afastado da espacialidade, mas o próprio Bergson, no entanto, compreendeu essa inseparabilidade.

Bergson fêz obra de racionalista ao tentar suprimir a arracionalidade imanente, constituída precisamente pelo conflito de dois processos quantitativos potenciais opostos. A fusão de ambas é destrui-las, e é inalcançável.

Bergson acreditou que o contínuo revelado atrás das heterogeneidades da intensidade pertencesse à qualidade, quando realmente são manifestações do dinamismo extensivo.

* * *

No princípio de identidade, os lógicos querem separar a coisa de sua existência, quando ambas são inseparáveis. Uma coisa *é o que ela é*. A razão dissassocia o que é dado único na realidade, e identifica posteriormente o que ela artificialmente separou. O mesmo se dá com o princípio de contradição que também desdobra a realidade.

Essa a razão porque nem o princípio de identidade, nem o princípio de não contradição, nem tampouco o de razão suficiente podem dar lugar a uma necessidade absoluta e, referindo-se às relações, expressam sòmente uma necessidade relativa.

Como puras regras da razão, engendram apenas uma necessidade lógica.

* * *

O pensamento é histórico. Esta foi a grande conquista do conhecimento filosófico actual. Dar ao conceito seu conteúdo histórico é um papel que nos cabe.

* * *

Tôda filosofia pretende ter um caráter de universalidade e autonomia. A análise histórica de cada filosofia nos mostra, de sobejo, que não passa, no entanto, de simples *interpretação* da realidade, como já o acentuava Dilthey.

* * *

A variabilidade das disposições psicológicas gera as diversas *realidades.*

A ciência, na teoria, é uma disposição psicológica construída sôbre *leis* e que tem, portanto, a *sua* realidade.

* * *

A espécie faz parte do indivíduo. A espécie não é uma *essência* do indivíduo, algo que viva à parte do indivíduo, mas *está no* indivíduo.

* * *

A memória guarda apenas abstrações estruturadas das coisas, mais ou menos estruturadas. Não *retém* a realidade concreta, a qual se nos escapa. Das coisas conservamos apenas propriedades abstractas, não guardamos, na memória, o integral do apreendido pela consciência, mas apenas uma estrutura do percebido.

É a memória a base da consciência. A abstração, feita pela memória, funda-se em percepções reais e não são abstrações metafísicas; são abstrações modeladas, traduzidas pela nossa autonomia individual.

Essa acumulação de abstrações, sintetizadas cada vez mais, cada vez mais gerais, acabam tornando-se verdades universais que permitem o desenvolvimento da capacidade do saber científico.

Há confusão no compreender o que seja o *método experimental* e o *método objetivo.* A imaginação e sua influência na obra científica tem sido descurada.

* * *

A ciência nasce com os conceitos de necessidade e de universalidade. Sem êles, não há ciência. A ciência é um conjunto de *leis*, não de *causas.*

Por ter sido capaz de conceber a universalidade, a necessidade — criações da razão pura — construiu o homem a ciência.

Universalidade decorre do conceito de unidade, variante dêste, aplicação ao real do princípio de identidade, essencial à razão.

Necessidade é a expressão de encadeamento conceptual, produto da aplicação do princípio de razão suficiente.

A ciência está penetrada dos dois princípios da razão, penetrador das idéias de universalidade e de necessidade. É, acreditando na universalidade dos fenômenos e no seu encadeamento necessário, que o sábio investiga os fenômenos. E apesar dos factos, êle acredita neles e trabalha *como se* êles fôssem parte da realidade. É a penetração do espírito humano no mundo a conhecer.

* * *

Há substituibilidade do indivíduo em sua função social, quando êle falta, quando êle desaparece.

Somos *socialmente* substituíveis, não porém, pessoalmente. Tolstoi, Pasteur, Nietzsche são personalidades, e como personalidades são insubstituíveis.

Aqui há a diferença entre o social e o individual.

* * *

Há sêres humanos que têm o que se chamaria sua *eceidade* (*haecceitas*), algo de incomunicável em sua natureza que constitui sua característica individual, que o individualiza: um princípio de individuação, de pessoa.

* * *

A personalidade afirma-se na *singularidade*, e nesta a necessidade da *liberdade*. Só podem desabrochar, crescer personalidades e, portanto, singularidades, onde houver liberdade. Disso sabem todos os opressores.

* * *

No tempo há *multiplicidade;* a *unidade* participa do eterno. O Todo, se unidade, é eterno.

★

Os conceitos são estruturas puramente quantitativas; são por isso, na essência, números. Também, segundo compreendermos os números, compreenderemos os conceitos. Nós só numeramos o que distinguimos. E só numeramos a natureza porque nela distinguimos estruturas tensionais. Mas conceber essas estruturas como *processos* tensionais já nos levaria a conceber o mundo como processo, uma das inúmeras maneiras pitagóricas de compreendê-los. Quando Goethe disse que "a função, retamente concebida, é a existência pensada em actividade", êle via, na existência, um processo activo, e não como mera quantidade. A função, na matemática fáustica, que é relação de relação, já é um conceber activo, portanto dinâmico, heterogêneo, dialético, do número. É o primeiro passo para levar a matemática a penetrar no terreno do qualitativo, do intensista, que muitos matemáticos nem de leve suspeitam. Um estudo sôbre êste tema nos poderá revelar ainda outros aspectos interessantes, e Zaratustra, em breve, publicará uma seqüência de estudos sôbre o número em seus múltiplos sentidos.

★

O tempo como espaço interior e o espaço como tempo exterior é um enunciado engenhoso, mas, infelizmente, não tem fundamento.

★

SÍNTESE DAS ORIGENS DA FILOSOFIA GREGA - OS PRÉ-SOCRÁTICOS

ANA LUIZA S. SALDANHA DA LUZ

A filosofia especulativa dominante no Ocidente teve seu berço na Grécia.

A Grécia criou a sua filosofia ao contato com os povos da Ásia Menor, nos séculos VIII e VII A.C. Pelas investigações feitas em Tróia, Micenas, Chipre e nas Cícladas, vê-se que a representação do universo estava implicada nas práticas rituais, com a unificação dos grupos sociais aos mistérios da natureza. Essas representações são expressadas em *mitos*, divinização das façanhas de personagens históricas.

São precursores da filosofia Grega os: Mitos homéricos, hesiódicos e órficos.

Êsses mitos apresentam traços comuns, e não são o produto pessoal de seus autores, mas o "eco de comuns representações religiosas, assim como de sentenças morais e regras de prudência que apresentam em sua base um velho fundo de sabedoria".

Nos séculos VII e VI A.C., desenvolvem-se êsses mitos que são apresentados em forma mais sistemática.

Essa Filosofia apresenta duas fases: a teogônica e a cosmológica.

Vamos fixar os principais aspetos da primeira.

As civilizações pré-helênicas abeberaram-se nas culturas suméria e caldéia ou assírio-babilônica, irânia, egípcia, fenícia etc. Dos caldeos veio-lhes o uso do quadrante solar, o *gnomon* e as doze partes do dia; dos egípcios, a geometria.

E foi dêstes povos ainda, que lhes veio a idéia de unidade universal em vagas formas panteístas, o *caos aquoso*; a transformação do caos para a distinção dos sêres; a visão de uma conexão e simpatia universal; a idéia do dualismo entre corpo mortal e alma imortal.

CÓSMICAS ORIGENS

Segundo *Homero:* Oceano é o gerador dos deuses, e Tetis a mãe.
É a derivação do mundo do caos aquoso, do princípio húmido.

Segundo *Hesíodo:*

- *O Caos gera*
  - *Terra* — no cimo habitam os deuses; nas profundidades, o Tártaro tenebroso.
  - *Erebo*
  - *Nix* (a noite) — Eter, e o Dia
  - *Eros* — o mais belo dos deuses.

Segundo os *órficos:* No princípio existiam

o Caos
a Noite
Erebo, e o profundo
Tártaro

Não havia ainda nem a *Terra*, nem o *Ar*, nem o *Céu*. Nos infinitos de *Erebo*, engendraram-se os ovos de azas negras (ovos órficos), e, do primeiro dêles, nasceu *Eros*. Unido no Tártaro com o Caos, incubou e deu à luz a primeira geração de imortais.

Eros, mesclando tôdas as cousas, deu nascimento a
- Urano (céu)
- Oceano
- Géa (terra)

Segundo *Jerônimo* e *Helânico:*
Cronos e *Ananké* são os primordiais. Da água e da matéria limosa endurecida nasceu a terra.
Cronos e *Héracles* foram engendrados pela terra. A êle juntou-se a *Ananké*, idêntica a *Adrástea*.

Essas cosmogonias primitivas estabelecem os fundamentos dos principais problemas do homem: o problema de sua culpa; o seu destino; a responsabilidade da vontade humana; a lei da justiça; o mistério dos deuses, oculto aos homens; a conquista dos deuses pelo esfôrço do homem e o sentido pessimista, o desgôsto de haver nascido; os órficos aceitavam a imortalidade da alma e acreditavam que, dos mortos, nasciam outros sêres na transmigração das almas e tinham a vida corpórea como expiação.

Mas, no desejo de descobrir que é o *ser*, passam os gregos da fase de explicação mitológica para a fase dos "fisiólogos", que partem dos fatos empíricos, para ir além da experiência.

É o que se observa na filosofia jônica.

O PREDOMÍNIO DO PROBLEMA COSMOLÓGICO. OS JÔNICOS

Com os *jônicos* se inicia na Grécia a investigação CIENTÍFICA e FILOSÓFICA.

Tales de Mileto. (585 A. C. nat. de Mileto) { Fundador da *Escola milésica* ou de Mileto, introduziu o conhecimento de diversas filosofias orientais como a caldáica, a egípcia, etc. É considerado um dos sete sábios da Grécia e o "pai da filosofia grega", ou seja da filosofia jônica que se interessava pela "*natureza da matéria*".

Temas: A água é o princípio de tôdas as coisas. Não pròpriamente a água, mas o húmido. Há, em Tales, a influência das doutrinas egípcias.

A causa motora de tôdas as coisas é a alma, a potência divina, que põe tudo em movimento e penetra no húmido elementar. A terra navega sôbre a água. O mundo "está cheio de deuses".

Chamou-se *hilozoísmo* a essa animação, a vivificação da matéria.

Com Tales se processa a separação da filosofia dominada pela teogonia anterior.

A escola de Mileto é incluída na classificação geral da Escola Jônica.

ARISTÓTELES faz uma distinção, em sua metáfica, quanto aos que se preocupam com os problemas do homem e do cosmos:

TEÓLOGOS: são os que tratam da ciência sob a forma do mito.

FILÓSOFOS ou FISIÓLOGOS { são os que expõem suas razões "numa forma demonstrativa, cuja sabedoria, mais humana, não afeta, como a daqueles, um ar de solenidade, e se propõe menos a satisfazer-se a si mesma que a comunicar-se aos demais.

As suas investigações se processavam em tôrno da constituição do universo e dos problemas científicos, e as suas investigações tinham um sentido prático.

Com *Anaxágoras*, esta fase foi superada pela fase "antropológica".

Eram os fenômenos metereológicos, os que mais preocupavam os filósofos jônicos. Olhavam também a técnica humana como um motivo de superioridade, o que era uma conseqüência da influência "prática" do mercantilismo e da evolução econômica. A filosofia jônica abandona os mitos, faz observações, diretas experiências, e os jônicos tornam-se inventores. Mas não deixa de haver uma certa influência dos mitos na formação de sua filosofia sempre, porém com um cunho mais positivo e científico. Por isso são os jônicos considerados mais físicos que filósofos.

O mar é o grande tema de suas investigações, a sua cosmologia está impregnada do espetáculo das tormentas. Para êles a fonte de tôda riqueza é a água.

O infinito de Anaximandro *ápeiron* é o indeterminado de onde provém as coisas determinadas; a água, o ar, o fogo, etc. Para os jônicos, o infinito é o oceano e dêle proviriam as coisas determinadas.

Daí decorre o tema da *pluralidade* dos *mundos* de Anaximandro, tese seguida mais tarde por Anaxímenes.

No mundo que observavam havia vida, morte, transformações. Tudo provinha do Infinito. Tudo vive e morre dentro da eternidade do Infinito.

A filosofia dos jônicos é uma filosofia da natureza, de geógrafos e metereólogos. Mas tem ela um sentido religioso, há expiação e castigo, há justiça (Dikê), o que lhes empresta um caráter divino e imortal.

O sentido dialético, que vamos surpreender na filosofia jônica (a luta dos contrários), nasce da observação quotidiana de um mundo, onde se processam os contrários.

Há na filosofia jônica a preocupação do conhecimento da *arquê*, primordial e eterna, fonte de tôdas as coisas. É o conceito do absoluto, a eterna busca de tôdas as filosofias.

Mahdi Fezzan

APÓLOGOS, FÁBULAS E AFORÍSMOS

ORIGINALIDADE

Um homem procurou um feiticeiro, e disse-lhe:

— Dou-te uma moeda de ouro, se me deres o que te vou pedir...

— Pede.

— Sou escritor...

— Já sei..., adiante.

— Desejo, por isso, ser original. Que devo fazer?

— É simples. Toma das mesmas velhas idéias que os homens já pensaram e já disseram, através das mais antigas literaturas, e põe-nas outra vez em circulação.

— ...mas isso não é originalidade. Não é o que te pedi. Não ganharás a moeda de ouro.

— Espera! Tua ansiedade me ofende. Ouve: as mesmas idéias, os mesmos pensamentos, tu os tornarás a dizer. Tu, como todos, nada mais escreves senão o já pensado, e o já exposto. Não julgues que o homem é um filão inextinguível. Mas tu porás nessas idéias, nesses pensamentos, outras palavras, e lhes darás um outro nome, um nome novo, inaudito, inesperado, sonoro, extranho, que provoque, em quem leia, a mesma imagem, mas que lhe deixe um arrepio de espanto, de susto, de inesperado. Reconhecer-te-ão original... Anda, dá-me, agora, a moeda de ouro que me prometeste!

* * *

CASTIGO

Um dia os deuses quiseram castigar um homem.

— Qual o maior castigo que lhe poderemos dar? — Perguntou um dêles. E o outro respondeu.

— Que êle veja tôdas as cousas como as cousas são.

* * *

INSATISFEITO

Durante quarenta e cinco anos, êle percorrera a literatura, a história, a ciência. Devorara livros, visitara museus, cidades e países, e privara com intelectuais, artistas, políticos... Longas meditações com doutores da igreja haviam-lhe enchido horas e horas descuidadas. Aos milhares, somavam-se os livros de sua biblioteca. Uma avidez insopitável pelo conhecimento o angustiava. Quando desejava estudar algum tema novo, adquiria dezenas e dezenas de obras, entregava-se, dia e noite, ao exame minucioso dos tratados. Tudo queria saber, tudo precisava saber. Envelhecera muito, cabelos brancos, e óculos escuros cobriam os olhos cansados. A cabeça tombara sôbre o peito magro, e as mãos finas eram ágeis de tanto mover as fôlhas dos livros.

Um dia adoeceu. Na cama, cercava-se de livros, os amigos e companheiros de tantos dias e de tantas horas. Mas o médico proibiu-o de ler. Liam-lhe, então. Era um recurso insuficiente. Já não seria mais o mesmo; nada mais seria o mesmo.

Afundava-se na cama, desfazia-se em suspiros leves, numa tosse frágil, temeroso de interromper a leitura que lhe murmuravam ao ouvido.

Um dia sentiu-se morrer. No fundo da cama, a voz também perdera-se quase. Era um leve tremer de lábios, um balbucio imperceptível, mas levantou a mão descarnada ao amigo que lhe lera tantos livros. Um dedo magro, fino, esguio, apontava-lhe curvo. Gemeu:

— Vou morrer... por favor... procura-me a enciclopédia.. outro dia, lembro-me, citaste um nome... Lobineau... esse nome... muitas vêzes veio-me à mente... vê... vê... depressa...

O amigo correu rápido à biblioteca e não demorou muito. Leu-lhe baixo ao ouvido:

— Lobineau... Guy-Alexis Lobineau... historiador francês, nascido em 1666, em Rennes, morto em 1727...

— que mais... — a voz era longínqua...

....— ...Era beneditino. Escreveu a "História da Bretanha", defendeu a teoria de que os bretões jamais haviam reconhecido a soberania da França...

— ...que mais?... — a voz era longínqua...

— É só...

— ...e refutaram... dize... refutaram... a teoria?... — era um sôpro.

— ...não sei... como poderei saber agora?... não sei...

— ...morrerei... — uma placidez gelava-lhe o rosto. — morrerei... sem saber... se refutaram... ou não?... — os braços pendiam inertes, o rosto estava imóvel, os lábios mal se moviam. — ...que pena!... que pena!...

Na palidez do rosto, dois olhos brilhantes, com êsse brilho estranho da morte, vidrados, fixos, distantes, continuavam interrogando, interrogando, interrogando...

* * *

OS ANIMAIS SAÚDAM O SOL

Agradecidos dos favores que o sol oferece a todos os animais que vivem sôbre a terra, o cão propôs, e foi aceito, que se lhe prestasse, ao amanhecer, uma grande homenagem. Combinaram a organização de um grande côro dos animais, sob a regência do rouxinol.

Milhões de vozes se ergueram na madrugada, numa melodia única, suave, harmoniosa. Uma única voz desafinou e chamou a atenção de todos, e atraiu os olhares furibundos do leão, do tigre e do leopardo. Terminado o côro, o rouxinol, de cima de uma árvore, disse à rapôsa:

— Comadre rapôsa, que lástima! Por que você desafinou daquele modo?

— Ora, meu amigo, se não desafinasse como é que chamaria a atenção para mim?

* * *

O MACACO, O PALHAÇO E O BURRO

No circo já haviam passado os números do trapézio, do arame, o homem-cobra, etc., todos muito aplaudidos.

— Mas ninguém recebeu tantos aplausos como o palhaço e o macaco Simão, quando entraram no picadeiro. Foi um verdadeiro delírio!

O palhaço deu uns saltos mortais que o macaco acompanhou. Depois, ambos pularam, caíram, rebolaram; o macaco deu palmadas no palhaço, o palhaço deu

palmadas no macaco; um imitou o outro. E o povo riu, gritou, gargalhou, aplaudiu.

Quando terminou o número, maiores ainda foram os aplausos dos que pediam: Bis! Bis!

Fora do picadeiro, atrás da cortina, o burro dizia para os outros animais:

— Não há dúvida... O palhaço e o macaco são inegàvelmente os sêres mais inteligentes do mundo. Não estão ouvindo os aplausos?...

* * *

OS DOIS FILÓSOFOS

Resolveram os deuses homenagear um filósofo, cuja doutrina, eivada de erros, provocara o protesto de outro filósofo, que exclamou:

— Por que vós, ó deuses, desprezais a mim que escrevi pouco, mas disse verdades, e preferis êste, que tanto escreveu, mas que tantos erros pregou para tortura dos estudiosos?

Os deuses sorriram, e um dêles, com displicência, apenas pronunciou estas palavras:

— Porque grandes foram os seus erros. Não sabes que são mais significativos para a filosofia os grandes erros do que as pequenas verdades?

* * *

VERDADE IRREFUTÁVEL

— Deus existe?
— Sim; é uma verdade irrefutável.
— Satanaz existe?
— Sim; é outra verdade irrefutável.
— Deus é bom?
— Naturalmente; e é uma verdade irrefutável.
— Satanaz é mau?
— Sim; e é uma verdade irrefutável.
— Taoma existe?
— Taoma?! Quem é Taoma?
— Taoma é um deus que nem é bom e nem é mau...
— Mas isso é um êrro!...
— Sim; mas um êrro irrefutável.

* * *

O POETA QUE FUNDOU UMA ESCOLA...

Um poeta, que nunca fôra capaz de fazer um bom verso, que nunca pudera escrever uma balada, fundou uma nova escola de poesia e uma técnica nova, de acôrdo com as suas possibilidades. Se estudássemos os fundadores de escolas literárias, não pelo que realizaram nessas escolas, mas pelo que produziram nas outras? Se julgássemos os homens mais pelo que não puderam realizar que pelo que realizaram? Não seríamos mais justos?

* * *

Há uma hipocrisia: aquela de nunca falarmos de nós mesmos.

* * *

O que recebe louva sempre o desinterêsse e a bondade de quem dá...

* * *

Há uma queda subtil: aquela que cai, cai lentamente, até atingir o fundo.

* * *

É sempre nos homens distantes que vemos os melhores exemplos. São sempre as vidas distantes que desejaríamos viver...

* * *

O mais trágico na velhice é não conhecer mais o encantamento das exclamações da juventude...

* * *

Os que nada pedem à vida, os que se não queixam da vida, os que se não cansam de buscar, têm sempre um gesto desdenhoso quando acham, quando sofrem, quando ganham...

* * *

Nada nos faz esquecer tanto como os momentos de felicidade. Até a memória das dores passadas nos alegram...

* * *

Há um espanto doloroso e amargo quando chegamos a uma certa idade e compreendemos que não nos comoverá mais as histórias de fadas.

É como a decepção dolorosa de uma criança, que um dia se viu roubada de seu brinquedo favorito.

* * *

Todo gesto que anime a conformação ante uma derrota é imoral, humanamente imoral! A compaixão, às vêzes, é êsse gesto...

* * *

Para se defender uma idéia não basta ardor, nem entusiasmo. Impõe-se uma convicção tão grande que eleve os outros até ela, erguendo, ainda, até ela, aquêle que a defende.

É por isso que se impõe um pouco de loucura na defêsa de uma idéia.

* * *

O mal, muitas vêzes, é que provoca a reação do bem, em defêsa própria. Quantos ainda não notaram êsse benefício!

* * *

"O mundo é perfeito!" — Essa exclamação já fortaleceu a fé de muitos. E por que não vamos crer na magia de certas palavras?

A MONOTONIA DA EXISTÊNCIA

ODILON GOMES

"Viver", — dizia Valéry, — a despeito da opinião bastante difundida, a despeito da impressão, que nos dão da vida os periódicos, os teatros e as novelas, é uma prática especialmente monótona. A vida não está na desordenação. Nem tampouco, o imprevisto ou a realidade encerram a vida."

A concepção mecanicista tem sua decorrente no objetivismo anti-intelectualista da modernidade. Mas a vida não pode estreitar-se nas formas estabelecidas pela sensibilidade de uma época nem pela perspectiva determinada pelas ocasiões humanas. É preciso ver a vida além do próprio plano físico.

Há uma outra face que se sobreeleva ao plano físico. Há outras dimensões que escapam aos sentidos. Por decepcionar-se da vida ninguém vai trocá-la por um prato de lentilhas. Nem a alegria nem a felicidade podem nem devem ser procuradas a qualquer preço. A falta de capacidade para observar a vida sob um aspecto mais saudável, bem como sob um mais estético, não impede que nela haja saúde e estética. Nem todos têm seus sentidos preparados para perceber a ternura de certas lágrimas. E há na dôr, também alguns aspectos agradáveis, porque nem tôdas as dores doem.

As cousas boas são estimulantes para a vida, até os ataques contra ela dos derrotados, dos amolecidos, dos amesquinhados, que buscam lenitivos para as torturas que êles mesmos criam.

Porque seja a prática de viver algo monótona, as acusações não procedem. Há os que sabem embelezar a vida de luzes e de sombras. E, precisamente, a arte está nisto.

A artificialização da vida atual aumenta a monotonização. Sentimos a mesma nostalgia do desconhecido que experimentavam os romanos da decadência, aquêle cansaço de viver, aquêle "taedium vitae", gerador de tantas neuroses clássicas. Não resta dúvida que a guerra e as aventuras prováveis que ela oferece aos homens que se sentem arrastados à órbita dos destinos variados e imprevistos, criam uma maior tensão, um maior alertamento das consciências, uma vigilância contínua dos sentidos. Mas isto, embora possua "causas" predisponentes biológicas, não quer dizer que seja um mal necessário para os homens.

Daí porque não concordamos com a tese biológica da guerra. A guerra é ainda um recuo. É uma barbarização do homem. E não podemos deixar de aceitar que representa um retôrno depressivo.

Aceitamos a superação do homem sem a necessidade da violência.

Se defendemos a fôrca não a confundimos, por isso, com a violência. Nem negamos que os perigos estimulem os homens, porque a vida necessita de perigo.

Mas, por acaso, a vida acidentada das metrópoles e a aparentemente passiva dos campos são alheias aos perigos e às aventuras?

Por acaso o homem não tem encontrado diversos caminhos que substituam as necessidades das violências e dos perigos, sem necessitar, porisso da guerra? O desporto oferece, por exemplo, um campo imenso de emoções. O próprio mundo oferece nas conquistas inter-planetárias, na aviação estratosférica, na conquista do âmago da terra, outro campo imenso, onde se exercitem as fôrças humanas que necessitam de extraversão.

Não se impõe uma análise muito profunda para compreendermos que as guerras não nascem como movimentos coletivos e, sim, como conseqüência de outras condições de grupos ou de

ambições desmedidas de megalômanos. Todos os atuais problemas humanos teriam possibilidade de solução dentro dos limites pacíficos, pelo menos normais, sem que houvesse necessidade de sangueiras.

Não queremos dizer que desejamos o amolecimento das coletividades.

Ao contrario: combatemos o amolecimento e a artificialização. Não julgamos, porém, que a guerra seja, hoje, o único meio do homem exercitar seus músculos, sua vontade de potência, nem sua inteligência.

Há na guerra, sim, um desperdício de fôrças, de inteligências, de vidas. E basta olharmos o exemplo da revolução francesa...

Os frutos são sempre inferiores aos que os homens haviam desejado. A incompreensão obstinada de uns e a ambição desmedida de outros provocaram os conflitos. Na realidade todos nós somos culpados dêsses acontecimentos. Colaboramos numa enésima parte para que loucos se guindem ao poder e, depois arrastem o gado vacum humano à sangueira.

O fato de que as obras humanas tenham sido cimentadas em sangue e que tenhamos construido tudo à custa de lágrimas e de vidas, não justifica que a humanidade continue permanecendo no mesmo espírito guerreiro, de insanas violências.

Há caminhos novos ainda não trilhados e podemos recordar a frase do Rig-Veda "... não luziram ainda tôdas as auroras..." Precisamos, ao menos, acreditar na possibilidade de gerações que ajudem o homem a superar-se, a erguer-se acima de suas necessidades e convenções, tornando-se capaz de construir o mundo, cimentando-o com sua vontade e inteligência, e não mais sòmente com seu sangue e sua vida.

Os criadores da guerra aproveitaram-se sempre da monotonização da vida para arrastar os homens aos morticínios! Novos ideais humanos, ideais de aristocratização dos homens, de superações e não de igualizações mentirosas, poderão dar-lhes possibilidades de vitórias incruentas.

É preciso de uma vez para sempre que se estimule, no homem, a convicção de que há felicidade quando se supera, quando vence suas dificuldades, quando se ergue individual e coletivamente acima de sua pequenez.

A atual sensibilidade humana é o precipitado de uma série de sedimentações psíquicas. É tão universal a nossa época que a concepção do homem abrange hoje um conceito também universalista. Não o podemos mais separar e, num futuro não muito remoto, compreenderemos o homem ligado a tôda a existência e a alma humana com um reflexo, que grave em imagens ilimitadas as séries do acontecer. Há no ser humano, dentro de seu inconsciente, a história integral do universo. O homem é o cosmos. O conceito anterior que separava o homem do mundo, como um ser à parte, antagônico à terra, formou a filosofia de certas épocas particularistas.

Nessa época universalista iremos compreendê-lo, como o próprio acontecer cósmico. Há no homem tôda a história do mundo e dos mundos. Tem êle nostalgia de tôdas as eras geológicas e cósmicas.

Guarda em si os traumas psíquicos e os traumas físicos de tôda a cadeia infinita de sua existência. As épocas futuras projetarão o homem nesse "panteismo" universal. O homem há-de se libertar e sentir-se a parte que é um todo, porque participa do Todo.

O estado dionisíaco, desejado, ambicionado por Nietzsche só então poderá conhecer o "excedente de vinho" de que êle falava. A emoção embriagadora cósmica, o dionisíaco impulso, criará a sensibilidade mais refinada que jamais existiu.

O homem sentirá suas obras e as cousas com uma sensibilidade que afirmará tôdas as sensibilidades já experimentadas numa grande e nova afirmação de grandezas e pequenezes, de infinito e finito.

A TRAGÉDIA DA EXCEPÇÃO

J. de Almeida Brito

Há dores que transcendem o âmbito das perspectivas quotidianas, como nos sofrimentos que se escondem, se guardam atrás da penumbra dos sorrisos, ou buscam silêncio nas gargalhadas. É proverbial a felicidade de muita gente que consiste unicamente em parecer aos outros venturosa. As famosas quadrinhas de Matastásio e o poema de Raimundo Corrêa recordam-nos êsses momentos humanos. Há sofrimento maior, um sofrimento oculto, que se esconde atrás de olhares longínquos, de serenidade de gestos, de olhos machucados... É o sofrimento da personalidade. A grandeza e a glória trazem o travor amargo das grandes dores, porque morais, porque profundas, porque dilaceram vigas mestras da personalidade, porque martirizam acomodamentos psicológicos que custaram torturas, noites indormidas, meditações demoradas, sacrifícios incruentos de esperança e de impulsos que foram acorrentados nas cavernas da alma.

Os grandes homens são os que mais sofrem. Mas, também, para êles, há grandes compensações psicológicas. Quem compreende a dor de um sábio que se oculta incompreendido, absolutamente insuspeitado em seu valor e capacidade, e que se entrega, anos a fio, comendo sua própria vida no banquete trágico de seu laboratório, correndo em busca, muitas vêzes, duma quimera, e que vê nevar seus cabelos, ceder ao pêso dos estudos seus ombros, tombar o peito encolhido, marcar no rosto o sulco das desilusões e as pegadas do tempo, e, sentir, outrotanto, muitas vêzes, o malôgro de suas experiências ou a inutilidade de sua busca? Anos perdidos... Onde lhe fica a compensação da glória? Todo seu trabalho desaparece nas sombras do anonimato, e, o que lhe dói, não é a glória que lhe negaram, mas a incompreensão de seus semelhantes; o que lhe dói, ainda, não é só isso: é a personalidade que êle nem sempre soube domar, que êle nem sempre soube dirigir para a conquista da realidade dos sonhos que muitas vêzes lhe embriagaram de fé e de entusiasmo na tepidez dos pensamentos, e que lhe esquentaram a alma e o sangue. Ainda não se glorificou o trabalho anônimo dos sábios malogrados.. No fundo do espírito humano, há algo ainda de misterioso, há um "fatum" que se não transmite, que se não domina. Ele é uma solução prévia ao rumo que o homem traça. Proclama os entraves que o azar dispõe, grava no espírito sulcos que nem o tempo nem a vontade apagam, marca com letras de fogo o próprio nome no destino. Quantos filósofos, ante o contôrno de suas vidas, o panorama social que os cercam, destroem-se para se não chocarem com seu ambiente, vulgarizam-se à custa de si mesmos!

Quantas vêzes a obra de um grande homem não lhe pertence, e sim ao seu meio, ao seu clima. Ele é o ambiente, a "entourage" das personalidades que lhe emprestam seiva, um reflexo das sedimentações coletivas de seus semelhantes.

"Eu sou .." é uma afirmação, às vêzes, dolorosa! Quão difícil para pronunciá-la em certos instantes de nossa vida! Quantas vêzes a ditadura do meio transforma a própria alma e o autor é o tradutor traidor de si próprio. Há uma prévia censura que o domina, que o amolda, que o modifica. E, no silêncio de si mesmo, a tragédia de sua afirmação lhe custa o melhor de si próprio. Eleva-se, sabendo que sua ascenção é um declínio. Sabe que lhe marcam, no tempo ou no destino, a sua queda. Sua glória é o reflexo coagulado das aspirações da coletividade que representa, seu renome é simplesmente a bandeira de uma orientação. E essa destruição de si próprio, essa trágica deglutição de sua personalidade, é a

grande derrota subjetiva que se esconde atrás do sorriso de ventura que causa inveja aos outros.

Mas essa tragédia, às vêzes, têm laivos homicidas. É quando o artista, e pensador, não trepida ante a sua destruição, quando arraza sua própria tendência, passa de sua categoria típica, quando nega a si mesmo a simpatia, tiraniza seus anseios, deturpa-os, condiciona-os, transmuta-os, e nega-se. Despersonaliza-se para atingir o estilo de seu contôrno, escreve um "in memoriam" de si mesmo. Sepulta-se nas idéias emprestadas, nos gestos e nas atitudes imitadas. E no aconchego do seu silêncio que penetra nos caminhos percorridos de sua vida, e espreita aquêle que deixou atrás, aquêle que teria sido se a fraqueza de sua vontade não lhe tivesse dado um outro destino. "Se a ciascum l'interno affanno si leggesse in fronte scritto, quanti mai che invidia fanno ci farebbero pietá . ." E a quadrinha de Metastásio serve por um epitáfio.

★

Convém observar que tôda medida (número apenas como medida, como magnitude) exige sempre um *ponto de partida*. Mede-se *de*... Essa observação bem *meditada* (e meditar vem de medir) é de ricas conseqüências.

* * *

Há uma diferença notável entre a filosofia e a ciência. Esta *acrescenta* a cada saber um novo saber, a cada *explicação* acrescenta outra explicação. Na filosofia, ao contrário, cada nova teoria quer negar as outras, *substituí-las*. Se examinarmos o dialetismo do tempo e do espaço, vemos que, no espaço, há acrescentamento, presença de uma parte *com* outra. Do espaço, deduzimos e ao espaço acrescentamos. No tempo há substituição de um instante por outro. A filosofia é mais tempo, por isso mais profundamente histórica que a ciência.. Mas êsse aspecto apenas revela sua actividade em geral, porque quanto ao método, a ciência é mais dialética. Esta conserva e supera enquanto aquela substitui. A ciência realiza assim um progresso qualitativo e quantitativo, conseqüentemente é escalar (mais ou menos), enquanto a filosofia, por substituir, torna-se alternativa (ou... ou...). Substitui uma posição por outra; uma nega a outra. Não há, então, um acrescentamento na filosofia? Há; e a filosofia deve aceitá-lo, e com êle proceder, construir, realizar, libertando-se da alternativa rígida. Só por êsse caminho a filosofia se tornará também progressiva. A aceitação dessa actividade permite, desde logo, tomar-se uma posição cêntrica, eqüidistante tanto quanto é possível qualquer humana eqüidistância ante as tomadas de posição extremas e sobretudo unilaterais. A conquista dessa posição oblíqua permite coordenar a filosofia numa visão geral histórica, que a revelaria genèticamente, com a antevisão, outrotanto, de suas possibilidades reais.

★

O HOMEM E A SOLIDÃO

ALCINO LEAL

A máquina mudou a nossa sensibilidade. Esta transformação se processou, nalguns pontos, tão bruscamente que atingiu formas revolucionárias. O homem de hoje renega o passado, porque o ritmo de sua vida é uma negação do passado. O grandioso que apresentam (quantitativamente) as realizações modernas, empequeneceu as obras grandiosas (qualitativamente) do passado, porque a nova alma humana é mais quantitativa em sua capacidade de percepção e sensibilidade.

O homem atingiu certo bem estar graças ao desenvolvimento da máquina, o que lhe deu uma convicção de fôrça. As condições de vida humana sofrem transformações bruscas, profundas, sòmente apreendidas através das estatísticas, pois a actual facilidade de adaptação às inovações é a mais forte que jamais conheceu a humanidade.

Instalam-se novas fórmulas, novas maneiras de viver, que, anteriormente, custariam rios de sangue para serem impostas. O homem aceita tudo quanto lhe pareça criar uma possibilidade de confôrto e venha resolver-lhe uma necessidade actual.

Êle não nota nem se preocupa com o fato de que, saciada uma necessidade, outra reponta. Inventam-se produtos de máquina para satisfazer necessidades que ainda não existem. O homem cria-as; depois, porque já existe o meio de solucioná-las, o hábito dá-lhe esta segunda natureza.

A evolução humana processa-se mais rápida. As transformações de povos, de idéias, de opiniões, de perspectivas, são obtidas com tanta facilidade e rapidez que causariam assombro aos homens dos séculos passados, se pudessem ser espectadores das horas revolucionárias que estamos vivendo. O homem alargou sua capacidade de sentir e de viver através do ciclópico aumento dos maquinismos que vieram substituir até suas faculdades intelectivas. Há máquinas que substituem o homem em grande parte dos seus trabalhos intelectuais. A libertação do homem está se transformando numa verdadeira escravidão à máquina. Êste aspecto está tão debatido que exigiria demasiado espaço para analisá-lo, agora. A percepção humana modificou-se intensamente. Os próprios sentidos já são diferentes; a velocidade deu uma concepção do tempo restringida. Um dos grandes problemas do homem chamado moderno é o problema psíquico. Êle tem diante de si o abrumador problema abissal do futuro. São imensamente fortes e universais as fôrças que entram em choque neste instante, o que empresta um carácter trágico à sua vida, atrás da máscara do aparente humor e da atitude optimista, manifestada apenas na epiderme. No fundo, êle é o mesmo angustiado homem da decadência romana, com os bárbaros às portas. É o mesmo angustiado homem da "dança macabra" da idade média, quando a peste varria a metade da população da Europa.

"Todo aquêle que alcança a consciência do presente é por fôrça um solitário. Em todos os tempos, o homem *moderno* foi um solitário pois cada um dos seus passos para esta consciência mais alta e mais ampla vai distanciando-o da participação mística primitiva e puramente animal com o rebanho, e arrancando-lhe da imersão no inconsciente coletivo". (Yung).

O homem superior é um solitário. Na época actual do homem-massa em que o gôsto se generaliza num sentido de perspectiva comum, de anseios comuns, de opiniões comuns, não é de admirar haver de um mesmo fato, uma interpretação igual e um mesmo comentário. O homem-superior é naturalmente, um alheiado ao homem-massa, é uma excepção. O homem-massa encerra conceitos comuns, perspectivas comuns, gostos comuns. Isto pode ser um ideal... para os homens-massa. Nunca será um ideal para o homem que *sente* a si próprio, que se observa como excepção, cujo ritmo de alma é, naturalmente, diferente da do homem

vulgar. Esta excepção é muitas vêzes perigosa, destas excepções saem também os "perturbadores da ordem".

Para os que desejam dominar os homens, guiá-los, o homem-excepção é sempre um exemplo perigoso, inconveniente. A excepção é sempre um limite ao rebanho, e exige, porisso, normas especiais, porque tem interpretações especiais. Os dominadores, os "pastores" de massas humanas, são, muitas vêzes, excepções, mas que se adaptam ao rebanho e, porisso, querem dominá-lo, procurando ser excepção dentro do rebanho. Mas a verdadeira excepção é sempre excepção e estará fora do rebanho. Zoològicamente, o que está fora talvez tenha sido a única fôrça capaz de permitir a evolução; se não a única, pelo menos a mais ponderável. Buscar regras diferentes de pensar, intuições mais profundas, vozes que só a solidão nos permite ouvir, guiar-se por anseios que vêm libertados das pressões do meio, e permitido sòmente aos que se ausentam, aos refratários. O homem de gôsto superior nunca será o mesmo. Suas reações diferem quando em meio dos seus semelhantes. Más companhias tornam-se muitas vêzes necessárias para conhecer o homem comum. "São sempre más companhias tôdas aquelas que não são de nossos iguais". (Nietzsche).

E isto representa sacrifícios que não se podem calcular, destruições de si mesmo...

Dentro da sociedade, os homens vivem ainda a prehistória. A maior parte tem ainda uma mentalidade primitiva, arcáica e as grandes conquistas, através dos séculos, são apanágio de camadas sociais reduzidíssimas.

As vastas massas ainda raciocinam com os mesmos convencionalismos primitivos. Há homens de tôdas as culturas no Ocidente, bizantinos, góticos, barrocos, clássicos racionalistas, gregos, romanos, chineses, árabes, e outros ainda mais primitivos. Há mentalidades prelógicas, embrionárias. E o homem, em conjunto, o homem bovino, nunca pode ter uma mentalidade acima da subnormal. Só os solitários podem exceder à linha média. O homem moderno, que tenha consciência de sua actualidade, tem de ser um solitário, e para poder superar em si mesmo as vidas passadas, "esquecer" vidas já vividas, atingir ciclos mais elevados da consciência, necessita grandes silêncios, concentrações, meditações profundas.

A solidão é para êle um título de glória.

★

A quase totalidade dos psicólogos, antigos e modernos, não conseguem definir o que é a vontade, o arrependimento, o terror, os ciumes, o capricho, a intuição artística, porque só se pode definir conceitos por outros conceitos, e tôda definição é uma classificação, portanto está contida na esfera do extenso. Mas o que é *páthico* no homem é mais intensivo ainda que o meramente psíquico, e, para compreendê-lo, tôda exposição quantitativista, como a da definição, é uma falsificação, um emascaramento. A intuição *páthica* e *simpathética* não se pode prender no campo do objectivo, que é sempre o campo do Logos, que é direcionalmente orientado para o objecto.

★

A ETERNIDADE DO INSTANTE

LÚCIO DA SILVEIRA

A noite estimulava abismos...

— Os filósofos afirmam que buscam a verdade e o verdadeiro, e que tortura lhes tem sido a verdade, que há milênios tentam interpretar, traduzir, definir, inùtilmente, sempre insatisfeitos.

A impossibilidade de conquistar a verdade os têm comovido, dilacerado, roído o espírito, atormentando-os nas noites indormidas, nas elocubrações sem fim, nas meditações demoradas.

Que maligna, fugidia, imprecisa tem sido ela, que se esvai pelos dedos quando o homem julga tê-la nas mãos. A Esfinge continua propondo perguntas, e as respostas provocam novas, numa fila interminável, que cança, que abate. Os céticos foram os que se cansaram dessa jornada sem fim. O homem quis apreender a imagem ideal do seu impossível: e a verdade tem sido isso, desejo de ultrapassar os limites de nós mesmos, ponto de apôio sólido para um corpo cansado, para um espírito indormido.

Perdida a fé, a verdade paira inconquistável. O amargo desinterêsse da busca da verdade é o precipitado hodierno de um cansaço, de uma busca julgada inútil...

Terminou êle suas palavras, fazendo um grande gesto de renúncia. Os braços tombaram lentamente, e a mão se espalmou com os cinco dedos apontados para o chão. Os lábios estavam agora serenos, e uma melancolia macia aveludava-lhe o rosto, enquanto o olhar nostálgico buscava na distância...

Êsse silêncio estimulou o outro que, com um arregaçar firme da boca, pronunciou com dureza estas palavras:

— Eu tentaria perguntar: o que é dentro de nós que nos impulsiona à busca da verdade? Será que procuramos a verdade ou também a mentira, a incerteza, a dúvida? Somos demasiadamente apócrifos para saber quem somos, na realidade. E não temos sempre consciência de nossos impulsos e, quantas vêzes, nossos mais nobres desejos, não passam de meras fantasmagorias de impulsos recalcados. Não precisamos entregar-nos ao devassamento profundo de nossas almas; buscar nas longas viagens através das paisagens misteriosas do nosso interior, as razões dos nossos esquemas mentais. Deixemos isso para os psicológos...

Temo às vêzes afrontar a mim mesmo nesses instantes que duvido de minha própria ânsia interrogativa. Êsses problemas, essas interrogações, não são só minhas.

Nessa época em que a decadência e o "confôrto" mascaram o vazio dos nossos desejos ou a superficialidade de nossos anseios, falar-se em problemas que transcendem a aparente profundidade das superfícies, é um perigo. Por muito menos outros estarão sendo arrastados a casas de saúde. "Senhores, é proibido interrogar!..." E por que essa ânsia de verdade não é admissível que tenha sua origem na ânsia do êrro? Quem nos diz que o homem busca o falso, mentindo a si mesmo, à sua vontade? Uma insatisfação do limite, das fronteiras que a ambiência lhe fornece, dos marcos que a vida lhe traça, dos confins que são seus semelhantes... O equilíbrio é precedido pelo prazer. Mas o prazer, ao dar o equilíbrio, desgosta, decepciona. O homem busca, depois, o indeciso, a imparidade. Estará no desequilíbrio o prazer?

Essa nova pergunta é uma contradição. E o homem é assim, quando tem o desequilíbrio busca o equilíbrio, e, quando tem êste, busca aquêle. Quando tem o êrro, busca a verdade. Mas pergunto: quando tem a verdade? Ela, simplesmente, é a convicção do equi-

líbrio. Ao marchar para ela, ao ver no horizonte a sua conquista, proclama-a perfeita, indefectível, absoluta. Quando a tem, nas mãos, é um instante fugidio, fugidio como o êrro. Por isso exclama: não, essa não é a verdade! Isso é o êrro. A verdade é outra coisa, ela não é assim, fugidia, imprecisa, tênue... e sua busca inútil continua...

E também seus braços cairam no mesmo gesto de renúncia e sua mão espalmada apontou os cinco dedos para o chão.

O primeiro guardava ainda no rosto o mesmo olhar nostálgico e o sorriso macio que lhe aveludava a face. E o silêncio também, o estimulou para que falasse. E sereno, lábios levemente trêmulos:

— A verdade da noite é o dia. E quando a luz da manhã violenta as trevas, há êsse instante fugidio que tem o prazer que precede ao equilíbrio. Na luz da manhã está a verdade, como nos matizes crepusculares ela se encontra, esguia e passageira, naquele momento agônico em que o dia se esvai e a noite ainda não chegou. Que labirinto de contradições!... Eu responderia: não será tudo a proclamação de que há uma parada, um compasso de espera, como se tudo parasse, como se o amanhecer fôsse um longo crepúsculo sem matizes, sem cambiantes de luz, sem agonias de côres, em que o tempo parasse como na eternidade.

A verdade está na eternidade do instante, se o instante fôsse a eternidade... Se êles vissem, porém, a opinião dos valores, a luta sem fim das afirmações e das negações, e o desejo do equilíbrio como um recurso de cansados, como se a vida cansasse de si mesma e desejasse o instante de eternidade que fôsse a eternidade do instante, não veriam que a verdade anda aí travestida de êrro, tênue, coberta de diafaneidades, no tule leve das aparências, afirmativa na distância, negativa na proximidade, esguia, vacilante como a luz das estrêlas, pálida como a lua entre as trevas, penumbrosa no oriente dos crepúsculos, ou nos ocidentes dos amanheceres. Hoje, penumbra aqui, luz ali, luz aqui, penumbra ali... Contraditória como o mundo, como as coisas, como nós mesmos. A verdade seria, então, essa contradição eterna, sem fim, fugidia como as trevas dos amanheceres e como as últimas luzes do crepúsculo...

Ambos emudeceram e eu vacilava entre êles. Contradiziam-se, mas completavam-se. Não seriam um só afirmando a si mesmo, com a afirmação de suas contradições?...

Deixei cair os braços num gesto de renúncia e a minha mão se espalmou com os cinco dedos apontados para o chão...

★

Na verdade *explicar* é uma tentativa da filosofia, mas uma tentativa frágil. *Compreender* é o verdadeiro fim da filosofia, porque, realmente, cada filosofia apenas oferece uma *compreensão*, não uma *explicação*. Por acaso Pitágoras explicou? Não; ofereceu uma compreensão, uma compreensão profunda, que a superficialidade das apreciações gerais não permite ver em tôda a sua extensão.

★

O ESTRATAGEMA DAS SERPENTES

LAURO DIAS

O conselho é sempre uma inútil advertência, uma proposta que possue a virtude de nunca ser aceita, que todos gostam de dar e ninguém de receber. Todos somos médicos para os males dos outros e para cada mal existe uma terapêutica, porque cada um tem sua medicina infalível. A juventude não gosta de ouvir conselhos e, na idade adulta, cometemos o mesmo êrro que imputamos aos jovens e prosseguimos não ouvindo as recomendações que nos dão. Desde Adão que o conselho é uma fórmula um tanto desmoralizada. Já a serpente, ofìdicamente esperta e viva, compreendeu a inùtilidade de se dirigir diretamente a Adão para industriá-lo. Conhecia, desde aquela época, o coração humano; melhor diríamos: o do homem. Adão não aceitaria o seu convite. Podia adorná-lo de frases lindas — e a serpente foi o precursor dos artistas — podia pôr uma tonalidade convincente de voz, rebuscar, num estilo bem medido, palavras certeiras que despertariam os instintos que dormitavam em Adão. A serpente poderia ter feito, pois tinha lábia suficientemente reptilesca, mas Adão era homem e não fôra feito para ouvir admoestações, porque lhe inculcaram os deuses um pouco dêsse chamado complexo quixotesco de superioridade.

Mas Eva, e a mulher o atesta, por outro lado, sofre um certo complexo de inferioridade. A serpente sabia disso e conhecia psicanálise melhor que o dr. Freud, e usou de uma dissuassão indirecta. Foi à Eva em vez de Adão já que êste não aceitaria sugestões, pois é sempre demasiadamente altivo e cabeça dura para aceitar as opiniões dos outros. Eva não era assim. Bastava tocar em sua vaidade, despertável sempre por se sentir inferior. A serpente sabia que a vaidade possue razões que a razão desconhece e ainda aí a serpente precedia Pascal e superava-o. Expos-lhe o que era o "fruto proibido": êle era tudo, precisamente tudo, o que lhe faltava.

A falta tem sempre um gôsto de proibição, desde os tempos adâmicos e a serpente usou o eterno estratagema: o das ausências. Tudo o que Eva quisesse, desejasse, e mesmo o que ela, em sua nudez e em sua inocência não conhecia nem poderia desejar, aquêle fruto tão maduro pelo sol, tão à mão, tão fácil para os olhos como para os lábios, alí estava para oferecer-lhe todos os encantamentos insuspeitados.

A exortação da serpente obteve bom êxito. Mas o que a serpente queria não era Eva, porque se sòmente ela pecasse, sabia, o Criador seria condescendente, magnânimo, sobretudo tratando-se de uma pobre mulher. Se, porém, Adão seguisse seu conselho e pecasse, tudo seria diferente, porque Adão era demasiadamente robusto, enérgico, vivo, de postura atlética, cheio de vontade, convicto de sua superioridade histórica por ser o primeiro homem na face da Terra. A serpente sabia que o Senhor não lhe perdoaria a desobediência. No entanto, se fôsse Adão o pecador, impediria êle que Eva também o fôsse. Ante o seu crime seria capaz de um gesto de suprema abnegação, porque a um homem como Adão tudo era possível, sobretudo tratando-se de uma mulher como Eva. E ela seria poupada, e a serpente não ganharia a glória de ter arrastado para o mundo, para o seu mundo, para a terra, para além das fronteiras do Paraíso, antecâmara do Céu, o homem que ela disputava com o Senhor. Por isso preferiu ir diretamente a Eva para atingir Adão e tudo seria obtido com a máxima facilidade. E além disso retirava, ao Senhor a oportunidade de perdoar.

O fruto proibido prometia tanta coisa... umas reticências provocadoras, um talvez de curiosidade... e Eva não resistiria.

Não andava ela pelo Paraíso à cata de tudo, querendo vêr tudo, examinando tudo? Não a vira abrir as conchinhas, espreitar os ninhos, esconder-se atrás das árvores para surpreender as intimidades dos animais? Essa volúpia de saber era demasiadamente superficial, mas indicava-lhe natural e ingenuamente o ponto fraco onde atacar. E foi.

Eva, a princípio, relutou. Mas quando a serpente lhe pos nas mãos e junto ao rosto o fruto maduro, rosado, apetitoso, foi negando com a cabeça que Eva o segurou. E comeu-o. Poderia guardar o segrêdo? A serpente sabia que não. Ela jamais deixava de dizer a Adão tudo o que aprendia durante o dia.

Não guardaria para si o segrêdo, e depois o Senhor andava espreitando-os, e certamente descobriria tudo, e Adão, num rompante heróico, se solidarizaria com ela. E se tremesse ante a ira do Senhor? Êsse pensamento era demasiado doloroso para que a serpente o contesse.

Por isso insinuou-lhe que dissesse a Adão, e já.

Nada mais expressivo que a confissão adâmica, quando o Senhor lhe perguntou porque o desobedecera, comendo o fruto proibido: "Foi Eva quem m'o deu, e eu comi..." Ingênua e nobre resposta, simples, mas histórica. Adão, com êsse gesto penetrou na história. O conselho, vindo de Eva, embora forjado pela serpente, era aceito e uma das primeiras leis psicológicas formou-se nos tempos felizes do paraíso terrestre: o homem só aceita conselhos quando êles vêm por intermédio da mulher.

Adão inaugurou êsse sistema que, depois, formaria a técnica vulgar dos que desejam dominar e arrastar os homens. Veja-se a história: tôdas as conquistas humanas, tôdas as ideologias, tôdas as idéias vencem quando mulheres as encarnam, para fundi-las na alma dos homens.

O homem sempre desconfia do homem e o seu complexo de superioridade não lhe permite aceitar orientações dadas por outro homem. Reage sempre, seu primeiro impulso, é sempre de oposição. A mulher, não; vem como Eva, de mansinho, meiga, serena, gentil, e pede sem pedir, propondo. Conjura de baixo não de cima, e aí está o sucesso dos conselhos femininos. Obriga, por isso, a que o homem pense sôbre o convite.

E a fôrça reativa, que gera seu complexo de superioridade, desaparece ante ela, porque não a considera igual. É outro sexo, e pensando ou não, aceita. Assim aquêles que desejam ou desejarem aconselhar os homens, façam-no através das mulheres. Não tem sido outra a técnica dos dominadores, desde Maquiavel e muito antes de Maquiavel, desde a serpente, que foi a primeira adepta da psicologia aplicada, nos bons tempos áureos do paraíso terrestre...

★

Poder-se-ia construir uma teoria do desenvolvimento das apreciações (sedimentação do método mental como utensílio para a compreensão da vida); ex: há racionalismo e irracionalismo no homem, potencialmente (factores ideais); quando as condições estruturais da realidade (factores reais) proporcionam ou exigem, para melhor adatação, etc. a conveniência maior de um ou de outro (racionalismo e irracionalismo) há precipitação maior de um ou de outro.

★

ESCUTAI EM SILÊNCIO

Aquilino de Freitas

"Quando nas eras prehistóricas, um homem riscou duas pedras, para delas arrancar a chispa de fogo que incendiaria um monte de fôlhas e de gravetos sêcos, ao seu lado, outro homem, de olhar maravilhado, sentia a atração selvagem da chama.

Êste homem era eu!...

Quando Leônidas, na batalha das Termópilas, caiu mortalmente ferido, murmurou suas últimas palavras ao caminheiro que o segurou nos braços: "Viandante! Vai, e dize a Atenas, que aqui morremos em defesa de sua lei".

Aquêle homem era eu!...

Quando Cristo, na Rua da Amargura, tombou pela terceira vez e não tinha fôrça para se erguer, um soldado romano pediu a um homem do povo que o ajudasse a carregar a cruz.

E do povo saiu Simão, o lenhador.

Era eu!...

Quando as multidões, ululantes percorriam as ruas estreitas e sujas de Paris, levando nas mãos archotes acesos, e, clamando por vingança, marchavam para o ataque às cidadelas dos nobres, entre êles, ia um de peito descoberto, cabeça levantada, e um archote na mão.

Era eu!...

Quando Bonaparte, prisioneiro dos inglêses, despedia-se dos seus soldados para seguir para o exílio na ilha de Elba, houve um da velha guarda que chorava entre muitos que choravam, e o deus da guerra, abraçando-o, disse:

— Despeço-me em ti de todos os meus bravos camaradas!

Aquêle soldado era eu!...

Eu estava em todos os momentos supremos da História. Em todos êles, aquêle que mais sofria, aquêle que mais gritava, aquêle que tinha um gesto de renúncia, um olhar de compaixão ou de ódio, era eu!...

Em tôdas as torrentes de sangue humano, eu verto um pouco do meu sangue. Em todos os momentos de alegria, eu sorrio o meu sorriso!...

Homem que vens das idades futuras, tu me encontrarás sempre em tôdas as páginas da história.

Onde houve uma lágrima para ser enxugada, uma dor para ser minorada, um apôio ao que caía, houve sempre alguém que soube enxugar essa lágrima, minorar essa dor, erguer com seu braço o desfalecido.

Êsse alguém era eu!...

Homem que vens das idades futuras, tu me encontrarás em tôdas as páginas da história!

Olha bem, homem das idades futuras, que verás sempre uma figura simples que tem um sorriso para os que sofrem e uma admoestação para os que pecam.

Sou eu!...

Um poeta que não quer ser original...

Seria impertinente se antecedêssemos as palavras que ouvimos de Jerônimo Ferreira, com os velhos lugares-comuns do jornalismo.

Preferiramos ouvir o poeta, que hoje apresentamos, cujas respostas trazem implícitas as nossas perguntas:

"Na realidade, não faço parte de nenhum grupo. Não desprezo os grupos nem simpatizo com êles. Desejo apenas ser só, tanto quanto possível, sem preocupar-me em transformar êsse desejo numa atitude sistemática. Falar de mim, depois das minhas poesias, creio que seria repetir inùtilmente.

Na verdade, procuro traduzir tudo quanto tem origem dentro de mim e que de mim exige uma expressão — uma expressão comunicativa como um sorriso entre dois rostos... Só nisso está minha *originalidade*. Que me importam se outros disserem que repito o que já foi dito. Para mim é original tudo quanto é sincero e que tem em nós sua origem. Por que outros amam, negarei a originalidade do amor? Bem vêdes que por essa posição deixo de ser formalista de qualquer espécie. Não rebuscarei formas para dizer o que sinto, porque tôda forma rebuscada ou prèviamente aceita condiciona apenas aquelas pseudomórfoses de que falam os mineralogistas.

Não quero que me classifiquem nem nisto nem naquilo. Não quero conter-me em fórmulas prefixadas, porque não desejo conter-me. Nisso vai tudo quanto ainda tenho de fáustico.

Quanto à pergunta se creio na poesia, poderia responder-lhe que só creio na poesia. Não sou por isso absolutista, porque admito outras crenças... mas para os outros. Para mim, basta-me a que tenho. Que nossa época tão objetiva pareça anti-poética, sei que muitos a julgam assim. Mas que tem que ver o poeta com a época? Muito pouco, e nesse muito pouco não está incluído nenhum condicionamento absoluto. Há muita poesia por aí, derramada em tôdas as coisas, porque tôdas as coisas têm um lado estético. Se muitos não vêem, a culpa não é minha.

A única atitude do poeta é a sinceridade. O mêdo de ser sincero é um grande mêdo, e provoca insinceridade. Muitos dizem que não são o que realmente são, por mêdo de parecer insinceros. Não há paradoxo nenhum, o paradoxo que parece existir é a criação dos que não entendem. Como pode criar o poeta se quiser encerrar-se dentro de um continente, como os gazes de que falam os mineralogistas que se cristalizam em formas que não lhe são próprias? Um poeta que, quando escreve, se autocritica, e vê o que é *antigo*, o que não é moderno em sua expressão, é um suicida.

Há poesias boas e poesias más. Quando julgamo-la boa, nosso dever é oferecer aos outros para que dela fruam ou mais até do que fruímos nós.

Se é má, ou assim a julgamos, guardemo-la. Com o tempo ela frutifica ou mirra. Se mirrar, joguemo-la fora. É natural, é conseqüente que com essas palavras me prejulgo: as minhas poesias são por mim julgadas boas.

Se para outros não o fôrem, não me entristeço com isso. Estou sempre satisfeito porque elas nasceram com tôda sinceridade... Assim estou em paz comigo mesmo, e, nessa paz de consciência, creio estar tôda a felicidade do poeta".

Foi isso o que nos disse Jerônimo Ferreira, e agora as suas poesias falarão por nós.

JERÔNIMO FERREIRA

POEMAS SEM ISMOS...

Por que desejarmos prender o que flui?
Compreendemos o vôo dos pássaros
por lhe dar um nome?
Não é a poesia o querer apenas desvendar o mistério?
O mistério sem fim, sem limites...
Deixa a poesia extravazar-se sem limites,
não a prendas em armadilhas.
Ela é como êsses pássaros que morrem
quando em cativeiro...

* * *

Se queres cantar as coisas,
deixa que o entusiasmo te domine,
não resistas ao mais poderoso de ti mesmo.
A poesia brota de nós quando nem a espreitamos.

* * *

Angústia dos que desejam expressar alguma coisa
e não podem...
Como queres cantar,
se logo impões silêncio às tuas palavras?
Quando escolhes o que dizer,
dizes sempre muito pouco.
Deixa falar teu coração,
escuta-o, apenas, só isso!

* * *

Eu sempre me afirmo quando falo a mim mesmo,
e, através de mim,
derramo-me por tôdas as coisas...
A linguagem que eu entendo
é a das coisas entre si...
Não quero intérpretes nem intermediários,
sacerdotes decifradores de mistérios,
necessários apenas aos que não sabem ouvir.
Os poetas não sabem falar aos corações
porque não deixam falar mais o coração,
temem tanto parecerem sentimentais.
Temerário, surpreendo o colóquio cósmico,
e a promessa do pássaro que corta o azul...
As palavras são apenas sinais
do que não podemos dizer...

* * *

Não tenho nada que ver com os teus ismos cerebrais,
que me importa se queres gaiolas douradas.
Eu quero é viver,
deixar viver a minha vida,
despi-la de ressentimentos,
de ódios, de angústias, de complicações.
Quero ser simples como as flores
que não criam problemas metafísicos
para os campos que atapetam.
Quero ser como a água
que cai das montanhas,
que nem precisa de adjetivos...

* * *

Se veres além das coisas,
fica certo, és poeta.
A poesia é o desvendar
a linguagem ingênua da natureza,
a linguagem ingênua do coração.
Inútil procurares, nos complexos conceitos criados,
o que êles não têm...
Teu mundo de problemas
se um dia êle te falar sinceramente
verás nêle apenas um sorriso ou os braços caídos em desilusão...

* * *

Também quero cantar a bem amada,
não quero resistir ao amor...
Não sou um resistente!
Os teus olhos meigos,
o teu corpo junto eternamente ao meu.
Não desconfio do amor que brota em mim,
nem duvido dêle, porque o sinto.
Deixa tua metafísica e tua problemática.
Nenhuma certeza, Descartes, é maior
que a do nosso coração...

* * *

Não quero pensar agora,
nem violentar a simplicidade do mundo com pensamentos,
que tem que ver a filosofia
com a alegria desta manhã de sol?
Que conceitos podem dizer
o que disseste com aquêle sorriso?...
Não, não quero pensar agora,
longe de mim, medidos pensamentos.
Deixa-me...
a manhã... teu sorriso...
meu corpo... teu corpo...
nada mais.

* * *

Deixai falar os frios, marmóreos,
que procuram a vida nos conceitos,
nas categorias, nas formas e nas leis.
Geométricos querem conter numa fórmula matemática
a aza que vôa.
Deixai falar os angustiados...
Os que falam dos malogros, do desencanto, do desespêro...
Deixai-os falar.
Deixai falar os que sofreram nas carnes
tôdas as dôres do mundo, —
— olhos moídos das paisagens doridas
dos ferros retorcidos e das manchas de fumo.
Há sangue nas palavras humanas
sem piedade.
Deixai falar tôdas as vozes e todos os idiomas
Dizei o que não cabe em vosso peito...

Queria ouvir tôdas as vozes,
que importa se fôssem sinceras,
mentirosas que fôssem..
Do alto das montanhas, contemplamos piedosamente o mundo
que é pequeno demais.
Mas nas planícies, também sentimos piedade.
Nós somos vôos de pássaros e vermes pelo chão...

* * *

Tanto é verdade que as coisas te amam
que elas te não resistem...
Por que pagas com o mal, o mal que te fizeram?
A alegria do bem que fizeste é só tua,
do mal que te fizeram para que ter memória?
Não amargures a água que bebes com gôtas de fél...

* * *

Estira para a vida um gesto de dignidade.
O que tu vales não tem medida,
porque só comparando-te contigo mesmo
é que te avalias.
Os outros não são as tuas medidas.
Tu és único, e êsse é o teu valor.

* * *

Gosto de opôr o meu rosto ao vento,
ao vento que sopra,
vento fresco ou morno das manhãs frescas
ou das tardes estivais...
As plantas falam quando desabrocham flores,
quando oferecem aromas e esplendores cromáticos
aos homens e aos animais.
O amor que delas se expande
só outras plantas podem compreender.
As plantas falam quando desabrocham flores...

* * *

É madrugada,
há uma agonia de côres no mundo.
Clareia a voz dos ninhos,
respiram profundamente os bosques.
Já está alto o sol,
e os raios mornos aquecem a epiderme da terra.

Uma vontade de ser, de afirmar-se
parece brotar de tôdas as coisas.
Abre teu peito,
funde-te nas coisas...
Irás além de ti mesmo,
além de tôdas as coisas.
Só então te encontrarás,
porque encontrarás a tua verdade.

* * *

Que tenho que ver com a modernidade,
se como homem pertenço a tôdas as eras?
Não andei contigo nas planícies da Grécia,
e não sorri nos teus olhos
à sombra das palmeiras,
brincando com os pés nas águas do Nilo?
Que tenho que ver com o calendário,
se tenho, dentro de mim,
um velho coração que se renova todos os dias?
Tenho séculos no olhar,
milênios dentro do peito,
alegrias a cantar,
carícias ingênuas para as coisas,
um desejo incontido de amar...
Que tenho que ver com a modernidade
se como homem pertenço a tôdas as eras?

* * *

Não penses que o sol não sabe
qual o seu destino.
Não penses que não sabe
que seus raios dão vida ao mundo,
às flores, aos homens, aos animais.
Por que julgas o que não entendes
com tuas idéias preformadas?
Despe-te das formas em que desejas te expressar.
Não escolhas prèviamente o teu caminho,
deixa correr livremente os teus passos.
Procura tua alma infantil,
liberta de todos os requintes
e ademanes e gestos e atitudes.
Sem ingenuidade não poderás criar...

Nádia Santos

Apresento-lhes Nádia Santos: a menina-moça. Depois de minhas palavras, estará ela nas linhas de sua poesia. Poesias que contarão seu mundo e reminiscências de outro que passou. São tênues lembranças da infância que "bailam, como gôtas de chuva", formando em seu pensamento os quadros inesquecíveis de seu pequeno passado. Irá nos dizer de um mundo onde a imaginação se perdia na realidade, e seu sentimento de segurança confundia-se com a figura materna. Contar-nos-á seus sonhos de infância, abrindo-nos sua alma, para depois, num rasgo de pudor, esconder em figuras de expressão, sua intimidade de mulher.

Abandona o mundo de menina, para lançar-se angustiosamente no mundo de moça. Desta transição iremos encontrar outra poesia, representando a realização crescente da potencialidade de sua alma poética. Sentiremos, pelas figuras transmitidas, que uma alma deixa o corpo que a guardou com ansiedade e sentimento — a de menina — para num rasgo de esperanças, tomar das mãos do destino a alma mística e esperançosa de moça.

A poesia de Nádia Santos, a menina-moça, é uma poesia que apresenta o vigor de sentimentos puros e a originalidade de formas poéticas, enquadradas de sua alma, porque, antes de mais nada, procura lançar com veemência sua posição diante das situações do destino, um destino ingrato, que possue em seu poder a arma de nos tirar a vida, mesmo estando vivos, e de nos lançar pelas desilusões a um mundo marginal, onde sòmente sentiremos a tristeza, esquecendo que o grande caminho da felicidade é a eterna alegria.

Das esperanças, Nádia Santos nos falará; a alegria, encontraremos nas entrelinhas.

Em próxima oportunidade, voltaremos a escrever sôbre Nádia Santos, a menina-moça. Deixemos por hora que sua poesia fale por nós.

Descartes de Holländer.

Canto à Infância

Olho a chuva que dança no ar em passos grotescos,
Vejo bonecos a bailar . . .
Olho a janela molhada pela chuva,
pingos d'água escorrem no vidro,
. . . Serão lágrimas perdidas?

Quando eu era criança gostava de brincar
com a água da chuva no vidro da janela.

Minha boneca caiu e quebrou a cabeça!
Por que os brinquedos não cansam de bailar?

Sinto um gôsto tão amargo na bôca
Será que tomei óleo de rícino?

A chuva que cai, também tem gôsto amargo
E o sino que bate . . . por que bate tão triste?
Por que mamãe não quer brincar?

Pela chuva caem estrêlas . . .
que brilham nas sarjetas molhadas.
Em cada gôta d'água brilha o rosto de mamãe.

Eu vou colecionar gotas d'água
Eu vou colecionar retratos de mamãe.

Que vontade de dançar na chuva,
Pular nas poças d'água,
E correr pelas ondas, mar afora . . .

Mamãe desapareceu !
Desapareceram também os pingos d'água ;
Desapareceram as estrêlas d'água.

No céu brilha um arco-íris de estrêlas !
Fadas dançam no ar
Mamãe também dança
com um vestido verde . . . tão verde que dói os olhos.
Pingos d'água bailam com ela
E as estrêlas brilham no seu vestido.

Por que os brinquedos não param de bailar ?
E por que minha boneca continua a chorar ?

Como chove lá fora !
Será que a água não acaba ?
Há um nevoeiro tão denso . . .
Vejo palhaços e polichinelos que brincam aos
(trambolhões
e soldados de chumbo numa caixa vermelha.

O céu se abriu !
Num clarão vejo o rosto de mamãe.
Por que mamãe chora ?
Sua lágrima tem o gôsto amargo de minha bôca.

Oh ! Mamãe venha me abraçar,
se não me abraçar,
Eu vou chorar tanto que a terra vai ficar molhadinha !

Por que tudo está tão triste ?
Por que as estrêlas apagaram ?
Por que o arco-íris desapareceu ?
E as fadas . . . por que não dançam mais ?
Por que os brinquedos foram embora ?

Oh ! Eu vou chorar !
Por que estou tão grande ? Por que cresci ?

Mamãe, não me deixe !
Eu quero ficar sempre olhando para a senhora sorrindo !

NÁDIA SANTOS

TRANQÜILIDADE

A sós, pelos caminhos da vida,
uma alma nova surge em mim sùbitamente,
estranha como se arrebentasse grilhões.

Mêdo !
íntimo e vago . . .
que estranhas palavras,
— inquieta e ansiada, —
não cessam de me atormentar !
Vontade de correr, vontade de fugir . . .
procurar não sei o que !

Porém, de repente, uma calma infinita
invade-me tôda,
e cantos misteriosos
numa língua suave . . .
uma canção de ninar !
Um amor tão intenso,
a calma, tão calma, dos braços de mamãe !

ERA UMA VEZ !

Era uma vez !
Uma vez uma criança-grande e triste . . .
chorava em poemas
as saudades dos brinquedos !
as lembranças de mamãe !

Uma criança,
sùbitamente só,
num mundo estranho, inimigo,
lágrimas,
sinceros poemas,
Saudades dos brinquedos !
Lembranças de mamãe !

Mulher . . .
sùbitamente só,
num mundo estranho,
inimigo . . .

NÁDIA SANTOS

MEDITAÇÕES SÔBRE A FANTASIA COMO COMPENSAÇÃO DA REALIDADE

DAN ANDERSEN

A aparência é o limite. Os que receiam os extremos procuram a "linha reta", e nem sempre os que buscam as lonjuras são os que clamam mais pelos extremos.

§ 1.º — "A beleza tem alguma coisa para nos contar; por isso guardamos silêncio, e não pensamos o que em outra ocasião pensaríamos". (Nietzsche).

Ante a beleza, paramos; é como um esperar. Nosso silêncio é também nossa forma de admiração. Por isso, nem sempre temos palavras para expressar o que sentimos, e o enleio, o embaraço que de nós se apoderam, é talvez o maior elogio que possamos fazer a alguém. Não mentimos quando dizemos que não sabemos o que dizer. A admiração tem dêsses estados de silêncio que nos avassalam. A contemplação ante uma obra é como se esperássemos viesse da obra alguma coisa mais. O assombro é muitas vêzes silencioso, porque silencioso é todo o contemplar. E se alguém nos fala, ao lado, sentimos como uma profanação, porque certas palavras profanam.

O olhar carregado, o sobrecenho fechado são maneiras exteriores de admiração. Há mais, há uma expressão às vêzes dolorosa. As grandes e profundas alegrias são silenciosas e marcadas pela dor.

* * *

§ 2.º — Acomodar os olhos às distâncias é esfôrço empregado pelo citadino. A necessidade de buscarmos os horizontes com os olhos é apenas uma evasiva, não uma solução. Quando nos campos soltos, o citadino precisa de algum tempo para acomodar os olhos, acostumados ao limite, à contemplação das lonjuras. O próprio céu, aí, nos parece perto. Êle encurta, com os olhos, a distância, embora não possa divisar bem os objectos na distância.

§ 3.º — Podemos compreender a pintura sob dois ângulos: o estático e o dinâmico. Êste último, musical, já é a dinâmica do espaço. Aí já está incluída a oposição, não irreconciliável, entre o apolíneo e o fáustico, por ex.: as cousas, na dinâmica do espaço. Mas a transcendência estática de algo não é por isso refutada. Uma natureza morta pode ser puramente estática, pode até prescindir da dinâmica do tempo, da hora que passa, da luz que marca a hora do dia. Mas situa-se sempre num instante do tempo. Não há pròpriamente, em sentido absoluto, a estática numa obra que reflita algo vivo. Uma natureza é morta. Uma cousa pode ser morta ou pelo menos não viva. Nessa pode estar apenas o sentido puramente estático, como, por exemplo, nas colunas de um templo grego, prescindindo, aqui, naturalmente, da dinâmica que cerca nosso mundo da existência.

§ 4.º — O impressionismo, na pintura, é um caminho que nos mostra, não as partes, mas o todo. É o conjunto, não de uma cena, de um rosto, mas o que transcende, o que fica além, um instante de uma pessoa, um momento, que busca eternizar. O que interessa não é a natureza do reproduzido, mas o que forma a significação, o segundo plano não físico puramente. Ninguém vê numa paisagem uma paisagem, mas um instante dessa paisagem, o instante que o artista capta ou sente, a impressão daquele instante. Aí o realismo não está no conjunto que segue continuamente no tempo, mas a realidade de um instante do tempo. Há no impressionismo uma realidade. É êrro de muitos pensar que a realidade é simplesmente a cópia de um todo, cujas partes são outros tantos todos, que podem viver independentes, como succde na arte antiga. O todo é o todo-impressão, onde o pormenor não é o visto. Ninguém vê algo em seus pormenores, mas vê algo, guarda uma impressão de algo. É isso que o impressionista compreende.

Na literatura dá-se o mesmo. Uma cópia fiel das partes não nos conta uma impressão, mas uma descrição de totalidades.

§ 5.º — Enquanto os psicólogos permanecem manuseando palavras mortas, os artistas fazem psicologia. Comunicar uma alma a outra é o trabalho dos estetas. Nunca, como

agora, numa época em que a escala de valôres puramente utilitária predomina na sociedade, mais carecemos de artistas. A arte é um estímulo para a vida. Faltar-lhe-ia apenas êsse carácter para dar-lhe um valor, que os utilitários bem poderiam incluir em sua capenga escala de valôres.

§ 6.º — Nós, no Ocidente, estamos ainda demasiadamente afastados das almas orientais. Inúteis têm sido tôdas as explicações puramente psicológicas. Mas quem poderá superar a explicação que sentimos em face do poema de Li-Tai-Pó? É algo que transcende às palavras. Há aí um quê que não se cataloga.

§ 7.º — O próprio Nietzsche não dava um valor ôntico à sua "vontade de potência". Era uma expressão apenas estética, para definir um indefinível. Sim, precisamente porque, para êle, "vontade de potência" era o todo, e o todo é indefinível, porque definir é comparar.

Ainda a indefinição de Deus: "Ego sum qui sum", permanece a melhor e mais profunda de suas explicações, a única que podemos intuir.

§ 8.º — O artista é uma abcissa da verticalidade para a horizontalidade. Nem sempre o artista guia um movimento. Já Nietzsche salientava que Dante era o impulso da Igreja católica; Wagner, produto do movimento romântico. Isso não implica uma redução de valor. Aquêles artistas que são o produto de uma corrente política ou social não deixam de manter, dentro da direção que levam, o cunho de sua personalidade. É em saber conservar a personalidade na corrente, que está o grande artista.

§ 9.º — Victor Hugo, o Wagner da oratória; Wagner, o Victor Hugo da música.

§ 10 — Todo o produzido implica uma produção. Esta é a forma vital, dinâmica da existência. O produzido é simplesmente o estratificado. O nosso conhecimento é formado por essas estratificações e o artista vai surpreender a natureza em sua produção, em seu movimento, em seu constante vir-a-ser.

§ — Que se resolva o problema econômico do homem é uma necessidade. Não é justa a miséria, quando é possível resolvê-la dentro dos quadros clínicos ou econômicos. Mas impor que a arte, que pode servir a êsse trabalho humano, se limite exclusivamente ao papel da economia, ou da política, ou da sociologia apenas, é desconhecer a essência do fenômeno estético, e querer estancar o poder criativo do homem. Para a arte, nada mais desesperador que um mundo só, que uma direção só. A ditadura dessa direção seria o mesmo que darmos comida a um faminto, e tirarmos por outro lado o seu direito à fantasia, ao sonho, ao maravilhoso, ao criativo. Seria tornar os homens plantas, não homens.

§ 12 — Aceito o ponto de vista nietzscheano que a filosofia não pode e não deve separar-se da arte. Sim, porque filosofia não é o sistemático apenas. Nietzsche bem mostrou quanto de passageiro, de transeunte contém o sistemático. Filosofia é o constante interrogar, o constante responder, o intuir novas formas, intuir valôres, penetrar e compenetrar-se. É arte, em suma. Mas ao afirmar que é arte, ela não repele a ciência, pois na própria ciência há uma simbólica, um desejo de dominar, de vencer, de dirigir e de compreender o mundo através de símbolos. Por isso o artista desvenda, na obra do cientista, uma beleza que emerge do quotidiano objetivo. Bergson, posteriormente, também o sentiu assim, e foi por isso um filósofo-artista.

Na verdade a ciência não pode desinteressar-se da arte e foi através dela, e por ela, que muitas vêzes alcançou seus mais altos momentos. A contribuição da arte para a ciência é que merece atenção dos estudiosos.

★

Sentimos que conjuramos alguma coisa quando lhe damos um nome, porque só podemos dar um nome ao que já conceituamos, e só conceituamos o que já distinguimos, e distinguir é saber, e saber algo sôbre alguma coisa é já dominá-la. Não está aí a gênese dêsse sentimento de segurança, quando podemos dar um nome a algum facto novo que nos surge à frente? Quando algo se nos apresenta e não podemos dar-lhe um nome, não é porque ainda não o dominamos, ao menos pelo saber?

★

A MÚSICA NACIONAL

Ana Lourenço

Existem, numa obra de arte, certos elementos essenciais, sem os quais ela não poderia ser assim qualificada. Isso não quer dizer que êsses elementos apareçam sempre na mesma proporção ou equilíbrio. Há uma eterna luta entre êles, luta esta nunca vencida, mas, na qual, ora um, ora outro mostra-se mais forte, predominante.

O dinamismo dêsses elementos é que provoca o constante transformar-se aparente da arte. Aparente, porque, na sua essência, a arte é imutável, eterna; é sempre *arte*.

Quando, numa determinada escola, encontramos certas características marcantes, não quer isso dizer que essas características foram criadas, inventadas por essa escola — elas foram apenas *valorizadas*; já existiam na arte, mas sufocadas, reprimidas por outras carcterísticas, que, por sua vez, marcaram o estilo de uma outra corrente.

A valorização de certos aspectos da arte não acontece isoladamente — ela está integrada no movimento geral da evolução da cultura humana. Ela se dá de acôrdo com o transformar-se da filosofia, da ciência, da economia, da política, da religião, etc.

Podemos agora melhor compreender o "porquê" da existência, na 2.ª metade do século XIX, de uma tendência nìtidamente nacionalista na música.

O caráter nacional embora sob um aspecto secundário, sempre existiu na música, como aliás em tôdas as artes — dentro da universidade e rigidez da própria forma clássica, destacam-se, com nitidez, a italiana, a francêsa, a alemã, e assim por diante.

Já no romantismo encontramos mais expansão do sentimento nacionalista, que vem se totalizar na escola que focalizamos neste estudo.

Não devemos encarar a música chamada nacional sob o aspecto político, que caberia melhor à denominada "arte dirigida" e nem sob o aspecto popular, pois cairíamos então já no "folclore". O que a música nacional nos transmite é a essência do espírito de um povo em íntima ligação com as características de seu meio físico.

A tendência nacionalista na arte, tem suas raízes mergulhadas em terreno preparado pelo grito da liberdade que o romantismo acabava de dar.

Idéias de liberdade política exaltavam os povos oprimidos. Havia a necessidade de se criar uma consciência nacional. Podemos aqui lembrar o exemplo de Chopin, em cujo "Estudo Revolucionário" e "Polonaises" sentimos pulsar a alma heróica polonêsa.

Nessa época foram também precursores da música nacional Schubert com seus "Lieder", tão impregnados da leveza e graça do espírito vienense popular, e, na Alemanha, Weber, que na sua ópera "O Caçador Furtivo" soube inspirar-se no próprio clima popular alemão.

A música nacional chegou a possuir caráter tão particular que se podia falar em: "música russa", "escandinava", "espanhola", "francesa" e outras, subenten-

dendo-se que apresentavam os elementos estilísticos, harmônicos, rítmos e melódicos, russos, escandinavos, espanhóis, franceses.

Os compositores então, além de se inspirarem nas canções autóctones procuraram uma expressão nacional através da *própria forma*, da estrutura, libertando-se da tradição clássico-romântica alemã.

Houve mesmo um momento de máximo exagêro nessa corrente, em que os compositores afirmavam que certas músicas só podiam ser bem compreendidas e sentidas pelos próprios naturais do país do autor.

Voltou-se depois, dentro da própria música nacional, no tocante à forma, à procura da universidade.

A evolução da corrente nacionalista obedece, pois, a 3 períodos distintos.

1.º — Quando os próprios motivos populares, folclóricos eram usados em juxtaposição, como simples "pout-pourri" ou rapsódia, ou menos ainda, no que se refere à ópera, o esfôrço da nacionalização se dava apenas no que se refere ao *texto;* a música continuava sob a influência italiana.

Neste primeiro período, podemos falar de Glinka, na Rússia, que sem ter nacionalizado sua música quanto à forma, já procurava imprimir-lhe certa "côr local". Liszt apresenta suas rapsódias húngaras, e Carlos Gomes, dentro do movimento romântico-indianista no Brasil, produz "O Guarani", "O Escravo", "Moema", cujos textos são nacionais, mas cujas músicas continuavam italianizadas.

2.º — Passemos ao 2.º período: há agora uma criação — o artista fala sua própria linguagem, embora continue inspirando-se nos temas folclóricos, no espírito de seu povo e na natureza de seu país.

É o momento das grandes escolas nacionais: Na Noruega encontramos a música de Grieg, na Finlandia a de Sibelius, na Tchecoslováquia, ou mais particularmente, na Boêmia, Smetana, na Hungria, Béla Bartók, na Espanha Pedrell, Albeniz, Granados, de Falla, e na Rússia, o grupo chamado "dos cinco", com Balakirew, Cesar Cui, Borodin, Mussorgsky e Rimsky-Korssakoff.

Dêste grupo destaca-se Mussorgsky como o *maior* representante da música russa.

Sôbre êle assim escreveu Mario de Andrade: "Gênio possante que nas obras dêle resumiu a profundeza trágica, o humanismo sinistro, a alegria descabelada, o sentimentalismo pueril, a barbárie incontida, a ingenuidade meiga, o satanismo, a inocência, tôda essa multifária contraditória, que nos acostumaram os escritores e fatos históricos da Rússia".

Até aqui essas escolas de música nacional estão fortemente impregnadas de temas folclóricos e são caracterìsticamente cancioneiras, e às vêzes particularmente coreógrafas.

Foram as formas coreógrafas que se desenvolveram com preferência no Brasil, dando o "Maxixe", a "Congada", o "Catereté", o "Puladinho", a "Ciranda", que vêm lembrar os nomes de Mignone, Vila Lobos, Fernandez, e outros.

3.º — Examinemos agora o terceiro período: a música conserva ainda as características do *espírito* nacional, mas há novamente uma procura do *universal* no tocante à *forma.*

Surge, então, a música de um Fauré na França, de um Respighi na Itália, de um Shostakovich na Rússia.

Ainda, na música contemporânea brasileira, já menos ligada ao folclore, *Camargo Guarnieri,* Vila Lobos e outros, procuram a *expressão* do nosso espírito nacional.

"Assim Falava Zaratustra"

Um capítulo a ser adicionado à obra de Richard Strauss: "*Assim Falava Zaratustra*, composição livre segundo Nietzsche", op. 30."

NAGIB ELCHEMER

Dois mundos, vindos de estradas diferentes, uniram-se, para seguir juntos, em Richard Strauss: o mundo wagneriano e o mundo de Franz Liszt. De um, êle herdou o poder de tornar o majestoso o ponto central da emotividade humana, e do outro, a imaginação para continuar a compor poemas sinfônicos. A herança do primeiro perdeu-o, e a do segundo levou-o por caminhos escuros, onde conseguiu iluminá-los com um pouco de luz. Seu poder criador, eternamente subordinado à sua formação, viu-se constantemente em busca de soluções e realizações que nunca foram atingidas, que sempre culminaram com a derrota completa do herói.

Poeta e músico, Richard Strauss nasceu em Munich a 11 de junho de 1864. Nesse tempo Wagner tinha cinqüenta e um anos de idade, e Liszt, que estava com cinqüenta e três anos, vivia numa cidade consumida pelos ócios de um Segundo Império, os quais atingiam, com a sua influência, o ambiente musical de uma Europa gravitando em tôrno da política imunda e ignóbil da Santa Aliança, a preservadora das relíquias mórbidas de dinastias decadentes, e, em particular, de uma Alemanha preparada pelo espírito nacionalista, êsse espírito germina em suas carnes o desejo de conquistas territoriais além Reno, uma Alemanha que primava em desconhecer um homem, que solitário, buscava vencer esta tendência: — "o falso patriotismo" — Nietzsche. Vinte anos depois do nascimento de Strauss, êste homem publica um livro intitulado "Assim Falava Zaratustra — um livro para todos e para ninguém". Dez anos depois da publicação desta obra fundamental da evolução do pensamento moderno, Strauss, compõe um poema intitulado: "Assim Falava Zaratustra, composição livre segundo Nietzsche, op. 30". Uma composição cheia de frases wagnerianas, que comprometeram a obra: Strauss esqueceu que Wagner remeteu a Nietzsche a redenção do homem em Deus (Parsifal). Nietzsche lhe devolveu a gentileza, remetendo-lhe o crepúsculo dos ídolos e a Redenção do homem no homem ("Assim Falava Zaratustra").

Terá Richard Strauss compreendido o pensamento de Friedrich Nietzsche em tôda a sua extensão. Respondemos: não!

A posição contraditória, que, a nosso ver, existe entre a obra do músico de Munich e a obra do filósofo de Röcken, está em querer, Richard Strauss encontrar uma interpretação, ou seja, uma outra interpretação do pensamento de Nietzsche, fugindo da realidade fundamental apresentada pelo filósofo, de que Zaratustra sòmente possuia a existência apresentada por êle, Nietzsche. Não há duas medidas para o conhecimento do pensamento nietzscheano. Ao interpretar musicalmente a obra filosófica, não levou Strauss em consideração o pensamento total de Nietzsche, esquecendo, então, a pedra angular que lhe daria a possibilidade de se aproximar o mais possível da realização sinfônica de Zaratustra. O que Strauss fêz, foi criar um Zaratustra seu, e lançá-lo a cantar o hino da superação humana de uma forma exclusivamente sua. Êste é um dos pontos que nos leva a afirmar que Nietzsche foi mal compreendido por Strauss, pois seu pensamento, contraditório na aparência, é profundamente uno e coerente na realidade.

Para que possamos compreender melhor esta contradição, faz-se mister descrevamos, em traços gerais, a personalidade de Strauss. Megalomaníaco, egocêntrico, perdido em um mundo de fuga, procurando-se sempre, e, na maioria das vêzes, perdendo-se em labirintos mais profundos. Desculpamo-lo: é a sua herança musical a culpada: Wagner.

Seu carácter é violento, e sua imaginação — reminiscência de sua infância, talvez — é produtiva em criações. Sua infância turbulenta, era constantemente dominada pela idéia de vitória. Seu pai, primeira trompa da orquestra real, iniciou-lhe os primeiros passos na música. Wagneriano fervoroso, esqueceu de lhe comunicar, com o mesmo grau de entusiasmo, as obras de um Beethoven ou de um Mozart. Estas foram simplesmente lidas, as outras buscou compreendê-las.

Na sua vida universitária, notamos sua personalidade musical assumindo grande evidência, e no decorrer dos anos, esta evidência se acentua, pois seus poemas sinfônicos têm como na parte fundamental os seus heróis.

De Itália (1886) é o seu primeiro poema sinfônico. Seguiu Macbeth (1887), Don Juan (1888), Morte e Transfiguração (1889), Till Eulenspiegel (1894), Assim Falava Zaratustra (1895), Don Quixote (1897), Vida de um herói (1898).

Sua personalidade musical, neste terreno, é marcante. É profunda a diferença entre êle e Liszt. A orquestração de Strauss é mais viril e cheia de personalidade, possuindo uma harmonia subjetiva que sòmente poderá ser compreendida no campo da audição. É marcante a sua realização das possibilidades em potência no Poema Sinfônico de Liszt.

Strauss representa a Alemanha no campo do movimento neo-romântico, que atingiu a música no fim do século XIX. Fundamentou a filosofia de sua obra em uma super excitação do sensível, e buscou vestir seus heróis com a roupagem do sofrimento, não lhes oferecendo nunca outra solução além da morte. Não procurou colocar êstes personagens em um plano de luta diferente do medíocre; não lhes concedeu oportunidade de sobreporem-se, de realizarem-se e preferiu lançá-los ao esquecimento da decomposição final da matéria. Isto é o que representa a morte de Zaratustra, no final do poema: a derrota, sem luta.

Zaratustra, para Richard Strauss, representou uma esperança diferente da de Nietzsche. Não manifestou a esperança no homem despido de paixões mesquinhas, colocado na realidade irrefutável de seu destino, buscando encontrar a trilha que o levará para o super-homem. Não era a esperança no homem que ri, que chora, que carrega em seus ombros os mortos, que busca Deus em sí mesmo; mas sim o homem hipócrita, o que esquecia o seu valor. O grito de Richard Strauss foi um grito desesperado, não de salvação humana, mas sim de sua própria salvação: êle não cantou *o Homem*, mas sim um homem. Proclamou a sua liberdade perante Nietzsche, partindo donde êste havia terminado? Não. Deixou o caminho de Zaratustra, para seguir o falso caminho da apoteose grandiosa dos sentimentos simples. Continuou sendo Wagner: nunca poderia chegar a ser Nietzsche.

São as seguintes as etapas que Strauss pintou: Introdução. Do amor ao próximo. Da alegria e das paixões. Canto do sepulcro. Da ciência. O convalescente (a alma liberta dos desejos). O Canto da dança e o Canto da noite.

Inicialmente, Zaratustra deixa a montanha e vai em busca dos homens.

"Do amor ao próximo", ponto inicial do desentendimento entre Strauss e Nietzsche. Tôda a filosofia do amor ao próximo, pregada por Nietzsche, encontra-se na frase: "Que a causa de sua realidade presente seja a causa de sua realidde futura. Ama em teu amigo o super-homem, como sendo êste a tua realidade". Os acordes da música de Strauss pregam a mesma coisa? Não. Porque o amor dêste é um amor "altruísta", um amor inferior, que de quem espera a recíproca, simplesmente diríamos, um amor oneroso, mercantil. Strauss perde-se no amor de Parsifal, na angústia de uma fuga pela caridade, e não da realização pelo Amor dos Superiores. O próximo, para êle, não é um fim, é um meio.

Nas tumbas, Zaratustra ergue o seu canto de saudade, proclamando que sòmente "onde há tumbas, há ressurreição", afirmando que a continuidade da humanidade repousa no constante retôrno de um fim e de um começo. Mas o que encontramos na música de Strauss é uma falta de virilidade para caracterizar a grande conclusão que Nietzsche, nesta parte do livro, para perder-se na construção de uma "marcha fúnebre", nos moldes de uma morte de amor.

Finaliza Nietzsche o seu canto "Da alegria e das paixões" com a seguinte frase: "O homem é algo que deve ser superado; por esta razão deves amar tuas virtudes, porque tuas virtudes matar-te-ão". Mas Richard Strauss não matou as virtudes, pelo contrário, canta, nesta parte, com uma melodia muito bem coordenada, com frases belas, o valor das virtudes humanas, na marcha para a superação do homem pelo próprio homem. Perde-se em um mundo belo, esquecendo que êste é muito feio, cheio de lutas e que é preciso ser cruel para com as fraquezas para alcançar a superação.

Strauss enterra Zaratustra em sua caverna, não o deixa descobrir o "outro" — a outra parte de si mesmo — e é em vão que Nietzsche clama: "Eu, Zaratustra, o afirmador da vida, o afirmador do sofrimento, o afirmador do eterno retôrno, a tí quem chamo, tu o mais profundo de meus pensamentos". Mas o "outro" não comparece, e os acordes "wagnerianos" de Richard Strauss abafam a luta de "Zaratustra".

A dança, o fundamento da vida, a realização das imaginações humanas nas formas móveis, recebe de Strauss uma interpretação que mais se aproxima do pensamento de Nietzsche, pois procurou demonstrar em uma luta de paixões, nos acordes dos violinos fugitivos e dos instrumentos de sôpro perseguidores, nas variações de tôda a orquestra, a luta da humanidade, para, desvencilhando-se de sua decadência (fuga, na música) erguer-se vitoriosa na sua realização suprema. Dançar... dançar!

O canto da noite, é um verdadeiro sepulcro para a música de Richard Strauss: as trevas são em demasia. A noite é muito profunda. Lá não nos foi possível encontrar Zaratustra.

O Zaratustra de Nietzsche é a representação de uma vida completamente nova, é a substituição de uma "saúde" velha por uma nova, o que determina uma possibilidade de contemplação, por parte do herói, dos outros homens de um plano superior, considerando-os doentes e perdidos. Esta nova "saúde" se comunica por meio de uma constante manifestação de vitalidade, e caracteriza-se pela crítica que Nietzsche realiza a tudo que até então era considerado como são e verdadeiro, fazendo uma crítica, não como Descartes teria feito, mas sim como só êle Nietzsche poderia fazer. Não partindo de sua completa negação, mas sim de sua completa afirmação, como homem curado, fortalecido pela realidade de seu conhecimento. A saúde de Zaratustra é uma clarividência, é inspiração, é revelação. Zaratustra contempla melancòlicamente os homens, porque sòmente vê neles restos de homens.

Esta luta, esta "saúde" nova, Richard Strauss não conseguiu captar, e perdeu-se em uma completa ignorância dos problemas e soluções apresentadas, quando destrói Zaratustra: não lhe dá a oportunidade, como dissemos anteriormente, de realizar-se. Enquanto Nietzsche prega a vitória do homem pela Arte, como um caminho seguro para chegar-se ao superhomem, Strauss desce a cortina de seu poema, com o canto fúnebre da derrota de Zaratustra e da vitória da Morte, ou seja, da outra parte da vida, "a parte mais doente".

★

DISCIPLINA DA LIBERDADE

Yolanda Lhullier Santos

A disciplina, fundada na liberdade, deve ser essencialmente activa. Um dos pontos mais importantes do método de Maria Montessori é a disciplina da liberdade.

"Esta idéia de "*disciplina activa*" não é fácil de se compreender nem de se obter; ela contém um alto princípio de educação, bem diferente da coerção absoluta e indiscutível da imobilidade. Uma técnica especial é necessária à professora para conduzir a criança neste caminho da disciplina, no qual ela deverá caminhar durante tôda a vida, avançando indefinidamente até a perfeição. A criança, logo que aprende a movimentar-se, não deve ficar na imobilidade. Ela não se prepara para a escola, mas para a vida, de maneira que venha a tornar-se uma pessoa correta, por hábito e por prática, nas manifestções sociais habituais.

Assim a criança se habitua a uma disciplina não limitada ao ambiente da escola, mas estendida à sociedade. A liberdade da criança, deve ter, como *limite*, o interêsse colectivo, e como *forma* o que chamamos as maneiras e os actos. Devemos fazer ver à criança tudo o que prejudica aos outros ou os ofende, o que é uma indelicadeza, uma descortesia, etc., e um acto sem dignidade. Mas tôda manifestação, que tenha um intuito útil, seja qual fôr a explicação, deve ser não sòmente permitida como também *observada* pela professora. É o essencial. A professora deve não sòmente adquirir a capacidade que lhe vem da preparação científica, mas também qualidades de observadora de fenômenos naturais".

Esta qualidade de *observadora* será talvez uma das mais raras. Como manter-se aparentemente passiva, como não intervir nos primeiros actos de uma criança, os quais nos parecem tão desordenados?

Êste ponto Maria Montessori reconhece como um dos mais difíceis de seu método. Mesmo quem o compreenda perfeitamente encontrará as maiores dificuldades para pô-lo em prática. Ela aconselha evitar rigorosamente o "impedimento de todo movimento espontâneo e a imposição de actos pela vontade doutrem", só recomenda a intervenção quando se trata de "ações perigosas ou inúteis"; mas sòmente aí. A educação deve conservar-se sempre na sua posição de observadora e a actividade deve residir no acto. "Não podemos", diz ela, "conhecer as conseqüências de um acto espontâneo, se abafado quando a criança começa a agir por si mesma, e talvez destruamos a *própria vida?*

Sentimos como é importante e como merece tôda a atenção dos estudiosos o problema da *disciplina activa.* Influenciados ainda pelo conceito da escola antiga em que se confunde disciplina com imobilidade, com passividade, mantemos e cometemos muitos erros no julgar, muitas vêzes, crianças passivas como crianças obedientes, disciplinadas.

É um dos pontos fundamentais e merece todo o cuidado na educação das crianças o tema da "disciplina activa", e diz Maria Montessori: "No método de educação, tendo por base a liberdade, só se deve intervir para ajudar a criança a conquistar, isto é, a desapertar, se possível, os *laços sociais* que limitam sua actividade. À proporção que a criança avança neste caminho, suas manifestações espontâneas

serão mais límpidas da verdade e revelarão sua natureza. Eis por que a primeira forma de intervenção educativa deve ter, por interêsse, conduzir a criança no caminho da independência".

Vemos através de seu método que ela procura ensinar a educadora como impedir que a criança confunda o bem com a imobilidade e o mal com a actividade, o que acontecia na maneira antiga de se conceber a disciplina. O que ela deseja é disciplinar pela actividade, pelo trabalho, pelo bem e não pela passividade e obediência à fôrça. Não julga que se possa disciplinar verdadeiramente com palavras. É necessário um método de preparação muito complexo e que se inicia desde as primeiras manifestações livres da criança e, para isso, é preciso a educadora ser, antes de tudo, *observadora* passiva, isto é aparentemente passiva, porque a criança, tendo liberdade de se manifestar, logo se revela a si mesma e aí, a educadora terá oportunidade de ver quais as apáticas, quais as que revelam pouco desenvolvimento mental, ou as que revelam inteligência, vivacidade, adaptação fácil ao ambiente, etc.

A tarefa da educação é grande e exige muita paciência, sabedoria, espírito de luta e sobretudo muito entusiasmo e energia. Senão poderemos chegar à conclusão à qual chegou aquêle viajante que Nietzsche nos revela: "Depois de haver visto muitos países e muitos povos, e haver visitado muitos lugares do mundo, perguntaram-lhe qual era o caráter geral que havia descoberto nos homens, e êle respondeu que era a propensão à *preguiça*".

Não exige muito trabalho, muita dedicação e não será cansativo para a educadora observar primeiramente as manifestações desordenadas de uma criança, para depois encaminhá-la aos actos coordenados e disciplinados, no verdadeiro sentido de disciplina activa? É mais cômodo, mais simples, obrigá-la, usando de sua autoridade, a uma obediência passiva.

Sim, muito mais simples, mas teremos fatalmente, como bem diz Maria Montessori, impedido a criança de formar sua própria vontade, e cometemos uma grande injustiça, abusamos de nosso poder, condenamos um ser, que apenas começa a manifestar-se, a não poder avaliar suas próprias fôrças, porque é subjugado por uma vontade mais forte, e destruímos o que ainda não se formou, que é a *vontade própria*, e faremos surgir "uma doença da vontade, a timidez".

E a falta de confiança em si mesmo, que mais tarde na vida social se reflete com tanta intensidade em homens e mulheres incapazes de pensarem por si próprios, incapazes de se dirigirem, incapazes de tomarem uma atitude, receiosos da responsabilidade, transferindo sua liberdade à outrem; o flagelo de nossa época "a falta de caráter", tudo isso não terá suas raízes na educação da primeira infância, na má compreensão, por parte da educadora responsável, dos primeiros passos da criança no caminho da vida, do que seja disciplina e obediência?

★

O PEQUENO BURGUÊS E A COOPERAÇÃO LIBERTÁRIA

RENATO LOPES

Um dos equívocos de Marx foi julgar que as ideologias ou as doutrinas sociais eram criações que se faziam *a posteriori,* isto é, que as condições materiais determinariam a formação de idéias que as explicariam no âmbito superestrutural ou, em suma, que a superestrutura era uma espécie de sedimentação feita, a pouco e pouco, pela realidade das relações humanas.

Tal conceito representou realmente um progresso no pensamento, não esgotava, porém, a totalidade da possibilidade de conhecimentos histórico-sociais, apesar de Marx ter pensado assim, e todos os seus epígonos o terem repetido, com maior ou menor ênfase.

Na realidade, no pensamento humano, na obra dos homens, existe, através da especulação, da fantasia, da criação intuitiva dos filósofos e dos artistas, tôdas as possíveis criações do espírito, que um dia se possam ajustar às realidades sociais. As condições reais, os factores reais, permitem que se dê maior ênfase àquelas opiniões que melhor lhes correspondam. Quando há o domínio de uma concepção idealista da vida, esta dá maior relêvo a todos os autores e opiniões idealistas. Mas, para tanto, é necessário que as condições reais ressôem com aquelas. É essa, em suma, um dos aspectos da "teoria das ressonâncias". Quando há maior atenção pelas relações sociais e reais para os fenômenos puramente objetivos, que representam apenas o que extravertidamente forma a vida do homem, é natural que as concepções mais materialistas, filósofos como um Demócrito, um Epicuro, um Lucrécio, para citar os antigos, têm naturalmente maior soma de interêsse.

Todo facto da vida real ressoa na vida subjectiva e na constituição das idéias. Não cria por si só, mas evidencia o que o homem já traz dentro de si. A coordenação das idéias em forma de doutrina e a sua conjugação às novas conquistas do conhecimento (isto é, as formas analíticas do que o homem conhecia sintèticamente, porque o progresso do conhecimento, em grande parte, está em analisar o que estava dado sintèticamente), criam novos corpos de doutrina que são composições analíticas do que estava postulativamente dado sintèticamente. Não há em si, pròpriamente, criação, mas acentuação, ênfase, que têm seus gráus dependentes das condições subjectivas dos indivíduos, castas, classes ou estamentos sociais. É por isso que tantos autores, que foram desprestigiados em sua época, encontram noutras uma ressonância maior, e são sobreelevados, compreendidos, amados. Enquanto outros tornaram a cair no esquecimento, conhecendo, depois, novas exaltações. O mesmo se dá na filosofia, e uma análise rigorosa da história, através de todos os seus ciclos, nos mostra que essas faces se repetem *sociològicamente.* Não há assim uma anterioridade ou uma posterioridade. É dessa forma que a velha polêmica entre materialismo e idealismo históricos já passou de época, e são históricos porque pertencem à história. Dar anterioridade a um ou outro factor, é ver apenas um dos aspectos do fenômeno histórico-social, e fazer obra fora da ciência.

O grande papel da intelectualidade, na história, consiste em estabelecer essa correlação, essa complementaridade entre os dois factores, em ver os dois aspectos, o interno e o externo, e não se deixar arrastar pelo parcialismo néscio, unilateral e ingênuo.

* * *

Ninguém usou e abusou mais na história da expressão "pequeno-burguês", como expressão ofensiva, do que os marxistas, como também êstes não definiram bem o que entendem por pequeno-burguês. Todo escritor, todo autor, todo socialista, que diverge da doutrina, recebe o epíteto de pequeno-burguês. Se tende para esquerda, sua atitude é chamada de "esquerdismo pequeno burguês", se tende para a direita, de "direitismo pequeno-burguês"; se permanece indeciso, "indecisão pequeno-burguês", se quer permanecer no centro, "centrismo pequeno-burguês". É fácil então compreender-se o conceito de "pequeno-burguês". É uma fórmula elástica que serve sempre como apodo ao adversário do momento. E dizemos do momento, porque muitas atitudes chamadas de pequeno-burguêsas são posteriormente julgadas certas e os acusadores, num falso gesto de piedosa humildade, pronunciam, então, a clássica frase:

"Então, naquela época, estávamos errados"...

Quantas vêzes, nas obras dos maiores doutrinários do marxismo, essa ciência que tudo sabe, tudo vê e tudo informa, encontramos essa frase:

"Então, naquela época, estávamos errados..."?

Para justificar a nova atitude é preciso explicar o por que da atitude anterior. Ou se usa o velho recurso sofístico, em parte, de afirmar que as condições atuais são diferentes ou, então, ao reconhecer que haviam errado numa determinada conjuntura histórica, usam a velha piedosa humildade de se reconhecer errados, mas depois de haverem ofendido, humilhado e até morto os companheiros que, então, divergiam. Não há dúvida que tais factos, para uma *doutrina absolutamente científica,* são supinamente ridículos. Mas o que desejamos ressaltar é o epíteto "pequeno-burguês, apodo, ofensa, acusação tão temida pelos partidários do marxismo, que fazem malabarismos de curvaturas espinho-dorsais ante seus líderes, para não serem acoimados pela pecha mais terrível e mais temível que conhecem, a de serem tachados de pequeno-burguêses.

Tôdas as outras tendências do socialismo, sempre sofreram dessa pecha. Os únicos proletários legítimos são os marxistas, embora seus líderes, em espantosa maioria, sejam apenas produtos da pequeno-burguesia. Tanto Marx, como Engels, como Lenine, como Plekhanov, Stalin, Khaustky, Trostky, vieram da pequeno-burguesia, para citarmos apenas alguns entre os mais venerados santos evangelistas do marxismo.

Nênhum dêles nunca foi operário, nunca conheceu pròpriamente a vida operária. Marx, por exemplo, em tôda a sua vida, viveu à custa de terceiros, e quase todos ou foram simples intelectuais acomodados ou profissionais da revolução.

Não pensem que queremos com isso negar-lhes valor. Absolutamente não. É que, no mundo que conhecemos no século dezenove e princípios dêste século, a "inteligentzia" era, em sua quase totalidade, composta de pequenos burgueses. Ao proletariado não era fácil penetrar no terreno do conhecimento, da cultura do espírito. Sua situação não o permitia; a exploração de que era vítima era profundamente exaustiva para lhe dar tempo para reflexionar especulativa e calmamente sôbre a sua situação histórica. Naturalmente que o proletariado sentia em suas carnes tôda a hediondez da exploração que sofria na sociedade. Não sabia, porém, dar corpo a uma doutrina que pudesse servir-lhe de alavanca para a sua luta social, em prol de seus direitos postergados, espesinhados.

Êsse papel histórico caberia à ofendida pequeno-burguesia, cujas horas de lazer e condições econômicas permitiam que sentisse, não pròpriamente nas carnes, mas com a agudez exarcebada pelo espírito, a realidade de uma exploração ignominiosa do homem. O pequeno-burguês foi sempre, na história, essa classe que sentiu agudamente e deu um corpo à realidade dessa exploração e lutou contra ela, sacrificando sua situação, seus haveres, sua liberdade e sua vida, na defesa dos mais fracos. Êsse papel histórico da pequeno-burguesia merece ser observado com outro respeito.

Se aos pequenos burgueses coubessem a exclusividade dos *desvios,* se sòmente dêles partissem todos os "traidores do proletariado", se nêles, sòmente nêles, se gerassem os grandes inimigos da classe trabalhadora, seria, então, um fenômeno que deveria merecer atenção. Nesse caso, com espírito objectivo e honesto, se deveria estudar o "porquê" dêsses erros. Mas ao ver que dela partem tantos e tão grandes lutadores pela causa da emancipação do trabalhador e do homem, usá-la como pecha para denigrir personalidades é cometer uma das injustiças mais clamorosas da história do pensamento histórico-social.

Tal pecha, porém, é usada como fórmula já feita para atirar sôbre os que discordam. E usam-na quem? Aquêles que saíram dessa classe, que a ela pertencem ainda, e que vão para os meios proletários lutar pelas reivindicações dos trabalhadores.

Desta forma, à pequeno-burguesia cabe todos os erros: o da extrema esquerda, o do centro, e o da extrema direita. Quando o centro domina, os outros dois lados são pequeno-burgueses, e assim sucessivamente. Vê-se, dessa forma, a elasticidade que se dá a essa expressão aleivosa quando convém aos que dirigem (pequeno-burgueses quase sempre) o movimento dos trabalhadores. Não é a condição puramente econômica a que êles aludem, é ao *espírito.* Há, para êles, um "espírito pequeno-burguês" que pode pertencer até aos próprios operários. É simples, e difícil de errar, e todo o marxista o sabe: basta chamar de pequeno-burguês aquêle que diverge da direção do momento. Êsse relapso é sempre um pequeno-burguês.

Ora, em que consistiria então êsse espírito?

O pequeno-burguês, como membro de uma classe intermédia, é um ser social que não quer proletarizar-se, e sofre, por antecipação, a posição inferiorizada do proletário. Como a burguesia exerce sôbre êle sua pressão, a odeia e, em certas circunstâncias, alia-se ao trabalhador.

Noutras, une-se à burguesia, na defesa, naturalmente, de seus próprios interêsses de classe. Assim, a pequeno-burguesia é uma classe "volúvel", sempre pendendo, ora para um lado, ora para outro ou, então, raramente, para si mesma, isto é, torna-se uma classe-para-si, na linguagem hegeliana.

Não deixamos de reconhecer tais factos. Mas daí a combater a pequeno-burguesia, acusando-a de todos os desvios, é desconhecer que os maiores traidores do proletariado vieram do próprio campo dos trabalhadores. Enquanto houver comprador do trabalho humano há quem venda.

Se a organização capitalista favorece a formação dos trustes, o super-capitalismo de Estado do sovietismo cria o truste único, e o trabalhador continua vendendo o seu trabalho, ora ao comprador particular, ora ao comprador estatal, dominado por pequeno-burgueses.

Pelas formas de cooperação, tal situação desaparece, porque o homem passa a ser o senhor do produto de seu trabalho, que é apenas função social. Em vez de uma brutalidade organizada, não desejamos outra brutalidade organizada, mas apenas a liberdade organizada.

É, portanto, um imperativo da hora actual conhecer as normas, os princípios, as bases técnicas, econômicas, ideológicas e filosóficas, e os elementos reais e concretos de que dispõe o cooperativismo para a realização de seu grande programa de libertação e de exaltação humana. Por isso dizemos: O que há de mau no espírito de alguns pequenos-burgueses é o desejo de organizar a sociedade sob o domínio do Estado socialista, o grande capitalista de dinheiro e de homens, aproveitando-se das massas para derrubar a ordem vigente e estabelecer outra, que será o paraízo, não dos trabalhadores, que continuarão assalariados, mas dêsses pequenos-burgueses ressentidos, que se mascaram com frases esquerdistas para *liderarem* as massas.

O PROBLEMA PECUÁRIO

L. R. GUASQUE, pecuarista e ex-charqueador no Estado de Mato Grosso.

* * *

"O mundo tem carência de produtos de origem animal. Carência progressiva porque o aumento das populações implica, sempre, aumento da Procura e diminuição, simultânea, das possibilidades naturais da Produção . "

* * *

O Brasil, pelo clima sem inverno, sem neve, é o CANAAN DA PECUÁRIA, gigantesca, que pode abastecer o Mundo. Cultivando pastagens, sem fazer desertos nem prejudicar atividades econômicas outras, comporta 450 milhões de bovinos, calculados na proporção das áreas utilizadas no Rio Grande do Sul, nos Estados Unidos e na Índia. E tem 40 milhões, decrescentes, de bovinos medíocres.

Nosso rebanho não aumenta, não melhora, não progride, por carência de sentido econômico básico da Produção pastoril, espoliada nos setores Industrial e Comercial. O produtor autêntico, que é o criador sertanejo, recebe Cr $ 700.00, instáveis, por boi de boiada que, transformado em produtos, custa Cr $ 3.000,00 para o Consumidor citadino, nacional, sem que as "despesas complementares", totais, de transformação (reengorda, industrialização, transporte, condução, impostos e perdas) somem Cr $ 450,00, médios, ao custo efetivo.

O sistema vigente de abastecimento, de matadouros sediados na zona urbana, impraticável para o acesso direto, natural — à pé — do gado, de corte, exclui o produtor da concorrência direta ao mercado, que fica sendo privilégio exclusivo do detentor do entrepôsto e do tráfego. intermediário-encarecedor discricionário, organizado. Institui a especulação, despótica, e determina o regime de dissipação: perda sistemática da primeira engorda — a da cria, da "querência", que é a mais espontânea, inaproveitada — frete absurdo e desgaste físico enorme da matéria prima transportada viva.

Por pauperismo. sem custeio, sem dadas de sal regulares, sem renovação de reprodutores, sem cultivo de pastagens, sem aramados divisórios de seleção, a produção pastoril degenera. O índice genético (bom no nosso extrativismo, próspero) de 66 cái para 35%, e o rendimento, por novilho de 44 meses, de 280 cái para 180 quilos, e menos.

A solução certa, e imperativa, do problema, é a solucão Industrial sertaneia — a montagem de uma linha moderna de MATADOUROS-MODÊLO e FRIGORÍFICOS nacionais, sediados nos centros de produção e concentracão pastoril, tais como CACEQUI, no Rio Grande do Sul, exportador, e PORTO EPITÁCIO, PORTO CEMITÉRIO e MONTES CLAROS, tributários diretos do grande mercado de consumo nacional — as cidades de Rio e S. Paulo — a que estão ligados pelas estradas de ferro Sorocabana, Paulista e Central. tôdas perfeitamente aptas para o novo mister

industrial, liberador, aliás, de material rodante, na proporção de 1 trem de produtos para 11 de gado vivo.

Os Matadouros-Modêlo sertanejos estabelecerão o entrosamento econômico direto e efetivo da Produção pastoril, dirimindo a interferência especuladora, tirânica, de Boiadeiros, Recriadores, Invernistas, Comissários, Atravessadores, Marchantes e Açougueiros (comercialmente contrajustados no campo da economia comum) visto que, no ambiente rural, o gado de corte vence, normalmente, até 25 jornadas de 30 quilômetros, à pé, sem perda de pêso apreciável, o que faculta ao produtor a prioridade na indústria da engorda e a entrega direta ao Matadouro sertanejo, na pior hipótese magro, com 12 arrobas, por novilho, procedente de qualquer latitude. A engorda não é essencial para o Consumo nem é privilégio de zonas delimitadas pela Natureza. Precìpuamente vale pelo aumento de volume físico, que produz na proporção de 12 para 18 arrobas, proporção que serve de margem legítima, generosa, para o Invernista avizinhado dos Matadouros.

Pagando Cr $ 100,00 "pêso-carne", por arroba, os Matadouros-Modêlo poderão distribuir carne ao preço médio de Cr $ 6,00, por quilo, nos mercados nacionais, e Cr $ 10,00 nos mercados internacionais, realizando dividendos liberalíssimos na recuperação industrial, moderna, dos subprodutos, salsicharia e lataria, que rendem Cr $ 850,00 por bovino industrializado. Assim o criador sertanejo terá assegurados Cr $ 1.200,00 mínimos, por boi de boiada, que hoje lhe rende os Cr $ 700,00 máximos, precários. E o consumidor citadino estará livre do açougueiro mistificador, e do produto de má qualidade e péssima conservação, que resultam do abate em estado de martírio do gado transportado vivo. O distribuidor citadino fica adstrito à entrega de produto padronizado nos Matadouros.

Essa nova ordem de Economia, de remuneração progressivamente melhor, da Produção, será decisiva para o surto pecuário, além de grandioso fator de riqueza geral. Fomentará penetração sertanista, formação de pastagens e seleção do gado brasileiro, que pode superar o tipo Santa Gertrudes, o azebuado Norte-Americano, cujo rendimento atinge 330 quilos aos 30 meses, e vale US $ 400.00 (Cr $ 7.200,00) por cabeça posta-Matadouro. A ausência de neve assegura ao Brasil o cultivo das melhores forragens do Mundo, e dispensa qualquer estabulagem hospedeira do gado de corte.

* * *

A Cr $ 6,00, médios, nos mercados nacionais, ou seja: Cr $ 25,00 para o "filet" de luxo, Cr $ 12,00 para o "contra-filet" separado, e Cr $ 2,50 para o tipo popular, bom. o consumo nacional quadruplicaria do atual, restringido pelo preço, de fato proibitivo, e pela má qualidade. A Cr $ 10,00 nos mercados internacionais, que hoje pagam preços cartelizados, astronômicos, as carnes brasileiras seriam o produto de alimentação milagrosamente barata, de propagação incontrastável no Mundo inteiro. De certo que romperiam as barreiras trustistas, amparada a Produção brasileira no sentido político internacional dos postulados democráticos de combate à Fome, ao Comunismo, contra o predomínio alienígena de Anglo, Swift, Armour, Continental, Wilson, Liebigs, etc., que cartelizam o mercado internacional e mantêm a especulação no nosso mercado interno, de Consumo e matéria prima, desagregando a economia nacional. Aliás, sem outras fontes além da Argentina, do Uruguai, do Paraguai e da Venezuela, pràticamente esgotadas, privados que sejam, efetivamente, da quota brasileira de produto absorvido no mercado interno, por algum tempo, e excluidos da compra da matéria prima pelo monopólio nacionalista, os "Frigoríficos" do cartel alienígena (e os "trusts" satélites, nacionais, vigentes) ficarão desarvorados nas suas bases industriais obsoletas, anti-econômicas. Terão de renunciar ou ceder

parte justa ao Brasil no "Navy Cert" transoceânico, cujo exclusivismo, aliás, a procura veemente de produtos e a difusão dos métodos modernos de frigoria e desidratação comprometem.

Liberada, a Produção brasileira estará realizando divisas fartas, em tôdas as moedas, dentro de muito pouco tempo, pois que, no regime de alento econômico, o rebanho bovino brasileiro dobra de número cada cinco anos — tal é a pauta normal, comprovada em épocas de relativa prosperidade. Em 15 anos teríamos 320 milhões de bovinos, bilhões de toneladas de Exportação, partindo dos atuais 40 milhões do nosso rebanho malbaratado, fraudado.

* * *

E a tonelagem pecuária, nobre por excelência, subsidiará o desenvolvimento dos meios de transporte lançados pela civilização do Café, as estradas de ferro decadentes, deficitárias de carga sertaneja útil. O surto pecuário de regiões hoje improdutivas ou sub-desenvolvidas, como os vales do Tocantins, do Paraná e do Paraguai, alongará trilhos ferroviários e multiplicará barcos de navegação fluvial, avançado sedes de Matadouros e disseminando bases sólidas de CENTRIPETISMO ECONÔMICO. O sistema de transporte, frigoria e desidratação dos Matadouros-Modêlo auspiciará a produtividade sertaneja por falta absoluta de transporte adequado. Suinocultura, Avicultura, Lavoura adubada, em grande escala, serão decorrências naturais, mutuárias, do aproveitamento de resíduos e detritos no âmbito industrial dos Matadouros.

* * *

Ainda do ponto de vista do Transporte — eterna grande premissa da Economia do Brasil — a benemerência da produtividade pecuária será sem paralelo: matéria prima *semovente*, o gado supera o problema sombrio da circulação de riqueza no "complexo geográfico". É o único elemento de economia de base que pode fixar, radicar o Homem ao sólo das mais recuadas paragens sertanejas, sem estradas para Produção.

Nossos economistas acadêmicos, "bandeirantes" do ruralismo livresco, precisam compreender o Sertão do Brasil, que se despovoa por não oferecer razão de ser econômica para a vida humana. O Ouro, o Café, a Borracha, fundaram civilizações sertanistas aprimoradas, que brilharam e desapareceram segundo a remuneração do Produtor. O "plantando dá..." doutoresco, é uma injustiça torpe que se faz ao valor pessoal do sertanejo brasileiro. Tôda vez que a Economia chegou até êle, nesse Brasil segregado em que vegeta, o sertanejo se revelou homem de ação. Plantou os cafezais iterativos, desbravou os seringais insalubres e as lôbregas grotas poaieiras, devassou todo sertão hostil dos garimpos. E sempre foi explorado, até a exaustão, por êsse parasita voraz, essa ave de prêsa insaciável que é o "intermediário encarecedor", ubíquo demolidor de tôdas as iniciativas.

Sob o signo econômico dos Matadouros-Modêlo, com o mercado assegurado para a Produção, o "fazedor de desertos" se transformará no invernista próspero e agricultor de lavoura fertilizada. E o Brasil terá abundância para o Mundo dêsse trigo nacional simbólico, que hoje é tema predicatório dos nossos administradores-políticos, barganhadores de mandatos e de empregos públicos.

O empreendimento nacional da linha de Matadouros-Modêlo e Frigoríficos não depende de ação Governamental de larga envergadura, e, muito menos, de recursos do Erário. Há bastante capital privado, no país, ávido de bons investimentos, que tais.

A margem de lucros, hoje, é de tal ordem, que o contrôle de uma única safra de consumo de Rio e S. Paulo lastrearia a construção e o aparelhamento completo

dos quatro Matadouros-Modêlo indicados, iniciais. A inversão de ..... Cr $ 1.200.000.000,00 dará um retôrno seguro de Cr $ 1.500.000.000,00, de lucro em 18 meses, dentro da pauta geral de preços, vigente, desde que o transporte da matéria prima se processe sem os impedimentos propositados, atuais, e que o abate se realize — com economia dos subprodutos — no parque dos "Frigoríficos" estrangeiros de Barretos e S. Paulo, por arrendamento de emergência.

A compra por antecipação de safra, das boiadas sertanejas, garantiria êsse monopólio pioneiro nacionalista. Adquirindo o gado, ficaria invernado com o produtor e com o Invernista das adjacências ferroviárias da "cria" sertaneja. O custo sertanejo — de matéria prima e invernagem — muito menor do que o do mercado Industrial, compensará, de sobra, a deficiência do rendimento da engórda, improvisada, da safra nacional.

O Govêrno pode articular êsse consórcio, mas, para que se consorciem as classes produtoras nacionais — que hoje lutam pela sobrevivência — é indispensável que obtenham proteçao efetiva contra a ação adversa, todo poderosa, do cartel alienígena e dos "trusts" nacionais, que predominam mantendo o estado de coisas amparado na comandita política dissimulada, usufrutuária do tráfego (Transporte), do Crédito (capital), do Entrepôsto, da assistência oficial e da legisferação reguladora. Além de tais garantias a ação do Govêrno se resumiria na seleção dos subscritores e na defesa da Economia Popular perante prepotência, possível, do mesmo Consórcio.

* * *

Só a Administração esclarecida de um Govêrno forte e bem intencionado, que abjure o bacharelismo dirigente e revogue as cartas de corso dos "interêsses criados", poderia promover a solução do problema pecuário e da recuperação econômica rural brasileira. E essa solução não advirá, por certo, das Administrações instáveis, que se sucedem inaptas, contraditórias, com os Govêrnos substancialmente estruturados no poder eleitoral, parlamentar e legislativo de "grupos" negocistas prestigiados pelo voto famulatório do eleitorado brasileiro, que não reage ao interêsse nacional. As classes armadas, na constante do tema tático da "improdutividade que desarma a Nação", têm motivo de sobra para interferir na Administração, impondo soluções patrióticas, inadiáveis. O esquema político da "DEMOCRACIA PARA-MILITAR" é um imperativo do momento internacional. No estado de guerra em que nos achamos contra o Comunismo — triunfante nas áreas da Fome — a incomparável pujança econômica do Brasil-Potência será a grande reserva-essencial, o denominador comum do Mundo Melhor, de Roosevelt, que ameaça malograr por impedimento econômico.

A fraude oficializada imune, que saqueia os cofres públicos, e inibe a produtividade e o poder aquisitivo, é causa principal do pauperismo que degrada o Brasil em todos os sentidos. O brasileiro, democrático-libertário por índole, é o povo de melhor formação sentimental do mundo. Torna-se inerte e desonesto por contingência nunca por vocação. Por premência econômica está corrompendo, nesta geração, a linha de conduta máscula dos nossos avoengos, que deram tantos e tão ilustres cidadãos do mundo, de cuja memória já não sabemos siquer nos orgulhar. A dignificação econômica é condição universal de dignidade.

* * *

O desmando político-administrativo não estará arrastando o país para a ditadura militar inevitável, imposta como medida extrema de salvação nacional?

Na época de arrivismo que estamos vivendo, o mando discricionário depois de atrabiliar não corromperá, forçosamente, o caráter dos nossos grandes homens militares — a incontestável última reserva moral do país?

Não estaremos marchando para o destino das repúblicas latino-americanas de Generais-magnatas, donos das fontes da riqueza nacional, como na Colômbia, na Venezuela, na Bolívia, no Paraguai, na Argentina, tôda essa "América Hespanhola" que, aliás, tem reivindicações territoriais sôbre o Brasil empobrecido, desarmado?

O preceito "civilista", de Govêrno, que enquadra os nossos militares na "guarda fiel das instituições", incompatibilizando-os com a ingerência Política nacional, não será muito mais um ardiloso lance dos interêsses politiqueiros do que, mesmo, a observância necessária de um princípio são do regime democrático?

Brasileiros insignes, capazes, e indicados por todos os títulos para as mais altas investiduras (como os Generais Canrobert, Estilac, Obino, Juarez, Pradel, Poly, Anápio), envolvidos pela "agnóia" oficial, são segregados da ação patriótica na Administração do país, *porque são militares.* E a Administração Pública, pelos "canais competentes", catalisa progressivamente a Produção, a Riqueza. Haja vista o que ocorre com o "trágico" problema do Transporte, que, na realidade, se resume a um caso de Polícia Econômica, de moralização do tráfego ferroviário. Uma simples indagação de causa, promovida pela Comissão de Rede do Estado Maior, localizaria material desviado, estoques sonegados e colheitas sistemàticamente bloqueadas pelo Mercado Negro. No setor pecuário, por exemplo, o trem de passageiros vem de Campo Grande, no extremo Oeste, em 36 horas pontuais, e o trem de gado em 130 horas cruéis, normais. O pretêxto é a escassez de material de tração, de que se a Noroeste tem falta, a Sorocabana, na mesma bitola, na mesma linha de abastecimento, tem sobra, como é público e notório. A alegação "técnica" da resistência dos trilhos também não prevalece, pelo menos em todo o trecho paulistano que vai até Três Lagoas.

Para êsses grandes chefes militares, e brasileiros ilustres, devem convergir o apêlo patriótico e o concurso esclarecedor, esforçado e leal, dos homens livres e de bons costumes. No Brasil, do angustioso momento internacional que enfrentamos, se a pequena política precisa ser combatida como êrro nefasto, a grande Política deve ser praticada como dever sagrado, imperativo. A ausência na causa brasileira é um crime contra a Humanidade. O "caso pecuário" é uma dessas realidades amargas presentes em todos os lares da família brasileira. Sua elucidação patriótica não comporta eufemismos e reverências.

★

A melhoria da técnica também advém do aumento do salário, pois leva o capitalista a empreender reformas que aumentem a produtividade do trabalhador, para compensar o aumento de despêsa, constituindo um aumento de seus lucros. É uma compensação que surge do dispêndio inesperado, com o aumento do salário.

★

Friedrich Nietzsche

Assim Falava Zaratustra

(Um livro para todos e para ninguém)
Trad. direta do alemão pelo
Prof. Mário Ferreira dos Santos

Prólogo de Zaratustra

I

Quando Zaratustra completou trinta anos, abandonou sua pátria e o lago de sua pátria, e foi para a montanha. Alí, durante dez anos, alimentou-se de seu espírito e de sua solidão, sem dêles se fatigar.

Mas um dia, finalmente, transmutou-se-lhe o coração, — e de manhã, ao levantar-se com a aurora, pôs-se ante o sol, e assim falou:

— Grande astro! Que seria de tua felicidade se te faltassem aquêles a quem iluminas?

Há dez anos ascendes até a minha caverna, e ter-te-ias cansado de tua luz e dêste trajecto, se não estivéssemos lá, eu, minha águia e minha serpente.

Mas nós te esperávamos tôdas as manhãs, para tomarmos o teu supérfluo, e por isso te bendizíamos.

Vê; estou enfastiado de minha sabedoria, como a abelha que acumulou mel em demasia. Necessito de mãos que se estendam para mim.

Eu quisera dar e repartir, até o dia em que os sábios entre os homens sintam-se alegres de sua loucura e os pobres de sua riqueza.

Por isso devo descer às profundidades, como tu durante a noite, astro exuberantemente rico, quando mergulhas abaixo do mar para levar tua luz ao mundo inferior.

E devo "descer", como tu, assim como dizem os homens, até àquêles a quem quero baixar.

Bendiz-me, portanto, ôlho tranqüilo, que podes ver sem inveja até o excesso de felicidade!

Bendiz o cálice que vai desbordar, para que dêle fluam as douradas águas, levando a todos os lados o reflexo de tua delícia.

Olha! Êste cálice deseja esvaziar-se outra vez, e Zaratustra outra vez quer tornar-se homem.

Assim começou a descida de Zaratustra.

II

Zaratustra desceu sòzinho da montanha sem encontrar ninguém. Ao chegar aos bosques, deparou-se-lhe sùbitamente um vélho, que havia saído de sua santa cabana para procurar raízes na floresta.

E o velho falou desta forma a Zaratustra:

— Não me é desconhecido êste viandante. Há anos que passou por aqui. Chamava-se Zaratustra; mas está mudado.

Aquela vez levavas para a montanha as tuas cinzas. Queres hoje levar ao vale o teu fogo? Não temes o castigo reservado aos incendiários?

Sim, reconheço Zaratustra. Límpido é o seu olhar, e seus lábios não encobrem nenhum desgôsto. Não se aproxima daqui como um bailarino?

Mudado é Zaratustra; Zaratustra tornou-se criança; despertou Zaratustra. Que queres agora entre os que dormem?

Como no seio do mar, vivias tu em tua solidão, e êsse mar te levava. Desgraçado de ti! Queres saltar em terra? Desgraçado de ti! Queres outra vez levar tu mesmo o pêso do teu corpo?

Zaratustra respondeu:

— Amo os homens.

— Por que — disse o santo — me retirei para a floresta e para a solidão? Não foi acaso por amar demasiadamente os homens?

Agora, amo a Deus; não amo os homens. O homem é para mim uma cousa excessivamente incompleta. O amor ao homem matar-me-ia.

Zaratustra respondeu:

— Falei por ventura de amor! Trago um presente para os homens.

— Não lhes dês nada — disse o santo — Antes, tira-lhes parte do seu fardo, que os ajudarás a levá-lo. Nada alegrá-los-á mais; e possas tu, também, te satisfazeres.

E se queres dar um presente, que seja uma esmola, e ainda espera que te peçam.

— Não — replicou Zaratustra — não dou esmolas. Não sou tão pobre para tanto.

O santo pôs-se a rir de Zaratustra, e disse-lhe:

— Então, cuida que aceitem os teus tesouros. Desconfiam dos solitários, e não acreditam que venhamos dar-lhes presentes.

Nossos passos soam demasiadamente solitários ao longo de suas ruas. E à noite, em seus leitos, ao ouvir passar um homem, muito antes do amanhecer, perguntam a si mesmos: Aonde irá o ladrão?

Não vás para junto dos homens! Fica no bosque! Prefere então os animais! Por que não queres ser como eu — urso entre os ursos, ave entre as aves?

— E que faz o santo no bosque? — perguntou Zaratustra. O santo respondeu:

— Componho cânticos e os canto, e quando os faço, rio, choro e murmuro. Assim louvo a Deus.

Cantando, chorando e murmurando, louvo a Deus, que é o meu Deus. Mas vamos, qual é o presente que nos trazes?

Ao ouvir Zaratustra estas palavras saudou o santo e lhe disse:

— Que teria para vos dar? Deixai-me ir embora bem depressa, para que não vos tire nada!

E assim se separaram um do outro, o velho e o homem, rindo como riem duas crianças.

Mas Zaratustra quando só, falou assim ao seu coração:

— Será possível? Êsse santo ancião não ouviu em sua floresta que Deus morreu!

III

Ao chegar Zaratustra à cidade mais próxima, na orla dos bosques, encontrou uma grande multidão reunida na praça pública. Estava anunciada a exibição de um bailarino de corda. E Zaratustra dirigiu-se à multidão com estas palavras:

— Eu vos ensino o Superhomem. O homem é algo que deve ser superado. Que fizestes para superá-lo?

Até agora todos os sêres criaram alguma coisa que os ultrapassou, quereis ser o refluxo dessa grande maré e retornar ao animal, em vez de superar o homem?

Que é o símio para o homem? Uma irrisão ou uma dolorosa vergonha. Pois tal deve ser o homem para o Superhomem: uma irrisão ou uma dolorosa vergonha.

Percorrestes o caminho que vai do verme ao homem, tendes ainda em vós muito do verme. Outrora fostes símios e até hoje o homem é ainda mais símio que todos os símios.

Até o mais sábio entre vós é um ser indeciso e híbrido entre planta e fantasma. Acaso vos aconselhei que vos tornásseis planta ou fantasma ?

Eis, eu vos ensino o Superhomem !

O Superhomem é o sentido da terra. Assim fale vossa vontade : possa o Superhomem tornar-se o sentido da terra !

Exorto-vos, ó meus irmãos, a permanecerdes fiéis à terra, e a não acreditar naqueles que vos falam de esperanças supraterrestres. São êles envenenadores conscientemente ou não. São menosprezadores da vida, moribundos intoxicados de um cansaço da terra ; que pereçam, pois !

Blasfemar contra Deus era outrora a maior das blasfêmias ; mas Deus morreu, e com êle mortos são os blasfemadores. Agora o crime mais espantoso é blasfemar da terra, e dar mais valor às entranhas do insondável do que ao sentido da terra.

Outrora tinha a alma um olhar de desdém para o corpo ; e nada era superior a êsse desdém. Queria a alma um corpo magro, horrível, consumido de fome ! Julgava libertar-se assim dêle e da terra !

Ó ! Essa mesma alma era magra, horrível e consumida de fome. E a crueldade era o deleite dessa alma !

Mas, irmãos meus, respondei-me : que diz vosso corpo de vossa alma ? Não é a vossa alma pobreza, imundície e deplorável prazer ?

Na verdade, é o homem um rio turvo. É preciso ser o mar para receber um rio turvo, sem tornar imunda as suas águas.

Pois bem, eu vos ensino o Superhomem. Êle é êsse mar, e nêle irá abismar-se o vosso grande menosprêzo.

Qual é o maior acontecimento que pode sobrevir em vossa vida ?

É a hora do grande menosprêzo. A hora em que vos enfastieis da vossa própria felicidade e também da vossa razão e da vossa virtude.

A hora em que digais : "Que me importa a minha felicidade ! É pobreza, imundície e deplorável prazer ! Ora a minha felicidade deveria ser uma justificação da existência".

A hora em que digais : "Que me importa a minha razão ! Tem ela fome de saber, como o leão tem fome de alimento ? Ela é pobreza, imundície e deplorável prazer !"

A hora em que digais : "Que me importa a minha virtude ? Ainda me não enlouqueceu. Como estou farto do meu bem e do meu mal ! Tudo isso é pobreza, imundície e deplorável prazer !

A hora em que digais : "Que importa a minha justiça ? ! Não me parece que ainda sou fatalmente fogo e carvão ! Ora, o justo é fogo e carvão !"

A hora em que digais : "Que me importa a minha compaixão ! Não é a compaixão a cruz onde se crava aquêle que ama os homens ? Ora, a minha compaixão não é uma crucificação".

Alguma vez falastes assim a vós mesmos ? Já elevastes assim a vossa voz ? Ah ! Não vos ter eu ouvido falar assim !

Não são os vossos pecados, — é a vossa chã satisfação que clama aos céus, é a vossa mesquinhez até no pecado que clama aos céus !

Onde está, pois, o raio que vos lamberá com a sua língua ? Onde a loucura contra a qual é mister inocular-vos a vacina ?

Vêde ; eu vos ensino o Superhomem : "É êle êsse raio, é êle essa loucura !"

Depois que Zaratustra disse estas palavras um homem dentre a multidão exclamou

"Já ouvimos falar demais dêsse saltimbanco! Mostra-no-lo agora". E tôda a gente riu de Zaratustra. Mas o saltimbanco, que julgou que tais palavras eram para êle, pôs-se imediatamente a trabalhar.

IV

Zaratustra, entretanto, olhava estupefacto o povo. E falou assim:

"O homem é uma corda estendida entre o animal e o Superhomem: uma corda sôbre um abismo. perigoso passar um abismo — perigoso seguir êsse caminho, perigoso olhar para traz, perigoso temer e parar.

A grandeza do homem consiste em ser uma ponte e não uma meta; o que se pode amar no homem, é ser êle uma ascensão e não um declínio.

Amo aos que não sabem viver senão com a condição de perecer, porque perecendo êles se ultrapassam.

Amo aos repletos de um grande desprêzo, porque trazem em si o respeito supremo, e são flechas do desejo dirigidas para a outra margem.

Amo aos que não necessitam procurar além das estrêlas uma razão para perecer e oferecer-se em sacrifício, mas que se imolam à terra, para que a terra pertença um dia ao Superhomem.

Amo ao que vive apenas para conhecer, e que quer conhecer para permitir que um dia viva o Superhomem. Essa é a sua maneira de querer a própria perda.

Amo ao que trabalha e inventa, a fim de erigir um dia a morada do Superhomem, e preparar para êle a terra, os animais e as plantas. Essa é a sua maneira de querer a própria perda.

Amo ao que ama a sua virtude, porque a virtude é vontade de perecer e flecha do desejo.

Amo ao que não reserva para si nem uma gôta de seu espírito, mas que é a quinta-essência de sua virtude própria, porque assim como Espírito atravessa a ponte.

Amo ao que transforma sua virtude em inclinação e em destino; é assim que, por amor de sua virtude, quererá viver ainda e não mais viver.

Amo ao que não quer ter demasiadas virtudes. Uma virtude é mais virtude do que duas, é um nó mais forte em que se aferra o destino.

Amo aquêle cuja alma pródiga recusa qualquer gratidão nem devolve o que quer que seja; porque dá sempre e nada reserva para si.

Amo ao que se envergonha, quando vê os dados cairem a seu favor, e pergunta a si mesmo então: "Sou um trapaceiro?", porque sua vontade é perecer.

Amo ao que lança ante suas obras palavras de ouro e cumpre sempre mais do que promete, porque sua vontade é perecer.

Amo ao que prèviamente justifica os homens vindouros, e redime os do passado, porque sua vontade é perecer com os do presente.

Amo ao que castiga a seu Deus, porque ama a seu Deus, porque morrerá da cólera de seu Deus.

Amo aquêle cuja alma é profunda, até em sua ferida e que pode morrer de qualquer acidente, porque é de boa vontade que passará a ponte.

Amo aquêle cuja alma se desborda a ponto de esquecer a si mesmo e de tôdas cousas que traz consigo, porque assim tôdas as cousas causarão sua ruína.

Amo ao livre de coração e de espírito, porque assim sua cabeça serve de entranhas ao coração, e será o coração que o fará perecer.

Amo a todos os que são como essas gôtas pesadas que caem, uma a uma, da sombria nuvem suspensa sôbre os homens; anunciam que é próximo o relâmpago; e êles perecem por serem seus anunciadores.

Vêde: eu sou o anunciador do raio, sou uma pesada gôta caída da nuvem; mas êsse raio chama-se o Superhomem".

(Continua)

O EFÊMERO DAS CONDIÇÕES ADVERSAS

EDUARDO BRAGA

Já houve quem notasse esta característica de nossa época: convencemo-nos que não possuímos a verdade. Tôdas as épocas anteriores caracterizavam-se pela convicção contrária. Até os próprios cépticos se forravam desta crença. As doutrinas totalitárias — embora em parte se orientem dialèticamente — são as únicas, hoje, que se proclamam possuidoras da verdade. São porisso intransigentes, porque sempre os que se julgaram com a verdade foram intransigentes.

As filosofias nasceram de um desejo inconsciente ou não, de acomodação da vida às condições adversas. Esta tese é analisável através da história. Se verificarmos, por exemplo, Sócrates, há certas características que podem dar luz à compreensão de sua filosofia. Seu aparecimento marca uma transformação categórica na vida da filosofia grega, como em sua própria história.

A estirpe de Anaxágoras, Anaximandro, Heráclito, Empédocles, cujos olhos se volviam para o cosmos, cedeu à interpretação da vida e do homem das perspectivas socráticas. A filosofia grega, perdera os altos vôos metafísicos e ossiânicos dos pre-socráticos.

A filosofia de Sócrates corresponde e conexiona-se, estreitamente, à situação histórica de Atenas e da Grécia em geral, época de decadência da economia helena e sobretudo da ateniense em particular, fundamentada no trabalhc escravo. Era uma acomodação às condições adversas.

Kant, por exemplo, — "aquêle funcionário prussiano" — ao formular os imperativos categóricos, fundia-se ao "Imperator" do prussianismo.

Mantinha o sensualismo pela acomodação lógica. Mais alemão que êle fôra Leibnitz, que se embriagou da alma germânica e chegou até a afirmativas audaciosas para um filósofo. Eram acomodações. Kant afirmava, com suas teorias, sem que disso tivesse consciência, uma acomodação ideológica entre comerciantes e industriais, que aspiravam ao e se preparavam para o poder. Acomodava, através da filosofia, a vida às condições adversas. Constituições psíquicas como a de Kant não podem fugir ao "imperativo" da época.

Na "ética", ao sublinhar o conceito do Dever, prestava reverência ao militarismo da antiga Prússia.

Não acomodava Comte uma situação perigosamente revolucionária aos interêsses pacíficos de uma transformação sem violências?

Não era também a sua filosofia uma acomodação da vida às condições adversas?

Não marcava a direção filosófica o rumo de uma liberal democracia?

Numa época de lutas, de dúvidas e de agitações, em que as ameaças pairavam sôbre a França, sua filosofia tinha a serenidade do equilíbrio, de um acomodamento. Marcava, assim, uma situação, um rumo, uma ordem para orientar a sociedade à conquista das escalas que erguessem o homem, sem passar pelo redemoinho perigoso das revoluções.

Que é a filosofia mecanicista de Descartes senão uma filosofia característica de acomodações à época manufatureira em que viveu?

Não se adaptava, assim, a vida, às condições adversas da época?

Que fez Diderot na brutalidade do seu século, senão o acomodamento de uma filosofia do "terceiro estado", em luta contra as condições adversas que impediam a conquista do poder? Sua obra filosófica é caracteristicamente política. E poucos homens poderão conservar em sua história a influência sôbre um povo e uma época que êle, por exemplo, exerceu.

Dühring não procurava acomodar a situação revolucionária da Alemanha com um colaboracionismo, de classes? Não era, também, a sua filosofia um acomodamento da vida às condições

adversas? Que fazia Fichte com sua teoria idealista, colocado entre as idéias de Kant e Hegel, senão acomodar um refúgio às classes oprimidas da Alemanha, impotentes de ocupar o poder, colocando-as num ideal abstrato? E que fêz Hume, que fêz William James? Schopenhauer não foi simplesmente um lamento de acomodação na filosofia, após a derrota da revolução alemã de 1848?

E não foi talvez o efêmero das condições adversas o que determinou o efêmero de tantas filosofias?

★

Instituto Cultural "LOGOS"

(Cursos orais e por correspondência)

Por correspondência:

"Curso de Filosofia Geral", em 18 meses.
"Curso de Economia Política", em 12 meses.
"Curso de Oratória", em 5 meses.

Cursos Orais:

"Curso de Introdução à Filosofia", em 5 meses.
"Curso de Introdução à Cultura Geral", em 5 meses.
"Curso de Introdução ao Estudo da Arte", em 5 meses.
"Curso de Simbólica" (Teoria dos Símbolos), em 4 meses.
"Curso de Psicogênese e Noogênese", em 3 meses.
"Curso de Filosofia e História da Cultura", em 8 meses.
"Curso de Filosofia e História das Religiões", em 8 meses.
"Curso de História da Arte", em 8 meses.
"Curso de Filosofia Geral", em 8 meses.
"Curso de Filosofia da Estética", em 5 meses.
"Curso de História da Literatura", em 8 meses.
"Curso de Música Viva", em 8 meses.
"Curso de Oratória Prática", em 5 meses.
"Curso de Filosofia Superior", em 12 meses.
"Curso de Filosofia e História das Idéias Políticas", em 8 meses.
"Curso de Axiologia" (Ciência dos valôres), em 5 meses.

Cursos noturnos e diurnos — Inscrições para início de fevereiro, em diante.

Cursos acompanhados com projeções.

Informações das 10 às 12 da manhã, à rua Paissandu, 73 — Conjunto, 25

Professôras e professôres especializados.

REDAÇÃO

NOTAS E COMENTÁRIOS

A POLITICA NACIONAL

Aos que extranharem a ausência, em nossas colunas, de críticas e comentários à política nacional, desejamos dizer, em esclarecimento de nossa atitude, o seguinte: se não tratamos dos escândalos verificados últimamente, prosseguimento apenas dos escândalos que já vêm desde o Brasil colônia, impregnando de indecência a nossa história, não é por desejarmos tomar uma posição de neutralidade. Longe de nós atitudes neutras. Não somos neutros ante nenhum problema social. Tomamos sempre aquela atitude que fôr de exaltação, de dignificação, de elevamento do homem. Em outras palavras: estamos sempre do lado que opere em benefício de uma exaltação e de uma superação humana contra todos os que trabalham, conscientemente ou não, por manterem o homem em posição secundária.

Dessa forma, nós que consideramos a política como um processo superado, indigno do homem, maléfico, prejudicial, a ela nos opomos, hoje, aqui entre nós, como em qualquer outra parte do mundo. Dê-se à política o nome que se quiser: científica, democrática, socialista, soviética, republicana, etc., é sempre política. E a palavra política conquistou em todo o mundo um sentido claro ante os povos, não como arte de governar, de administrar, mas como arte de conquistar e conservar o poder, cujo fim justifica todos os meios. Sabemos que há quem reivindique para a palavra política um sentido eminente. Seria nobre, se não fôsse ingenuidade. Mas preferimos, e é norma aceita por nós, nunca procurar salvar o que está podre, porque acabamos por contaminarmo-nos com a podridão Se recordarmos a história, até os nossos dias, veremos que os mais sórdidos políticos, antes de eleitos, *reivindicavam* um sentido eminente à palavra política e afirmavam que êles, excepcionalmente, tratariam nos parlamentos, nos postos de mando, de fazer política em grande estilo (ou como se diz miseràvelmente: com P maiúsculo, lugar-comum dos que têm falta de imaginação). Assim o dia de amanhã sempre revela a realidade do político *bem intencionado* (?) de hoje. Foi sempre assim, é assim, e será assim. E isso é simples: é que a política inclue em si o vício que a corromperá. Ainda estudaremos em números futuros e mostraremos em que consiste êsse vício, que lhe é imanente e que impede deixe ela de ser o que sempre foi desde os milênios anteriores a Cristo até os milênios que o sucederam. Atacar êsse ponto de infecção é que os políticos não o fazem, nem deixam que os povos o percebam. E assim procedem todos.

Não somos políticos nem apolíticos: somos *antipolíticos*. Fazemos questão que nos compreendam bem. Somos dos que pensam que se alguma coisa a humanidade conquistou em seu benefício não foi pelos políticos, mas *apesar* dos políticos.

Dessa forma, torna-se clara nossa atitude: aqui, em *Zaratustra*, não trataremos de política nacional, porque lutamos contra a política. Dizem que há homens honestos na política. Não discutimos a honestidade de ninguém. Dizemos apenas que se êsses homens são honestos e bem intencionados poderiam muito contribuir em benefício do povo brasileiro, fora da política, mais do que na política. Vejam apenas êsse exemplo que muito bem poderíamos imaginar. Vamos contá-lo. Mera ficção, porque jamais um partido político se atreveria a fazer uma obra dessa. Imaginemos esta notícia num jornal:

"O Partido da Liberdade e da Justica (imaginemos que exista êsse partido no Brasil), que reune em suas fileiras 500.000 membros activos e simpatizantes, resolveu. em face das dificuldades que nos parlamentos e nos meios políticos se oferecem às suas obras. o seguinte: abandonar a luta eleitoralista. desprezar os combates da política, e como mera associação civil congregar as fôrças do povo para a realização de uma obra genuinamente popular. Revisando os seus quadros verificou que cerca de 5.000 membros dêsse partido podiam contribuir, mensalmente, com a quantia de Cr$20,000,00 (vinte mil cruzeiros), pois são grandes industriais, banqueiros, etc. o que daria um total de Cr$100.000.000,00 (cem milhões de cruzeiros), 5.000 contribuiriam com Cr$5.000,00 Cr$25.000,000,00 (vinte e cinco milhões de cruzeiros), 10.000 com Cr$1.000,00 ..... Cr$10.000.000,00 (dez milhões de cruzeiros). 50.000 com Cr$500,00 .... Cr$25.000.000,00 (vinte e cinco milhões de cruzeiros, 50.000 com Cr$250,00 .... 12.500.000,00 (doze milhões e quinhentos mil cruzeiros), 100.000 com

Cr$100,00... Cr$10.000.000,00 (dez milhões de cruzeiros), o que daria um total de Cr$182.500.000,00 (cento e oitenta e dois milhões e quinhentos mil cruzeiros), por mês, ou seja um total de Cr$2.290.000.000,00 (dois bilhões, duzentos e noventa mil cruzeiros). Considera ainda o partido que nesse cômputo apenas entraram 220.000 membros contribuintes, restando, portanto, 280.000 que ainda poderão contribuir. As despesas de arrecadação, organização, etc., cobertas com os juros do depósito de tão grande quantia nos diversos bancos. Essa contribuição de todos, dentro das possibilidades de cada um, será aplicada em obras genuinamente sociais, de carácter eminentemente popular, sem distinções de ordem partidária. Assim o PLJ (Partido da Liberdade e da Justiça) organizou grandes comissões técnicas, compostas de elementos competentes, engenheiros, médicos, etc., assistidos e controlados por comissões populares, para organizarem um grande plano de obras públicas, a serem levadas a efeito pelo próprio povo em benefício do próprio povo. Além disso, em tôdas as secções do partido, funcionam comissões técnicas para estudarem a aplicação dessas verbas arrecadadas nas diversas regiões do país, atendendo as necessidades locais. Ficou também deliberado que as comissões técnicas *nada* perceberão, salvo quando dêem tempo integral para a execução dos planos. Pretende, assim, o partido, fugindo da luta eleitoralista estéril, penetrar no terreno das realizações práticas, e espera, com essa atitude, ter o apôio de milhões de brasileiros que farão circular suas posses em seu próprio benefício, aumentando o seu confôrto e poder aquisitivo, construindo fábricas, estradas de rodagem, hospitais, serviços de assistência social, expansão cultural etc. Para essa obra, que ultrapassa o campo das contendas políticas, convida o PLJ a todos os brasileiros, independentemente de suas crenças, políticas ou religiosas, a contribuirem com o seu trabalho, a sua assistência, o seu apôio a essa obra social de construção de um novo Brasil".

Essa notícia só surgirá mesmo por ficção. Jamais a vereis, brasileiros, partindo de políticos. O vício da esterilidade do político gera a esterilidade da ação estatal, estática, delapidadora das rendas populares. *Êsse Brasil* seria um *outro* Brasil. Com êle não *salvaríamos* o que temos, mas *substituiríamos* o que temos.

Aos bem intencionados, aos que falam em política honesta (contradictio in adjecto) perguntamos: por quê, se são honestos, não fazem obra honesta, realizações, em vez de gastarem milhões para caçarem votos?

Ficaríamos muito satisfeitos que nossas palavras servissem apenas para abrir os olhos de muitos. Não diremos que se faça o que propomos. Há certamente fórmulas ainda melhores, e muitas outras poderíamos apresentar aqui, se não fôsse o espaço que dispomos. Mas que sirvam para que outros pensem um pouco em si mesmos, em seus filhos, em seus semelhantes e, em vez de continuarem presos pelo "barbicacho", como diria o gaúcho, aos senhores políticos que os exploram, tratassem de fazer obra genuinamente social. Então veriam que uma obra pública que hoje custa ao Estado 100, custaria a essa organização exageradamente 15. Veriam que a administração pública custaria muito menos, dez vêzes menos do que custa, e não teríamos tantas razões de corar de vergonha.

No dia em que os povos do mundo reconheçam que só êles, por si mesmos, com a colaboração direta de todos, podem realizar o seu próprio bem e não por intermédio de falsos representantes, um grande salto em bem da humanidade estará dado.

Quem casa, não dá procuração a outro para viver com a espôsa: quem realiza uma necessidade fisiológica, como por exemplo a alimentação, não a faz por intermédio de outro. Quem espera que os outros cuidem dos interêsses de terceiros, depois de 6 mil anos de experiências, que nos relata a história, é ingênuo ou de má fé.

Cremos ter esclarecido bem, com nossas palavras, o que pensamos. E essa atitude tomamos para com tôdas as espécies de política, chamem-se populares, socialistas, comunistas, democráticas, o que quiserem. Tôdas elas se fundam nos mesmos erros, e têm as mesmas intenções: enganar os pequenos em benefício dos mais espertos, deixar que trabalhem apenas os menores, os mais simples, enquanto os maiores viverão à farta, como certos líderes populares, aqui entre nós, que têm "Cadillac" à custa das contribuições de dias de trabalho de pobres operários, que não podem adquirir leite para os seus filhos. Se êsses mesmos operários, com as suas contribuições aos seus partidos, tivessem empregado suas economias ou até seus sacrifícios em benefício de si próprios, teriam trabalhado para seu bem estar e para a verdadeira paz, que não é aquela que pregam os armados até os dentes. A paz dos povos será conquistada pelos próprios povos quando resolverem lutar por si mesmos, construir seu próprio bem estar, elevar, por suas próprias fôrças, seu padrão de vida e não esperarem por messias, por guias imortais, por líderes salvadores, por homens providenciais, por "caudillos", por "führer", por "duci" e outros títulos espectaculares que deixam atrás de si apenas as lágrimas, o sofrimento e a morte dos povos.

CAMPANHA SISTEMÀTICA DE INCULTURA

É muito comum dizer-se que estamos em época de decadência. Na verdade, tôdas as épocas são de decadência, porque em tôdas elas, há algo que desce, declina, perde sua fôrça criativa, esgota suas possibilidades, cria, em suma, novas formas e, com essas, novas possibilidades.

Mas o que é de espantar nessas épocas são aquêles que, conscientemente ou não, ativam-se para apressar, para aumentar, para acelerar essa decadência. Olhemos o mundo de hoje. O conhecimento humano alcançou em extensidade e em intensidade um campo que ultrapassa tudo quanto até então se conhecera. Nosso maior orgulho está no domínio tecnicológico obtido graças a êsse saber teórico bem orientado. O homem domina fôrças da natureza, aproveita-as, desvia-as para seu próprio benefício, invade o mistério que cobria com mantos escuros o segredo da terra, mobiliza todo o seu saber nessa obra grandiosa. Mas, ao lado dêsse desenvolvimento grandioso, surgem sempre alguns medíocres que, incapazes de invadir êsse terreno, incapazes de permanecer serenos e senhores de si ante a avalanche de conhecimentos, pregam a ignorância, a incultura, aconselham por todos os meios que desçamos, cada vez, que nos chafurdemos na ignorância, que imitemos aquêles nossos semelhantes que estão entregues ainda à incultura, que nos afastemos de todo saber, que nos animalizemos crescentemente cada vez mais. Nenhum gesto para elevar êsses semelhantes inferiorizados injustamente, torná-los cultos, erguê-los, é feito. Ao contrário, é pregada a ignorância, a incultura, a incompetência. Para êles o povo não entende o saber. Mas quando o povo o entenderá se descermos à incultura? Não é essa ação, essa atividade um querer deixar o povo na incultura? Não é essa atitude uma afronta, um crime em prejuízo do próprio povo? Querer descer, não é conservar o que está em baixo? Não é conservar a ignorância? Realmente é. Alegam ainda que é "snobismo" a cultura, como se "snobismo" (*snob* vem de *sin nobilitas*, em latim, que quer dizer sem nobreza, sem distinção), não fôsse precisamente a proclamação da ignorância. O *snob* foi usado para distinguir os que não têm cultura, nem modos, nem educação. Não é *snobismo* ter cultura; *snobismo* é proclamar a valorização da incultura. Êsse *snobismo* surge entre escritores brasileiros que proclamam orgulhosos sua incultura, na realidade mais de atitude do que real. Querem mostrar-se geniais. Incultos, ignorantes realizam suas obras. São compensados, portanto, pela genialidade, pela ciência infusa, que os salva, que os eleva, embora ignorantes. Não é isso ridículo?

Pois bem, essa gente que faz proclamação sistemática da ignorância e da incultura, domina jornais, revistas, etc. É comum ver-se ignorantes e medíocres proclamaram a superioridade da ignorância e da mediocridade, a satisfação plena do não-saber, a felicidade da ignorância (a felicidade é sempre o desejo máximo que podem atingir os medíocres, como pensava Nietzsche. Todo medíocre pode imaginar e desejar a felicidade).

Todos aquêles que têm afinidade conosco, que desejam lutar pelo progresso do homem, pela sua superação, devem denunciar sem piedade êsses propagandistas sistemáticos da incultura. E sobretudo por uma razão poderosa: é que essa campanha obedece a intuitos ocultos. Ela trabalha pela dissolução maior da sociedade e pela conservação das massas na ignorância. Dessa forma, êsses medíocres que pontificam nas letras poderão amanhã dominar as massas, dirigi-las, torná-las serviçais aos seus desejos, pois, como na terra dos cegos quem tem um olho é rei, serão êles, naturalmente, os líderes da multidão. A ciência, o saber, o conhecimento, a cultura das massas hão de libertá-las da situação de massa. Esta passará a ser composta de indivíduos que serão capazes de se dirigirem, de escolherem, porque saberão. E, nesse caso, como êsses medíocres poderão pontificar?

O leitor que os observe nos partidos políticos, nos partidos de tendência revolucionária, e verá como medram assustadoramente. O máximo de cultura que concebem para as massas é a sua *politização*. E nessa politização inclue-se apenas a aceitação do catecismo político absolutista que aceitam e a veneração profunda aos líderes (pequenos burgueses medíocres e ressentidos quase sempre). Procure o leitor que logo os achará.

* * *

OVELHAS NEGRAS

Seria ridículo se não fôsse trágica a notícia que os jornais publicaram, vinda de Bento Gonçalves, no Rio Grande do Sul, onde, no distrito de Pinto Bandeira, o vigário da paróquia local, em vista da votação de 38 votos obtidos pelo sr. Café Filho, resolveu fechar a igreja, afixando à porta de entrada um cartaz com êsses dizeres: "Esta igreja está fechada. Não baterão os sinos porque existem trinta e oito ovelhas negras".

Que fazer, então? Caçar essas ovelhas e expulsá-las do rebanho. Não há outra saída. É preciso denunciá-las, persegui-las, colocá-las em situação de não poderem mais permanecer na comunidade de Pinto Bandeira.

Ora isso não se está dando na Idade Média, mas é Idade Média. Imaginem que pavor, naquelas épocas, tais factos não produziam. E o produzem ainda hoje, porque quem conhece aquela região sabe do forte espírito católico que ali predomina. Que conclusões podemos tirar daí? São simples. O vigário de Pinto Bandeira é um grande elemento activo da *linha auxiliar* do Partido comunista. Nada mais desejam os comunistas do que factos como êsse, porque tais factos permitem que seu Departamento de Agitação ofereça bons argumentos em favor de suas idéias. Além disso, dêsses 38 homens que tiveram a ousadia de votar em Café Filho, muitos não devem ter muita consideração pelas ordens da igreja, e alguns deverão ser até contrários. Os segundos se obstinarão ainda mais e os primeiros, ante a acusação feroz, ficarão mais decepcionados ainda. É possível que dêsses 38 muitos pensem daqui por diante no comunismo ou em idéias semelhantes. Dessa forma, o vigário de Pinto Bandeira, no seu devotamento exagerado, trabalha em benefício dos seus inimigos, além de dar um exemplo que pode servir para boa propaganda extremista. Não seria mais lógico que os responsáveis cuidassem melhor de seus deveres e evitassem tais factos que atentam contra os princípios de liberdade que aceitamos entre nós?

* * *

OS INDIGNADOS MORAIS

Psicològicamente poderíamos distinguir duas classes de pessoas: aquelas que se indignam com maior ou menor intensidade, ante uma injustiça a aquelas que são indiferentes às injustiças.

A indignação moral é um facto psicológico. Negá-la é querer esconder uma evidência que a todos transparece clara.

Foram os indignados morais os que precipitaram os maiores acontecimentos na história. Os segundos, permanecendo indiferentes e apáticos ao que acontece de indigno, são quase sempre os aproveitadores das situações novas criadas.

Entre os primeiros, figuram os apóstolos de tôdas as idéias humanitárias e de reforma social. Entre os segundos, os herdeiros da obra grandiosa dos primeiros.

Não há dúvida que se poderia evidenciar também uma terceira classe: a dos que contêm sua indignação e friamente elaboram planos para evitar que as injustiças prossigam.

Um estudo calmo e consciencioso da história mostrar-nos-á, de forma patente, a influência dêsses três tipos humanos e dos tipos matizados que se intercalam entre êles. Ainda aqui, como em tôdas as classificações psicológicas, as fronteiras não são nítidas.

* * *

UM EXEMPLO DE COOPERAÇÃO...

Quem não conhece que estamos numa época de transição, que passamos de um regime econômico para outro, não tem uma visão concreta da realidade. Mas é necessário, no entanto, que se observem melhor os factos que sucedem, pequenos factos, mas de uma significação imensa, tal como êste que vamos citar e que nos relata uma notícia de Buenos Aires.

Vamos reproduzi-la:

— "Fundou-se em Buenos Aires uma emprêsa industrial, onde os patrões e operários são associados. A firma dedica-se à fabricação de aparelhos elétricos e sôbre o ordenado básico de trezentos pesos, os operários terão 30 por cento dos lucros, os gerentes dois por cento e os subgerentes dois por cento. Vinte e seis por cento caberão aos proprietários". Dessa forma, o pessoal foi reduzido de 104 a 17 pessoas.

Que nos mostra tal notícia? Mostra-nos muito, e é também uma lição aos reacionários que pensam que a história parou. O capitalismo demonstra, com isso, que tem ainda possibilidades de criação? Muitos pensariam assim. No entanto, não é. E uma rápida análise logo nos mostra. Não se pode negar que, realmente, o *lucro* é a finalidade de tôda emprêsa capitalista. Nessa emprêsa formada em Buenos Aires, ainda há o intuito do lucro. Nem poderia deixar de ser, se considerarmos que o regime é o capitalista. No entanto, o simples facto de admitir uma participação, e dessa espécie, para os empregados e dirigentes, já é uma dissolução do desejo de destinar o lucro *apenas* ao capitalista. Por outro lado, já estabelece uma forma de *cooperação*, o que já é muito. Na cooperação não há *lucro*, há *sobra*. Não é a mesma coisa, porque o lucro cabe ao capitalista, ao usufrutuário, quando a sobra cabe aos que cooperam, consumidores e produtores, desaparecendo o intermediário encarecedor, o verdadeiro cancro social, forma bárbara ainda predominante numa sociedade capitalista, e anacrônica com o que a técnica e o interêsse social nos indicam hoje.

Experiências como a que se manifesta na Argentina já são muitas, numerosas, e com resultados extraordinários. Se não representam uma forma pura de cooperação, mostram quanto ela pode fazer em benefício de uma sociedade de verdadeira paz social, que é aquela em que é substituida a competição econômica, profundamente prejudicial, pela cooperação econômica, a única que realmente oferece frutos benéficos, porque não se destinam apenas a poucos, mas a todos.

PALHAÇO SIM, MAS SOVIÉTICO

Uma das características do absolutismo é procurar a homogeneidade. Tôdas as doutrinas que se julgam *verdadeiras*, não podem tolerar as contradições que advenham dos adversários. O adversário é sempre molesto, desagradável, intolerável, porque a "verdade" é sempre intolerante. Dessa forma, tôda doutrina que se julga verdadeira, quer o aniquilamento do "êrro", porque êste é sempre o mal.

Para isso, é necessário fortalecer-se, unir seus quadros, torná-los o mais homogêneo possível, isto é, dar uma mentalidade única, uma unidade de ação, uma unidade de perspectivas. Essa a razão porque tôda a doutrina absolutista (que se julga com a verdade) procura a homogeneidade. Não compreende ela que a homogeneidade se dá contemporâneamente com a heterogeneidade. Êsse aspecto dialético não pertence nunca à dialética das doutrinas absolutistas que procuram uma síntese homogênea, que negue as contradições, que encontre uma solução em que as contradições não possam subsistir. Essa a razão porque, na Rússia, há tantas depurações, ou seja, tudo se faz para afastar o heterogêneo. Essas depurações se dão em todos os terrenos. Há depurações políticas, intelectuais, artísticas, e até nos circos russos ela se dá. Leiamos êsse telegrama:

"Moscou. — A depuração nos meios teatrais da Rússia prosseguirá com redobrado vigor e acabará por extirpar os derradeiros vestígios de uma ideologia totalmente contrária às nobres aspirações progressistas da arte dramática soviética. Escreve o articulista Basilovich no "Pravda". E acrescenta: "Hoje, é o circo burguês e seus apologistas que merecem a condenação de todos os cidadãos conscientes. É só desmacarando os direitos cosmopolitas e formalistas que implantaram nos circos russos idéias e tendências da burguesia estrangeira, que a arte circense soviética conhecerá o verdadeiro progresso, tornando-se a expressão real da fôrça espiritual dos povos de nossa grande pátria".

A seguir o articulista acusa os críticos que fazem a apologia da arte decadente dos países capitalistas, e conclui atacando particularmente os irmãos Fratellini, considerados os maiores palhaços do mundo".

Não é notável? Para ser palhaço é preciso ser um palhaço soviético. O mais notável, porém, é a frase: "...expressão real da fôrça espiritual dos povos de nossa grande pátria". Essa frase poderia estar na bôca de um fascista sem que tal causasse espanto.

* * *

PROPAGANDA COOPERATIVISTA NO CANADÁ

Vimos, nos jornais, a seguinte notícia vinda de Quebec, no Canadá, que é bem expressiva, e que reproduzimos:

A Igreja Católica Romana deu seu apôio ao movimento operário mediante um documento formal que se acredita não tenha precedentes na história eclesiástica.

As autoridades clericais da província de Quebec, em carta pastoral, hoje divulgada, concitam o Estado a elaborar uma legislação de bem estar social e convida as emprêsas particulares a derrotar o comunismo partilhando seus lucros com os empregados.

Êsse documento é assinado por 25 bispos e arcebispos de tôda a província eclesiástica de Quebec. Nele se declara que "um operário de barriga cheia não tem tempo ou necessidade para pensar em ideologias esquerdistas para obter sua salvação".

Defendendo a existência dos sindicatos e considerando-os indispensáveis, a pastoral declara que "os operários devem unir-se em organizações de classe que se inspirem na doutrina social de Igreja. Os operários devem também conjugar seus esforços na organização de cooperativas em benefício de sua prosperidade econômica e em defesa do progresso social. É indispensável para o restabelecimento da vida sindical sã, que os esforços individuais dos operários e das organizações trabalhistas sejam bem dirigidos".

A carta pastoral dos bispos e arcebispos canadenses deverá ser lida em tôdas as igrejas do país.

Vê-se assim que, hoje, em todo o mundo civilizado, compreende-se perfeitamente que já passou a época dos lucros desenfreados do capitalismo explorador, para dar entrada a um período de cooperação, que será mais franco e mais completo, à proporção que maior fôr a consciência do que é o apôio-mútuo. Mostra-nos essa notícia de maneira evidente, como é uma imperiosa necessidade resolver-se o magno problema social, sem o apêlo da violência que só gera novas e mais terríveis ditaduras, com resultados duvidosos para o trabalhador, que se torna, ainda mais oprimido.

Cresce diàriamente o exército dos que compreendem que a cooperação é o caminho da abundância e do bem estar coletivo. E devemos ficar satisfeitos em registar tais factos, que são sinais evidentes de que alguma coisa de grande já está sendo realizada e que promete muito.

A SIGNIFICAÇÃO DO PROCESSO "KRAVCHENKO", O HOMEM QUE ESCOLHEU A "LIBERDADE"

Todos conhecem pormenorizadamente a história de Kravchenko que apareceu em colunas dos jornais, sobretudo após o lançamento do seu livro "Escolhi a Liberdade", e o processo que moveu, na França, contra uma revista estalinista.

Kravchenko foi anteriormente, na Rússia, um tecnocrata. Dirigiu algumas indústrias, e teve posições burocráticas, junto ao govêrno de Stalin.

Para se compreender bem a significação do caso Kravchenko é preciso remontarmos a outros fatos sucedidos na Rússia, que servem e permitem formar um juízo mais seguro sôbre tais acontecimentos.

A REVOLUÇÃO "TRAÍDA"

Somos adversários intransigentes do stalinismo e também do trotskismo, que, para nós, não passa de uma questão interna da família bolchevista.

A revolução russa foi "traída", porque obra espontânea, autônoma do povo russo, cansado da opressão, quis a liberdade, não porém a liberdade abstrata do liberalismo, que só se atualiza através do "ter", e sim a liberdade prática libertária, que se atualiza através do "ser".

Os bolchevistas combateram tenazmente na Rússia tôdas as manifestações de autonomia e de liberdade, criaram a centralização do Estado *nec plus ultra* de que falava Nietzsche, instituíram a burocracia todo poderosa, classe sacerdotal da nova mística, organizaram o exército Vermelho com o aproveitamento dos velhos generais czaristas, desprezaram as milícias populares que haviam lutado pela revolução e que a haviam defendido. Em suma: a liberdade de organização, de criação, a liberdade individual e de grupo, tudo isto foi destruído em benefício do Estado todo poderoso, que em vez de iniciar o seu "depereci-mento" tão propalado pelos marxistas, iniciou seu "super-fortalecimento" crescente, até tornar-se totalitário.

NOVAS CLASSES SE FORMAM

Enquanto isso surgiram na Rússia novas classes dominantes. São elas: em primeiro lugar, a classe dos burocratas do Partido Comunista, que formam o ápice administrativo; em segundo lugar, os burocratas do Estado, depois os militares a êles ligados, e, finalmente, os tecnocratas, os dirigentes da indústria.

Essas quatro classes estratificaram-se aos poucos e as lutas surgiram com diversos matizes, pois tôdas elas, participantes do govêrno, aspiram naturalmente ao absolutismo, o que é inherente às próprias classes.

Dessas classes, as três primeiras não participam da produção e estão dela afastadas. Os burocratas do partido não são trabalhadores. O contacto que mantêm com êstes é apenas através dos quadros do partido. A segunda, a dos burocratas de Estado, está perfeitamente burocratizada e se burocratiza cada vez mais. A luta entre essas duas classes transparece viva nos artigos e discursos de Stalin, que muitas vêzes se queixa da influência e da ação nefastas dos burocratas, que emperram o desenvolvimento da Rússia.

Os militares também estão afastados da produção, e têm participado do govêrno ao lado dos burocratas do Partido. As lutas entre êles estão na obra de Vlassov, Koslovsky e nos factos sucedidos, na Rússia, sob a transferência de generais, etc.

Resta finalmente os tecnocratas, os dirigentes da indústria, não pròpriamente afastados da produção, com maior contacto com os trabalhadores. É uma classe de "nouveaux riches", que tem salários elevados, participação nos lucros das emprêsas, mas participação muito mais elevada do que a que se verifica no mundo capitalista. Essa classe, como possui o poder econômico, aspira ao poder político. Sujeita como está ao contrôle dos burocratas do Partido e do Estado, ela permanece numa situação tensa ou de instabilidade.

Daí aspirar a uma situação mais firme. Ora, como fracção poderosa da burguesia russa dominante, só o regime liberal poderia permitir-lhe apossar-se do poder político ou participar dêle com um contingente maior.

Kravchenko representa essa classe. Há na Rússia milhares de Kravchenkos, que não se rebelaram ainda por lhes faltar a oportunidade, mas que se rebelarão logo que a tenham. E êles arrastarão consigo a classe trabalhadora em grande parte, como os burgueses, na sociedade feudal, senhores já do poder econômico, conseguiram, por meio dos trabalhadores, conquistar o poder político, através da Revolução Francesa.

Se a Rússia abrisse as suas fronteiras e permitisse a saída dos Kravchenkos, todos êles iriam "escolher a liberdade... burguesa", a liberdade que lhes permitisse conquistar o poder.

Se os Kravchenkos, porém, participarem do poder, ao lado das outras três classes, ficarão quietinhos ao lado de Stalin.

O caso Kravchenko é mais um episódio da revolução direccional que se processa na Rússia, sob o novo aspecto da sociedade dos diretores, já prevista por Proudhon no século passado, e estudada, neste, por Burhan, que instituirá a negação da propriedade individual ou colectiva para estabelecer a propriedade do Estado Direccional, único senhor que usará e abusará do direito de propriedade, mas cujos beneficiários serão os burocratas e os tecnocratas, enquanto a grande massa trabalhadora continuará a ser chamada aos grandes sacrifícios em benefício dos dirigentes.

O socialismo autoritário não foi "traído" na Rússia. Apenas está actualizando o que continha já em potência: o totalitarismo, que é inerente às concepções absolutistas que negam a liberdade e que se fundam na competição e não na cooperação.

Muito sangue ainda custará ao povo russo a experiência bolchevista. E uma das novas sangrias virá, quando do desaparecimento de Stalin, pela conquista do poder, na Rússia, o qual será disputado, e levará a uma rebelião interna ou a sangrentas depurações pelos detentores eventuais do poder.

CARACTERES DO TOTALITARISMO

Todo regime totalitário é um regime de violência, que centraliza no poder monopolizado do Estado tôda a vida econômica, política, moral, ideológica, artística, etc. da sociedade opressiva e compressivamente. É, em suma, a violência organizada.

Para manter-se precisa:

1.º) fundar-se numa polícia todo poderosa e num exército disciplinado;

2.º) ter um partido único, com eleições de chapa única. No vértice, êsse partido se identifica com a direção suprema do Estado;

3.º) ter uma ideologia única, teórica e pràticamente dogmática, ou teòricamente evolutiva, mas pràticamente dogmática, impondo as suas observações e perspectivas como a) *científicas* (isto é, as únicas verdadeiras, porque seria falso o que ofendesse a ciência) ou b) *divinamente revelada* (isto é, revelada por Deus aos seus homens escolhidos, chefe, duce, Führer, caudillo, guia imortal, etc., a qual seria absolutamente verdadeira desde que se aceitasse o postulado da revelação divina). Desta forma, tôda oposição, por ser *absolutamente* errada, torna-se criminosa, pois não é possível aceitar-se a boa fé de quem erra, quando a certeza é *evidente* (científica ou religiosamente);

4.º) terror organizado: a) *internamente* — por meio de um bode expiatório que justifique todos os erros cometidos e a miséria do povo. Exs: contra-revolucionários, sabotadores hipotéticos, com as famosas provas policiais *evidentíssimas*, raças culpadas, judeus, etc. b) expurgo periódico em suas fileiras, aproveitando-se a oportunidade para liquidação de todos os elementos perigosos, duvidosos, livres, com opiniões pessoais; Exs: expurgos no partido, com liquidação de chefes, porque essa liquidação impressiona vivamente a massa, traumatiza-a, e ao mesmo tempo dá a impressão

da *fidelidade* absoluta aos princípios, que leva a não trepidar no extermínio até dos filhos prediletos do movimento. A questão da procedência ou não da acusação, não importa. É fácil, policialmente, provar-se o que se quiser, e a obtenção de confissões, quando necessárias, para convencer vivamente a massa, não é tècnicamente impossível.

Êsses expurgos geram uma *passividade e uma obediência* interna extraordinárias, porque a ação do terror é imensamente grande e produtiva. Quando se atinge a uma *ordem* interior, e torna-se difícil a afirmação de perigos internos, já que se deu a completa extirpação dos elementos de oposição, apela-se, então para o terror organizado em função do *exterior*, que é a forma *b*. Esta se processa pela acusação de uma agressão ameaçadora por parte dos adversários ideológicos. É o perigo da guerra, que exige, necessàriamente, a organização mais sólida do interior, o desenvolvimento da indústria de guerra e, conseqüentemente, a explicação da carência interior de meios de subsistência, conseguindo-se, por êste meio, ocultar os malogros técnicos da organização interior, bem como justificar o desvio de quantias para *verbas secretas*, etc.

Dêsse caminho não se livram os regimes totalitários, nem tampouco das conseqüências que dêles decorrem.

E por mais opostas que se manifestem as ideologias totalitárias, *tôdas elas* cumprem necessàriamente essa marcha.

Que todos meditem bem sôbre o que acima dissemos, e encontrarão fàcilmente exemplos neste nosso século, tão rico de acontecimentos históricos.

Dan Anderson

★

DECADÊNCIA NACIONAL?

A simples colocação da interrogação já indica uma dúvida. Fala-se muito, entre nós, sôbre a nossa "decadência". Somos um povo que retrocede, que olha para o passado, que já começa a recordar o que fêz e o que foi.

Realmente, se voltamos os olhos para os tempos do 2.º império, vemos aquelas figuras másculas, vemos êsse imenso, grande e desconhecido dos brasileiros que foi o Visconde de Mauá, mais compreendido e respeitado em outros países do que aqui. Se recordarmos o que fomos como potência e o que somos hoje, realmente nos enchemos de amargura e de nostalgia. Mas não poderíamos falar de *decadência* sem que primeiramente disséssemos o que é, o em que consiste realmente a decadência. Como êsse tema ultrapassa os limites de uma nota, voltará a ser tratado com melhor carinho em próximas publicações de *Zaratustra*. Mas, precedendo em parte ao que em breve será tratado, poderíamos dizer que na palavra decadência está encerrado mais de um conceito, o que tem levado a algumas confusões bem graves.

Assim declinar, descer, cair, partir para baixo, é decadência. Nêsse caso, haveria decadência quando se procurasse o que está em baixo, ou seja, quando especulamos com a baixa dos valôres. Nêsse caso, tôda a nossa época é de decadência, porque especulamos desenfreadamente na baixa. É contra essa especulação desenfreada que se move *Zaratustra*. Declinar nos valôres culturais, nos meios de expressão, de transmitibilidade de emoções ou de idéias, no repetir friamente, no rebuscar falsas originalidades para encobrir a deficiência do conteudo com os continentes de aspecto excitante, no ter como temas os momentos depressivos, inferiores do homem, para provocar uma compaixão intencionalmente procurada, deprimindo ainda mais aquêles a quem se dirige, no empregar as formas mais canhestras para esboçar simplesmente, quando é apenas uma escolha intelectual, dirigida pela vontade lógica, no pronunciar sons vazios de sentido ou descrever formas vazias de almas, é cair, é decadência. Nêste caso, ainda, estamos em decadência. E assim o dizemos porque essa decadência e muitos de seus representantes dominam as letras, os postos superiores da intelectualidade do mundo inteiro. Ressentidos com a vida, angustiados e incapazes de vencer sua angústia, dominados por seus desesperos mais intelectuais e animados por uma feminilidade confundida com alma artística, certo sadismo manifesto na apreciação do doloroso, do híbrido, do doentio, do mórbido,

do demoníaco, julgam que fazem obra benéfica ao homem quando pintam, retratam, reproduzem, espelham as misérias, as fraquezas, as covardias, as indignidades humanas.

Não conhecem aquêle irmão viril da compaixão de que falava Nietzsche, aquêle sentido másculo de revolta ante a dor injusta, ante a injustiça, aquela indignação moral que, para surgir, exige desde logo alma varonil, espírito elevado, dignidade, porque só se indignam moralmente os que têm dignidade.

A êsse sentido nem as nossas línguas ainda lhe deram um nome. Não o mereceu por ser raro. A compaixão comum, a pena, são fáceis de fazer vibrar as cordas emocionais de qualquer ser humano. A outra exige, antes de tudo, alma digna. É natural sua quase total ausência...

Mas continuando no exame do que é nosso, que reflete em grandes partes o que se verifica na maior parte do mundo, cada dia que passa, sentimos que se guindam aos postos mais altos os piores. Há uma seleção cuidadosa dos valôres mais baixos.

Os grupelhos organizados, quer na política, como nas letras e nas artes em geral, constroem resistências terríveis aos valôres independentes. O auto-elogio, que é o mais destrutivo possível, consegue esvaziar cedo as possibilidades de criação de muitos escritores. É triste ver o espetáculo, no Brasil, de tantos escritores que julgamos já mortos e, no entanto, com surpreza e espanto, sabemos que ainda vivem. Houve quem dissesse que as maiores obras brasileiras estão nas gavetas. E de nossa parte podemos dizer que é verdade. Conhecemos muitas obras de autores que nunca iriam pedir a editôres a publicação, temerosos de serem confundidos com alguns senhores das páginas literárias dos jornais, revistas etc. Há trabalhos profundos, obras de investigação, estudos cuidadosos de grandes problemas nossos, obras de ficção que ultrapassam o campo do "candidatismo ao best-seller, máximo ideal de pseudo-escritores que aspiram ao "best-sellerismo", e para tal fazem tôdas concessões aos leitores medíocres, para proclamarem depois orgulhosamente, a *quantidade* de leitores que tiveram. Que conseguem êles senão a mesma gloríola dos grandes craques cujos nomes já ninguém mais conhece a não ser algum rato de crônicas futebolísticas?

Em tôdas as éras houve dêsses caçadores de notoriedade e êles, realmente, conseguiram alguma coisa dentro da estreiteza dos tempos, acompanhados do silêncio posterior dos estudiosos e dos bons leitores. Mas hoje, êsses ansiosos de *cartaz*, máximo ideal de medíocres, dominam, populam, dirigem editôras, controlam jornais, revistas, rádio e impõem, o que é pior, a ditadura do seu mau gôsto e da sua ignorância. O máximo que atingem na literatura é relatar os factos cruéis e inferiores da vida, através de reportagens sem distinção que êles chamam depois de romances, ou escrever versos cerebrais, rebuscados, em que sentimos desde logo o supremo e fatigante esfôrço do pobre poeta à procura da originalidade à custa dos maiores malabarismos; na pintura aproveitar-se da liberdade criadora da arte moderna, para encobrir sua incapacidade de criar, inventando, desde logo, um *ismo* que, *a priori*, justifica a obra e, na filosofia, nas ciências sociais, o máximo é atingir à filosofia de Marx, lê-lo (e não entendê-lo) comentá-lo, segundo as últimas disposições de Moscou, explicar com uma profundidade extraordinária, tudo, tudo, tudo pelo materialismo histórico, falar em dialética e não saber aplicá-la, senão para justificar os ataques de hoje aos elogiados de ontem e os elogios de hoje ao atacado de ontem e, na política, falar em democracia sem procurar sentir o que há de mais profundo nêsse conceito, sem procurar estudar a realidade nacional, que não é aquela dos jornais nem dos literatos falseadores nem dos doutorescos discursos dos políticos.

Desde já fique clara a atitude de *Zaratustra* ante tais campos. Não aspiramos ao cartazinho, nem queremos notoriedade. Não exploramos o que há de baixo no homem. Clamamos pelo mais alto de nossa alma magnânima e nobre. O homem precisa amar um ideal de superação, precisa desejar e querer realizar o que até lhe pode parecer, à sua visão deformada pela mediocridade, impossível. É muito fácil, por covardia, por displicência, por incapacidade, exclamar "que é assim porque sempre foi assim", ou então essas famosas frases já conhecidas de que "é preciso viver segundo as condições do tempo", como se não fôsse o homem um ser capaz de fazer a história, embora dela sofra sua influência. É preciso ver o homem dialéticamente como criador e criatura, como agente e paciente, como actuante e como actuado. Aqui as sínteses, quando querem reduzir os dois têrmos contraditórios a um só, são, além de perigosas, falsas. Um bom tema para o futuro: o papel decisivo das idéias na história do homem. Numa época como a nossa em que muitos repetem como bons ecos, de que é apenas a economia que dirige a história, êsse tema já receberá dêsses *écos* um sorriso de superioridade,ou um gesto de repulsa. Mas voltaremos a seu tempo.

★

CURSO DE FILOSOFIA E HISTÓRIA DA CULTURA

Vem sendo ministrado a várias turmas, à rua Paissandu, 73 - conj. 25 pelo professor Mário Ferreira dos Santos, um amplo curso de "Filosofia e História da Cultura", cujo programa exporemos abaixo.

Para iniciar-se em fevereiro, está o prof. Mário Ferreira dos Santos organizando novas turmas. As aulas são ministradas duas vêzes por semana, no período da noite, ou no período da tarde. Os interessados que desejarem informações podem dirigir-se ao mesmo local, que serão atendidos na parte da manhã, das 10 às 12 horas. Também são fornecidas tôdas as informações desejadas, bem como os interessados poderão também freqüentar, para seu govêrno, uma das aulas das turmas atuais.

As mais seguras referências de um curso são as dadas pelo curso ministrado e pelos próprios alunos.

Damos a seguir o programa geral, a ser ministrado em 96 aulas.

Análise da Cultura — Exposição do programa e seu método — Visão geral do Mundo — *Onde estamos?* — Análise cosmológica.

As grandes interrogações sôbre o advento do Homem — Fundamentos biológicos — Análise das condições cosmológicas e surgimento da inteligência — Teorias.

O campo da Cultura — Filosofia, Religião, Metafísica, Ciências, Ética, Estética, História, Sociologia, Psicologia, Política, Economia, Cultura em geral, etc.

Visão geral da História — Os povos primitivos — Poder e formação das classes — Factores reais e ideais — Aspectos estáticos e dinâmicos da História — Ciclo das formas viciosas — As altas culturas — Análise da cultura egípcia — Culturas da Ásia — Amplo panorama da cultura grega — Amplo panorama da cultura romana — Bizâncio, Islam, Rússia, culturas americanas — O mundo ocidental e a Idade Média — O Renascimento — A Reforma — O mundo no século XVI — O Estado e o capitalismo — A ilustração — A idade contemporânea — Síntese da cultura Moderna e época da crise — Por uma filosofia de salvação.

Todos os temas serão abordados com os conhecimentos de cada época, correlacionados às épocas posteriores e anteriores, permitindo sempre uma visão geral da Cultura. Será um estudo *concreto* de tôdas as regiões da cultura, orgânicamente disposto e desenvolvido, com exposição viva e análises decadialéticas.

O curso é acompanhado de projeções e análises das realizações culturais das diversas épocas. Aulas especiais para senhoras e senhoritas.

Aos que desejarem fazer o curso por meio das apostilas das aulas taquigrafadas também lhes serão ministradas informações.

A HISTÓRIA

Ponto XI do "*Curso de Filosofia e História da Cultura*", ministrado pelo prof. Mário Ferreira dos Santos, e taquigrafado pela aluna Srta. Sônia Prestes.

Podemos considerar os factos como históricos, desde que tenhamos uma perspectiva tal que nos permita ver o cosmos como um acontecer, como um produzir-se. E, seguindo essas pegadas, construimos um esquema geral das ciências históricas. No entanto, é preciso que saibamos distinguir bem o que é um facto histórico como histórico, que nessa perspectiva o é todo acontecer, de o facto histórico, no sentido que o dão os historiadores. Quando um facto ultrapassa ao campo do indivíduo e do grupo, e tem sua influência, significação ou condicionamento, quer sôbre ou para outros grupos sociais maiores, penetrando na direção, no seu destino, chamamo-lo de *histórico*. E, nesse sentido, tais factos formam o *historial* ou mostram seu aspecto historial. Não temos, como o tem a língua alemã, palavras que possam distinguir bem as diferenças entre êsses dois conceitos de histórico, como as palavras *geschichtlich* ou *geschichtmässig* do *historisch*. No entanto, podemos chamar de aspecto historial ao aspecto histórico que pertence à História, como conjunto de fastos, acontecimentos, que têm ou tiveram certa significação ou influência sôbre uma colectividade humana.

Para os gregos, a História era concebida como o relato dos factos importantes, que êles, devido à falta de um sentir em profundidade do tempo, envolviam, confundiam com os mitos criados sôbre a sua origem e sôbre as épocas pretéritas (dos antepassados).

Consideravam os gregos, o saber de duas espécies: um *saber teórico* e um *saber prático*. O saber prático é o saber que é dado pela experiência. O teórico vem de *teoria*, que, já vimos, para os gregos é a contemplação, é um saber especulativo, discursivo, de discorrer, de correr daqui para ali; é o saber que o espírito constrói comparando uns factos com outros e descobrindo seu nexo causal, suas origens e incorporando-os, porteriormente, numa teoria, numa visão particular dos mesmos que os inclua conexionadamente. Tôda teoria se funda numa especulação, num espelhar os factos do passado, comparando-os com os factos do presente, para descobrir, nestes como naqueles, o nexo que os liga. A teoria é, assim, uma construção do espírito feita dos factos dados pela prática. A matemática, a física, a filosofia, etc. são saberes teóricos. Mas a história, para os gregos, é um saber prático. Não procuravam êles uma teoria sôbre a história, nem descobrir o nexo dos factos, apesar de passagens de certos autores onde encontramos certas comparações e a apreensão de analogias que já encerravam, em si, as possibilidades de ulteriores desenvolvimentos, o que se verificou no desenrolar dos estudos históricos, sobretudo já em nossos dias, quando a história passa a adquirir novos métodos e novos instrumentos de trabalho, em suas combinações com a sociologia, e que lhes darão, como já vem dando, uma nova fisionomia.

Analisemos, agora, quais as características fundamentais da história. Em primeiro lugar, teremos que salientar que o facto histórico se dá no tempo. Êle é sucedido; êle dá-se, e passa. Portanto, é o tempo o campo dos factos históricos. Se assim é, logo se vê que o conceito que tivermos do tempo influirá naturalmente sôbre a perspectiva que teremos dos factos históricos. À proporção que se tiver uma visão em profundidade do tempo, teremos uma visão em profundidade histórica. Como os egípcios tinham uma visão em profundidade do tempo, tinham, também, uma visão em profundidade da história, o que não se dava com os gregos, que, por não terem uma visão em profundidade do tempo, mas apenas superficial, tiveram uma visão também superficial da história, confundindo o passado com os seus mitos, perdendo até a segurança cronológica dos acontecimentos pretéritos. Enquanto os egípcios nos oferecem, com uma exactidão pasmosa, as datas de suas dinastias e os períodos certos dos reinados de seus diversos faraós, os gregos nos deixaram tamanhas dúvidas sôbre os fastos da sua história que, para reconstitui-la, foram exigidos esforços sobrehumanos dos estudiosos.

Não sabemos se a figura de um Licurgo foi real ou apenas mítica, mas sabemos da realidade das personagens das primeiras dinastias egípcias.

Como a perspectiva e a visão do tempo varia de cultura para cultura, varia também sua perspectiva da história.

Para os gregos, a história é apenas dos homens. Mas, na cultura fáustica, com Bacon, já verificamos que a história é concebida, não apenas como do campo antropológico, mas também

dos animais e das coisas, de todos os sêres que se dão no tempo e no espaço. Dessa forma, temos uma visão histórica do mundo.

Mas, no estado actual dos nossos conhecimentos sôbre a história, como o produzir-se do acontecer cósmico e como dos fastos importantes da vida humana, podemos apontar a essência da história? A essência do histórico, como já vimos, está em sua irrepetibilidade. O histórico não se repete, porque a perspectiva história é a conseqüência da posição que tomamos, de cujo ângulo visualizamos apenas o aspecto irrepetível dos factos. Cada facto, que se dá, é novo e único em si mesmo. Mas cada facto também repete os factos passados porque, do contrário, todo o existir seria de uma diferença absoluta, e não nos permitiria o conhecimento. Conhecemos porque há aspectos que se repetem e é sôbre o repetível que construímos a ciência, construímos um saber. Mas o facto histórico, como tempo, é irrepetível, porque o minuto que passa não retorna; é sucedido, é substituído. Sabemos que Napoleão Bonaparte não será repetido, não retorna; mas sabemos, no entanto, que as condições que geram um *bonaparte* sob certos aspectos, se repetem.

Não podemos reverter o tempo, não podemos tornar presente o passado, no entanto podemos reverter o espaço, podemos medir da direita para a esquerda, como da esquerda para a direita. Se dizemos que algo tem tantos metros de comprido, tanto pode ser considerado da direita como da esquerda, mas o tempo, não! O tempo é irreversível. Ora, os factos históricos são irreversíveis, e essa irreversibilidade é dada pelo tempo, porque os factos históricos se dão no tempo. Em tôda natureza, já vimos, dá-se a irreversibilidade. Todos os factos são irreversíveis. Mas, então, como seria possível a ciência, como seria possível conhecer, se não se dá a reversibilidade? Como poderíamos comparar um facto com outro para descortinarmos o nexo que os liga?

Podemos, porque o espírito humano tem essa capacidade de reverter os factos do passado através das imagens que dêles guardamos. Não revertemos os factos, mas apenas as imagens. Essas já não são vivas, dinâmicas como factos, mas estatizadas, paradas por nós. Mas em que consistem essas imagens? Ora, elas não são factos, mas apenas cópias dos factos. Não são os factos que retornam, mas certos aspectos, notas, que os reproduzem. Não são, portanto, vivas, dinâmicas como os factos, mas apenas notas inteleccionadas pelo nosso espírito, pela nossa inteligência, que é a função que escolhe entre... (de *inter*, em latim *entre*, e o radical *lec*, que significa escolher). A inteligência é uma função de escolher entre, de selecionar entre muitos aspectos captáveis os que o espírito pode captar e com êles recordar, reverter o passado, não como produzir-se, mas como produto, não vivo e dinâmico, mas estático.

Então, temos aqui os meios para bem distinguir da história a sociologia. A sociologia actualiza as notas que se repetem dos factos, enquanto a história, apenas actualiza as irrepetíveis. Quando dizemos que a história se repete, actualizamos apenas as notas que se repetem, não o facto em sua unicidade; olhamos mais o lado sociológico que pròpriamente o histórico.

Mas dirieis: Não se dão os factos históricos apenas no tempo; dão-se também em um local, no espaço, portanto. Sim, realmente se dão também no espaço, mas como algo que sucedeu no espaço. O que resta da história, no espaço, é o produto e não o produzir-se. A história é o produzir-se, porque é dinâmica, é tempo. O que produziu, o que ficou, monumentos, arte realizada, obras, em geral, são o produto, que nos permitem, através dêles, captar algo daquele produzir-se. Não é, porém, o produzir-se. Assim a história é irreversível como produzir-se, mas reversível como produto, ou, para usarmos da nossa linguagem, é reversível como extensidade, mas irreversível como intensidade. Como intensidade temos genuìnamente a história que é sempre viva; como extensidade temos o que traz marca histórica, o que pertence ao estudo da história, à historiografia, à descrição dos factos.

Então podemos dizer que a característica fundamental da história é o irrepetível, que é a sua essência. A memória não é uma repetição, mas o debruçar do espírito sôbre o passado; não é tornar outra vez um produzir-se da história, mas apenas apontar o seu produto. Assim o facto histórico, como histórico, é tempo, é irreversível.

Se actualizarmos uma dessas duas maneiras de ver a história ou ambas, podemos formar o seguinte esquema:

Morfologia da História	extensidade (objetivação do produto)	Mecânica Causalidade Espacialização	como sistemática (experiência científica)
	intensidade (objetivação do produzir-se)	Orgânico Direção, vector - destino, fado Temporalização	como fisionômica (experiência como vida)

Quem vê a história apenas extensivamente, como objectivação do produto, tende a ver mecânicamente os factos históricos, a actualizar uma causalidade rígida, a sistematizar o acon-

tecido. Quem o vê apenas como um produzir-se, aponta-lhe apenas a direção, como se fôsse uma vida, como se fôsse uma estrutura biológica, actualizando apenas o lado temporal. O estudo da história, para ser um estudo proveitoso, e de frutos benéricos, nao pode afastar-se de uma concepção que englobe ambos aspectos, dialética que permita a formaçao de uma visão concreta, conexionando os aspectos meramente históricos, como irrepetíveis, como as realizações, as obras feitas, as quais servem para indicar um novo caminho capaz de permitir o vislumbrar dos aspectos sociológicos, para uma visão filosófica e histórica da cultura humana em geral, e da história em particular. Assim considerar a morfologia da história pelos dois lados, que se contradizem, é ver a história em sua unidade. É ter dela uma visão viva orgânica, e ao mesmo tempo sistemática, é não deixar-se arrastar por valorizações apenas unilaterais, actualizando o lado extensista ou o intensista, o que nos levaria a uma compreensão meramente abstrata da história e, sim, a uma posição concreta, capaz, daí, de poder captar, da história, os nexos que permitem concluir muito em benefício do homem.

Entretanto, não se pense que aconselhamos uma posição intermédia. Tal não seria aproveitável, como raramente é aproveitável todo o meio têrmo. É preciso saber viver os extremos, para pô-los, um em face do outro, e tornarem-se assim produtivos de algo superior, pela constatação das diferenças. Vamos a exemplos que esclarecem melhor. Se estudássemos os gregos, apenas por uma catalogação de suas obras, apenas por uma sistematização cronológica das suas diversas épocas, registando factos, pondo-os em ordem, descobrindo-lhes a verdadeira posição cronológica, observando as obras realizadas, medindo-lhes os templos, observando as notas características do seu estilo, procurando ver até onde irradiou a sua influência; se assim procedêssemos estaríamos apenas actualizando o produto, e *sabendo muito* sôbre os gregos. Mas deixaríamos de saber outro lado importante, deixaríamos de compreender bem nitidamente a alma grega. Ora, a alma grega não é algo estático, mas algo que se deu dinâmicamente. Algo que criou; algo que permitiu que se produzisse tudo isso que está catalogado nos manuais. Sem penetrarmos nessa alma, não poderemos compreender o seu produzir-se. Naturalmente que não poderemos ser gregos, sentir o mundo como êles sentiam em todos os seus aspectos, mas podemos, muito e muito, penetrar nessa alma, senti-la, vivê-la, ter uma vivência dessa alma e, então, sentir e compreender, de uma forma viva, o que êles produziram. Assim necessitamos, ao estudar a história, penetrar nela como um produto e um produzir-se, para que possamos ter dela êsse saber intelectual, de que já falamos, ao lado de um saber *páthico*, afectivo, essa *frônesis*, de que nos referimos nas aulas anteriores.

Já dissemos que não há ciência do singular nem ciência sem o repetível. Ora a história é vista intensivamente como um processo tensional, como processo estrutural que tem uma tensão que se desenvolve. Mas essa tensão repete notas, repete aspectos, ela é uma estrutura coerente de estruturas. A tensão é uma unidade de tensões, unitárias por sua vez. Nesses aspectos particulares, há repetições de notas e são elas que nos permitem constituir a ciência.

Assim se pode afirmar que é possível a constituição de uma ciência da história. Não uma ciência do campo do meramente repetível, mas na qual o produto e as notas correspondentes, bem como os elementos da sociologia cultural, como da real, nos permitam estabelecer um estudo coerente da história. Então, perguntaríeis: há leis na história? Há uma finalidade na história? Já vos expusemos em que sentido se pode tomar a lei. Há na história constantes, invariantes. Mas essas constantes não são pròpriamente a História, mas campos da sociologia que nela penetram. Todo facto sociológico é também histórico, não como historial, pròpriamente, mas como histórico, como irreversível. Assim sendo, a construção de uma ciência da história só pode ser feita com o auxílio da sociologia, isto é, transformando ambos campos num campo só, tornando ambos campos como componentes de um mesmo objecto, cujo estudo seria uma ciência da história, que poderíamos chamar de Sociohistoriologia ou Histosociologia.

É natural que, quanto às leis, diremos apenas que há constantes sociológicas, invariantes sociológicos, que penetram no terreno da história. Quanto à finalidade na história, poderíamos apenas dizer que muitos aceitam uma certa teleologia na história, isto é, que os factos históricos obedecem a uma finalidade, tendem a uma meta.

Não seria possível examinar aqui as diversas opiniões, como a cristã que aceita, na história, uma finalidade que será encerrada com a vinda do juízo final, em que terminará o nosso tempo, para iniciar-se o da eternidade, que é a sua negação, nem como a de Hegel, que vê na história a realização do espírito universal. Tais temas exigiriam outros estudos, e só com o tempo poderão ser examinados, sobretudo depois que estudemos as diversas culturas e nos encontremos, então, na época de Hegel, para compreender, por exemplo, essa maneira de ver a história, como também só depois de estudarmos o cristianismo, estaremos em condição de compreender a sua idéia do advento do juízo final.

★

INSTITUTO CULTURAL "LOGOS"

PERGUNTAS E RESPOSTAS

Nesta secção, atenderemos tôdas as perguntas sôbre temas de Filosofia, que nos sejam enviadas pelos alunos, bem como sôbre as diversas matérias ministradas pelo Instituto Cultural "Logos". Damos a seguir a explicação sôbre algumas dificuldades surgidas.

CONSIDERAÇÕES GERAIS

A finalidade destas considerações é oferecer aos alunos, nos pontos onde possam surgir dúvidas, amplas explicações e esclarecimentos. Guiamo-nos pelas dúvidas surgidas no ministério do curso e pelas dificuldades mais comumente encontradas. Esperamos que todos colaborem, enviando-nos perguntas sôbre temas estudados e esclarecimentos que julguem mister, que os iremos dando na proporção em que forem dadas as lições.

Filosofia Geral:

Universo de discurso (Pág. 1) O enunciado dessa expressão é dado à pág. 2. Cada disciplina tem seu "universo de discurso". Na zoologia, um cão não fala; mas no universo de discurso da fábula, um *cão fala*. Os fabulistas fazem-no falar, ter afeições e sentimentos humanos, julgados análogos aos dos cães.

Notas (Pág. 3) definimos como um componente conhecido de uma coisa. O homem é um ser racional. E "ser racional" é um componente conhecido do homem, portanto, uma nota. Assim a *cadeira*, como móvel, tem como atributo o *ter um assento*. O "ter um assento" é uma nota da cadeira.

Aporia (Pág. 4) empregamos o têrmo *aporia*, que é muito usado na filosofia e dissemos que é o nome que damos a uma *dificuldade teorética*. Por exemplo, saber-se se o homem é livre em seus actos ou determinado é uma aporia, uma dificuldade ou, como popularmente se diz, um quebra-cabeça.

Teoria e *teorético* são explicados mais adiante.

Tensão do pensamento (Página 4) Usamos aqui o pensamento como significando tôda a capacidade psíquica do homem, em *sentido restricto*.

Só na Lógica, mais adiante, é que o pensamento toma seu *sentido extenso*, próprio, peculiar àquela disciplina. *Tensão* é explicado na Psicologia, nos pontos I e II.

Elemento dinâmico (Pág. 4). Dinâmico é o oposto a estático. Estático é considerado o que está em repouso, em equilíbrio. Assim dinâmico, significa o que está em movimento. O elemento dinâmico da Filosofia é êsse procurar superar os limites, as dificuldades, os óbices. Por isso, para compreender a filosofia é preciso filosofar, activar-se na filosofia, movimentar-se na filosofia.

Saber empírico e saber teorético (Pág. 6) A palavra empírico vem de *empíria*, que significa experiência. Um saber empírico é um saber imediatamente dado pela experiência, e que não é deduzido, (de-duzir, tirar) de nenhum outro conhecimento.

Teorético vem de *teoria*. Esta palavra é de origem grega, *theoria*, que significa contemplação, visão.

Deus, por exemplo, vem do grego *Theos*, que significa "o que vê".

Imaginemos que temos os factos: A...B...C...D...E...F. — Tais factos se dão isoladamente, e os intuímos isoladamente. Mas se houver entre êles um nexo, e nós o descobrimos, de modo que A se relacione com os outros, e todos entre si, e se por meio de uma série de raciocínios que fazemos, tornamos *inteligíveis* tais factos, isto é, damos-lhe *nexo*, formamos, então, uma *teoria*.

O saber, que se limita à teoria e que não se refere à prática, é um *saber teorético*.

Não se deve confundir com *teórico*. Pois *teórico* é o que faz parte da teoria. Essa distinção entre *teórico* e *teorético* é muito moderna. Freqüentemente se consideram sinônimos.

Especulação. (Pág. 6) Esta palavra vem de *speculum*, palavra latina que significa espêlho. Especulação é o mesmo que *theoria* em grego, contemplação, visão. Mas especulação quer dizer mais: quer dizer reflexão, (a reflexão do espêlho, que reflete). A razão, quando raciocina, *reflecte* (como um espêlho) as idéias, compara-as, mede-as umas com as outras.

Especulativo é o mesmo que teorético. Dá-se também a esta palavra o sentido de actividade do espírito que se dirige para objectos inacessíveis à experiência.

Assim é especulativa a actividade do espírito, através de raciocínios, para objectos como a alma, a liberdade, em sentido meramente abstracto, isto é, não concreto, não nas suas manifestações que acaso possam ser anotadas, mas na sua essência, no seu ser, que não transparece pela experiência.

Episteme era o saber especulativo, no primeiro sentido, isto é, de teorético, para os gregos.

Doxa, palavra grega que significa *opinião*. *Doxa* era o saber empírico, de que já falamos. Nós vemos muito bem o saber empírico reflectido através das máximas morais, dos provérbios, dos ditados, etc., que reflectem um saber empírico, de gerações e gerações, que se transmitem umas às outras.

> *Atenção:* A familiaridade do aluno com êsses termos e as explicações simples que aqui damos são necessárias para colocá-lo bem no "universo de discurso" da filosofia. À proporção que aumenta sua *vivência* com o conceito expressado por êsses termos, terá o aluno maior facilidade no estudo.

Saber reflexivo (Pág. 7). Com Platão, a filosofia tornou-se um *saber reflexivo*. Reflexivo é o que concerne à reflexão. A reflexão é uma atenção para o que está em nós. Reflectimos quando pensamos concentradamente sôbre algo, quando nos fixamos através de raciocínios sôbre algo dentro de nós. Reflectimos sôbre os nossos conhecimentos, sôbre as idéias formadas, etc.

Saber reflexivo é o saber que decorre das reflexões.

Intuição (Pág. 9). Convém que expliquemos desde já o têrmo *intuição*, embora venha êle, no decorrer do curso, a ser examinado pormenorizadamente. Intuição vem de *intueri*, palavra latina, que significa *olhar* diretamente uma coisa. É formada de *intus*, dentro, na... Devido aos muitos empregos que toma essa palavra na filosofia, procuramos sempre usá-la num sentido restricto, isto é, limitado, delimitado, que já exporemos. A intuição é o conhecimento direto do individual; enquanto a razão é o conhecimento do geral ou do universal. Assim, *intuição empírica ou sensível* é a percepção de um fenômeno através dos sentidos, o que é estudado na Psicologia. "Temos a intuição sensível *dêste* papel que está aqui e agora, onde lemos, *desta* sala onde estamos, da côr azul *dêste* livro."

Intuição racional ou intelectual é a que tem por objecto *relações*. Essas relações são de semelhança ou de contraste. Êste livro é semelhante àquêle que está na mesa; esta caneta é vermelha, aquêle livro é azul. Apreendo o contraste entre as côres de um e de outro objectos. Também é a intuição racional ou intelectual a apreensão de uma relação de causalidade ou de finalidade. Mas como essa relação já é mais complexa, porque precisaríamos saber o que é causalidade e finalidade, deixaremos para mais adiante o seu estudo. Outros empregos do têrmo intuição virão oportunamente. Nós, porém, quando usamos o têrmo intuição, empregamos sempre num dêsses sentidos, acrescentando o adjectivo *sensível*, ou o adjectivo *intelectual*. Quando o empregamos em outros sentidos, acrescentamos o adjectivo que o qualifique, e explicaremos logo para evitar confusões por parte do aluno.

Definições reais, etc. (Pág. 10). Essa subdivisão não é importante, e, na lógica, é melhor esclarecida com exemplos.

Intuição de Deus. Temos aqui um exemplo do que se chama *intuição metafísica*, isto é, a que nos permite apreender objectos metafísicos, como a intuição da alma de que falam os espiritualistas. Também aqui se poderia falar na *intuição mística*, que, segundo os místicos, é a que nos permite apreender Deus através da contemplação ou da ascese (êste termo será esclarecido mais adiante). A intuição mística (segundo os místicos) é a que nos coloca em *união com Deus*. Como a idéia de Deus, construída pelos crentes, encerra atributos infinitos, não pode ser Deus delimitado, portanto é *indefinível*, e malogram tôdas as tentativas de definí-lo.

Eidético e fáctico (Pág. 11). O exemplo da idéia de cavalo é válida intemporalmente, dissemos. Quer dizer, ela vale fora do tempo, porque a idéia não tem uma idade. Não podemos dizer que ela tem um, nem dois, nem três anos de idade. Também é válida fora do espaço, porque não tem um tamanho, não tem um metro ou dois.

O *fáctico*, ao contrário, é mutável no tempo e no espaço, ou só no tempo, porque o fáctico refere-se a um facto que se pode dar no tempo e no espaço, ou só no tempo.

A leitura calma e meditada desta página e da seguinte evita qualquer dificuldade.

O livro que está aqui na mesa é *fáctico*, porque se dá no tempo, (agora) e no espaço (aqui). Uma saudade que temos de alguém é *fáctica*, porque se dá no tempo.

Lógica Geral:

O ser *virtual* (Pág. 2). Explicamos, aí, o que é o *ser virtual*, comumente chamado de ser em *potência*, ou seja, um ser que ainda *não é em acto*, mas que *pode*, tem o *poder*, *potência*, de vir-a-ser em acto. Vamos a um exemplo: uma semente tem, em potência, a árvore, que pode surgir de sua germinação. A semente é acto, mas a árvore é *potência*. Será acto a árvore, quando ela actualizar-se, como está actualizada agora a semente.

Conceito do triângulo (Pág. 3). Mais claro ficará o que está exposto aqui, sôbre o conceito do triângulo, graças à explicação acima do que é em acto e do que é em potência.

(No futuro veremos que os conceitos de acto e potência são mais ricos que o que damos agora, mas estamos apenas nos cingindo ao conceito clássico.)

Duas, três ou quatro pessoas podem ter o *mesmo* pensamento.

Digamos que ante a actuação dos políticos brasileiros, essas três pessoas, colocadas em lugares diferentes, cada uma em sua casa, dissesse para si: "Qual, com essa gente, o Brasil não endireita!".

Êsse pensamento é o mesmo nos três. Mas sucede que cada um o pensou, isto é, apreendeu êsse pensamento, *três actos de pensar*, mas o pensamento apenas foi o mesmo, embora psicològicamente cada um tenha dado maior ou menor convicção ou arroubo às suas palavras que traduziram o pensamento, isto é, que o revestiram.

As palavras podiam ser diferentes e o pensamento ser o *mesmo*.

Assim, quando ouvimos alguém expor, *com suas palavras*, alguma idéia *igual* a outra que tivemos então, dizemos: "Você tem o mesmo pensamento que eu".

O pensamento é uma relação que podemos captar dos factos. Todos os factos mantêm entre suas partes e entre si, uns com os outros, relações. Um livro *sôbre* a mesa, um livro azul, está mais para cá, junto ao tinteiro. Tudo isso são relações, captáveis por um e por outros que poderão também, ao aproximarem-se da mesa, terem os *mesmos* pensamentos.

Há ainda pensamentos não captados? Há. E é fácil ver-se por que. Em todos os factos que sucedem e sucederam, podemos ver relações, e captá-las. Mas há relações que passam despercebidas aos olhos de todos. Vêm a ser captadas por outros homens que virão e terão *outros* pensamentos sôbre os factos passados, por exemplo.

Os pensamentos são assim *captáveis* pelo actò de pensar. Que é o gênio senão aquêle que capta grandes pensamentos onde os outros só captam pensamentos comuns, vulgares, medíocres?

Intencional — Na mesma página falamos em *intencional* e afirmamos que o pensamento é sempre o pensamento de alguma coisa, isto é, tem um objecto para o qual *tende*. Daí *intende*, *intencionalidade*, porque vêm do mesmo verbo *in-tendere*, em latim, que significa *tender para* alguma coisa.

Se o pensamento é uma relação de fatos ou partes de factos ou relação de pensamentos com pensamentos, é sempre pensamento de algo, porque um pensamento que fôsse pensamento de coisa nenhuma, não é pensamento. Por isso todo pensamento tem um objecto, ou seja, é *intencional*.

Nas págs. 5 e 6, estudamos o pensamento em seu *sentido extenso*, que é o que demos acima, e em *sentido restricto*.

Quando o aluno ler essa parte, compreenderá que, no sentido restricto, o pensamento tem também uma intencionalidade.

A priori e *a posteriori* (Pág. 4). Lògicamente, a *priori* é o que é anterior à experiência, e a *posteriori* o que é posterior à experiência.

A ciência foi formada através da observação dos factos particulares, das experiências tidas pelos estudiosos que procuraram um *nexo* entre os factos e com êles construíram *teorias*. Isto é, chegaram a um princípio geral explicador dos factos particulares. Então, vemos logo que a ciência nasceu *a posteriori*, depois da experiência, até chegar aos princípios gerais. Mas êsses princípios gerais, depois de aceitos, formam um *a priori* quanto a factos que sucedam depois, e que se incluem na classificação já feita. Êsses factos são *a posteriori* como factos, mas a norma já estabelecida, que os regula, está dada agora *a priori* em relação a êles.

A lógica, no entanto, estabelece que suas leis são *a priori*, isto é, não são generalizações tiradas da experiência, mas apenas *do próprio pensar*. Isto é, dizem os lógicos, que as leis da lógica formal são *peculiares* ao próprio pensamento e não às experiências.

São princípios *a priori*. Com o tempo, quando entrarmos em outros temas importantes, veremos a que se reduzem tais argumentos.

Pensamento e acto psíquico (Pág. 6). Na linha 18 dizemos: "Assim o pensamento se distingue do acto psíquico, etc. Aqui pensamento está tomado em sentido extenso. É nesse sentido que, daqui por diante, o tomaremos sempre. A leitura das págs. 5 e 6, feitas com o máximo cuidado, evitam quaisquer confusões.

Captação do pensamento. Nas linhas 22 a 29, há conveniência de uma explanação. O pensamento sem a função psíquica não poderia ser captado, porque são captados através dessas funções. Já vimos uma diferença entre *acto* e *potência*, que vamos preferir, daqui por diante, chamar de virtualidade, empregando o têrmo *virtual* e deixando o de *potência* para um sentido mais preciso, o que virá com o decorrer do tempo. Em face de uma semente podemos captar o pensamento de que é uma semente (acto), mas que é também uma árvore, não em acto, mas como possibilidade. Temos assim um pensamento do que é em acto e do que é ainda em possibilidade. Até aqui podemos ir, com os conhecimentos que já nos foram ministrados no curso. Quanto ao pensamento, despojado do fáctico, considerado como mera abstração, não é possível estudar ainda, como dizemos nas mesmas linhas, sem que estudemos outras passagens do curso, o que virá a seu tempo.

Terceiro excluído (Pág. 8). Nesse trecho está dactilografado: "Êste livro é êste livro ou êste livro não é êste livro". Prefiramos construir a frase assim: "Êste livro é azul ou êste livro não é azul", se a primeira fôr verdadeira, a segunda é fatalmente falsa, porque o livro ou é azul ou não é.

Não há portanto uma *terceira solução*, quer dizer, uma terceira solução está *excluída*. Com êsse exemplo, e o que apresentamos no mesmo local, abaixo, não pode mais haver dúvida quanto ao enunciado e à clareza do *princípio do terceiro excluído*.

Psicologia Teórica:

Considerações gerais: Temos sempre dito que a filosofia é um saber cheio de dificuldades, porque tôdas as dificuldades que não podem ser solucionadas pelas outras disciplinas são entregues à filosofia para que as examine e as resolva. Por essa razão, a filosofia, sobretudo no início, quando o aluno ainda não está familiarizado com o seu vocabulário, com o seu "universo de discurso", seu método e suas regras, oferece alguma dificuldade. Mas, com o decorrer do estudo, o que estava confuso passa cada dia a tornar-se mais claro e o que fôra estudado, e nos parecera completamente incompreensível, torna-se, finalmente, límpido e retornamos o pensar para o que ficara atrás, e vamos descobrir belezas que não havíamos nem de leve tocado. Por isso, o estudo da filosofia deve ser feito com calma, com anotações constantes, leitura lenta, pausada, meditada.

De vez em quando convém reler o que se leu, concentrar o pensar, não forçar demasiadamente a atenção, preferindo, quando se está dispersivo, esperar outra ocasião para ler. Mas sempre pôr essa *tensão* de que já temos falado e de que iremos falar muito neste curso.

Quem lê um romance, uma obra de ficção, pode lê-la ràpidamente, como quem lê um periódico. Mas a leitura da filosofia deve ser lenta, *ponderada*. Há dificuldades que são superáveis depois, e o desânimo, no início, é sempre uma fraqueza que se deve e se pode vencer. Assim se tiver sempre o aluno em mente êsses conselhos e os respeitar, os frutos do seu esfôrço serão os maiores e os melhores.

O primeiro ponto de Psicologia é fácil, mas deve ser lido assim: ponderadamente. E isso porque uma série de idéias simples, quando bem apreendidas, vão servir de alicerce para que sôbre elas se construa o edifício de uma sólida cultura. Ora, quem estuda por correspondência, quer estudar, quer saber. Seria um crime se nós oferecêssemos uma matéria apenas descritiva, fragmentária. Nosso curso tem uma profundidade que cresce dia a dia, ponto para ponto. Deve o aluno ter sempre presente que as idéias fornecidas no início não devem ficar esquecidas, porque é sôbre elas que iremos construir o edifício de todo o conhecimento filosófico. Aconselharíamos ao aluno a acquisição de um caderno, e nele anotasse os temas e os termos empregados. Digamos o termo *fáctico*:

Abre o aluno a pág. de Letra F, e lá anota a palavra e as iniciais da matéria, número do ponto e a página onde é ela explicada. Dessa forma, quando lhe ocorrer uma dúvida, pode procurar no curso as passagens onde o tema foi tratado, podendo assim, quando o queira, recordar o que estudou. Tem então um verdadeiro índice remissivo.

Esse trabalho é de muito valor e de grande proveito para o aluno. No tocante ao 1.º ponto de Psicologia Teórica, nenhuma dificuldade encontramos até o momento da parte dos alunos, e nenhuma nos foi formulada. Entretanto, se algum teve alguma dúvida, muito agradeceríamos que nos escrevesse, pois, dessa forma, nas considerações gerais seguintes a serem publicadas, teríamos ocasião de examiná-la e comentá-la.

Nota: Os números das páginas acima citados referem-se aos cursos por correspondência.

Uma universidade em casa...

obras
recomendadas
para um

Fundo de Cultura Geral

LIVROS PARA UM MUNDO MELHOR

★

A ciência dos números accessível a milhões

Maravilhas da Matemática

INFLUÊNCIA E FUNÇÃO DA MATEMÁTICA NOS CONHECIMENTOS HUMANOS

por Lancelot Hogben

Tradução de PAULO MOREIRA DA SILVA

Cr$ 140,00

★

O fascinante drama da raça humana

História da Civilização Ocidental

DO HOMEM DAS CAVERNAS ATÉ À BOMBA ATÔMICA

por Edward McNall Burns

Professor de História da Rutgers University

Tradução de LOURIVAL GOMES MACHADO e LOURDES GOMES MACHADO
Mapas e Ilustrações de LIAM DUNNE

Cr$ 170,00

★

Obra que torna a ciência da vida compreensível a todos

Maravilhas da Biologia

por Ralph C. Benedict, Warren W. Knox e George K. Stone

Cientistas e Professores de Biologia

Tradução de ELIAS DAVIDOVICH

Cr$ 120,00

Pedidos à LIVRARIA DO GLOBO — SÃO PAULO

Rua Fortaleza, 35

Deus criou a Mulher para alegria do Homem

TRUSSARDI

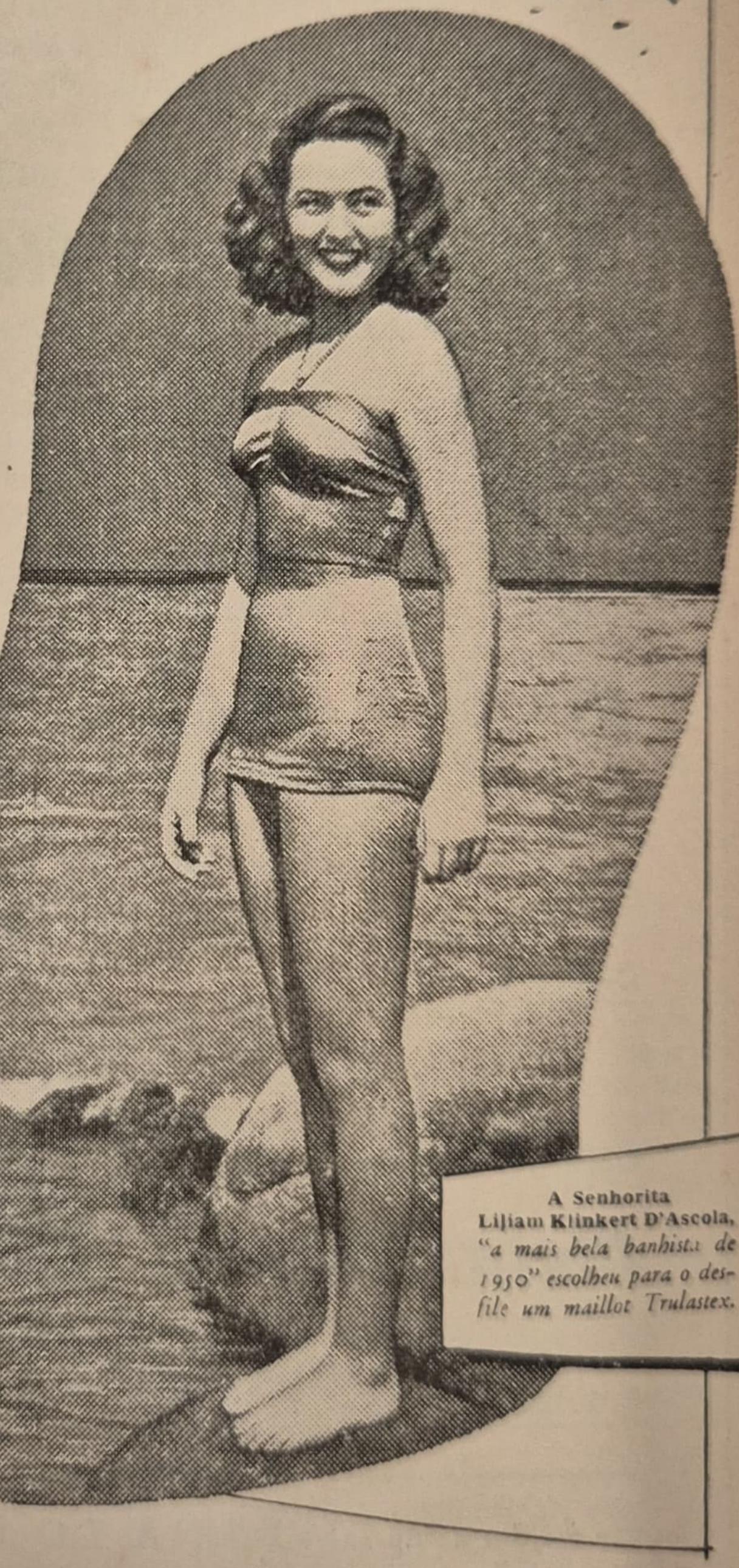
criou

TRULASTEX

para alegria da Mulher

Trulastex – o maillot de lastex de fabricação 100% nacional, foi idealizado por seus criadores, Indústria Trussardi S. A., para realçar a beleza das formas femininas.

Cumprindo seu glorioso destino, **Trulastex** foi o maillot escolhido para pôr em relêvo as linhas juvenis e perfeitas das lindas concorrentes ao título de "a mais bela banhista de 1950", em concurso realizado, há pouco, em São Vicente.



A Senhorita Liliam Klinkert D'Ascola, *"a mais bela banhista de 1950" escolheu para o desfile um maillot Trulastex.*

TRULASTEX

– o maillot de lastex 100% nacional

Um produto da

INDÚSTRIA TRUSSARDI S. A.

Rua Vitorino Carmilo, 806 a 834 • São Paulo

PANAM - Casa de Amigos

Um maestro às suas ordens...

BRENNO ROSSI

instalou, a mais completa e artística loja, dedicada exclusivamente a servir o público de bom gôsto colocando à seu alcance tudo sôbre a arte divina da MÚSICA.

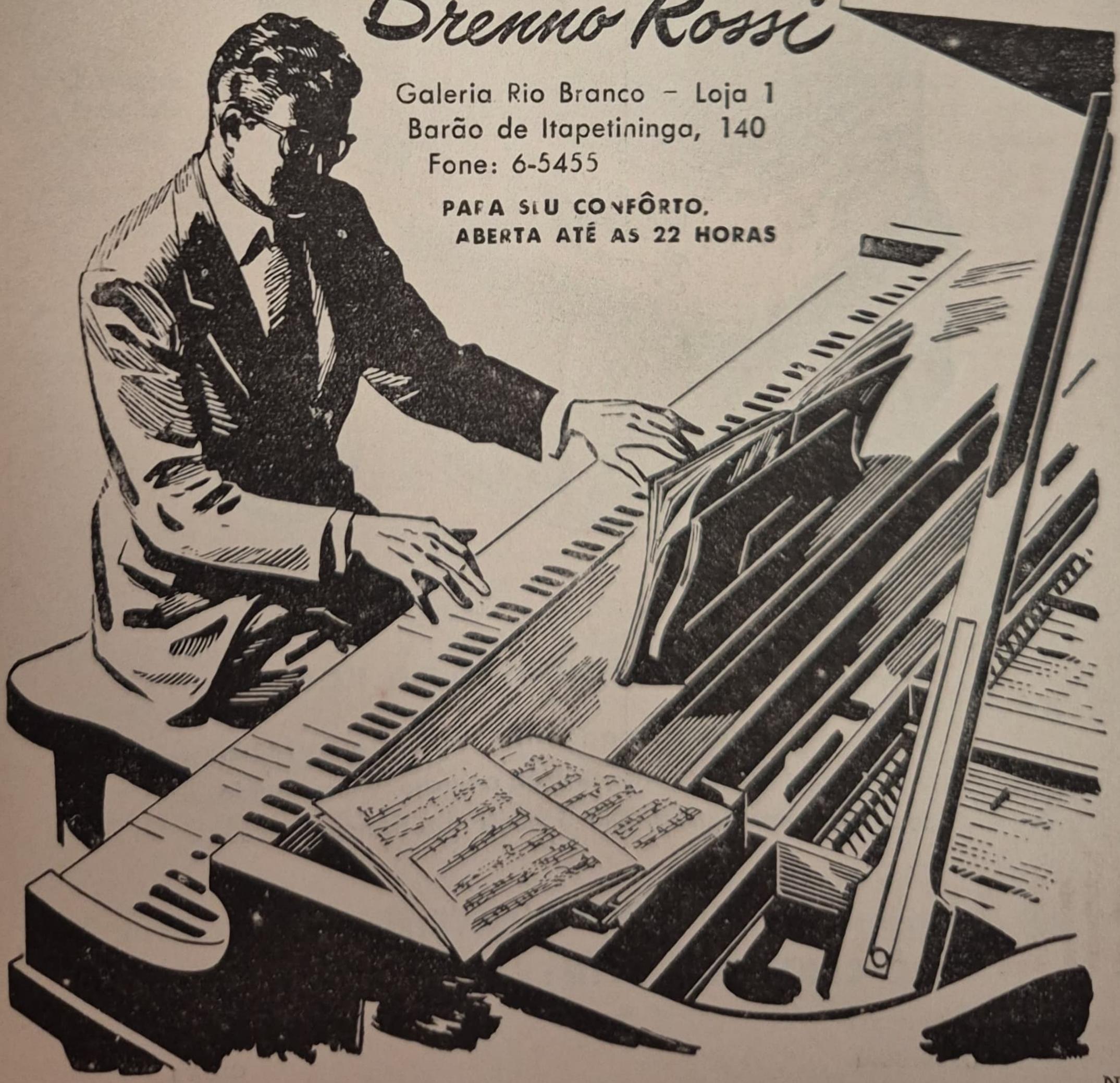
E, a exemplo das grandes lojas de música de Paris. o maestro Brenno Rossi executará ao piano a partitura de sua predileção desde os ternos noturnos de Chopin, às rítmicas melodias populares.

Os famosos sucessos mundiais. em tôdas as edições, de qualquer procedência. estão agora ao seu alcance na luxuosa loja de

Brenno Rossi

Galeria Rio Branco – Loja 1
Barão de Itapetininga, 140
Fone: 6-5455

PARA SEU CONFÔRTO,
ABERTA ATÉ AS 22 HORAS

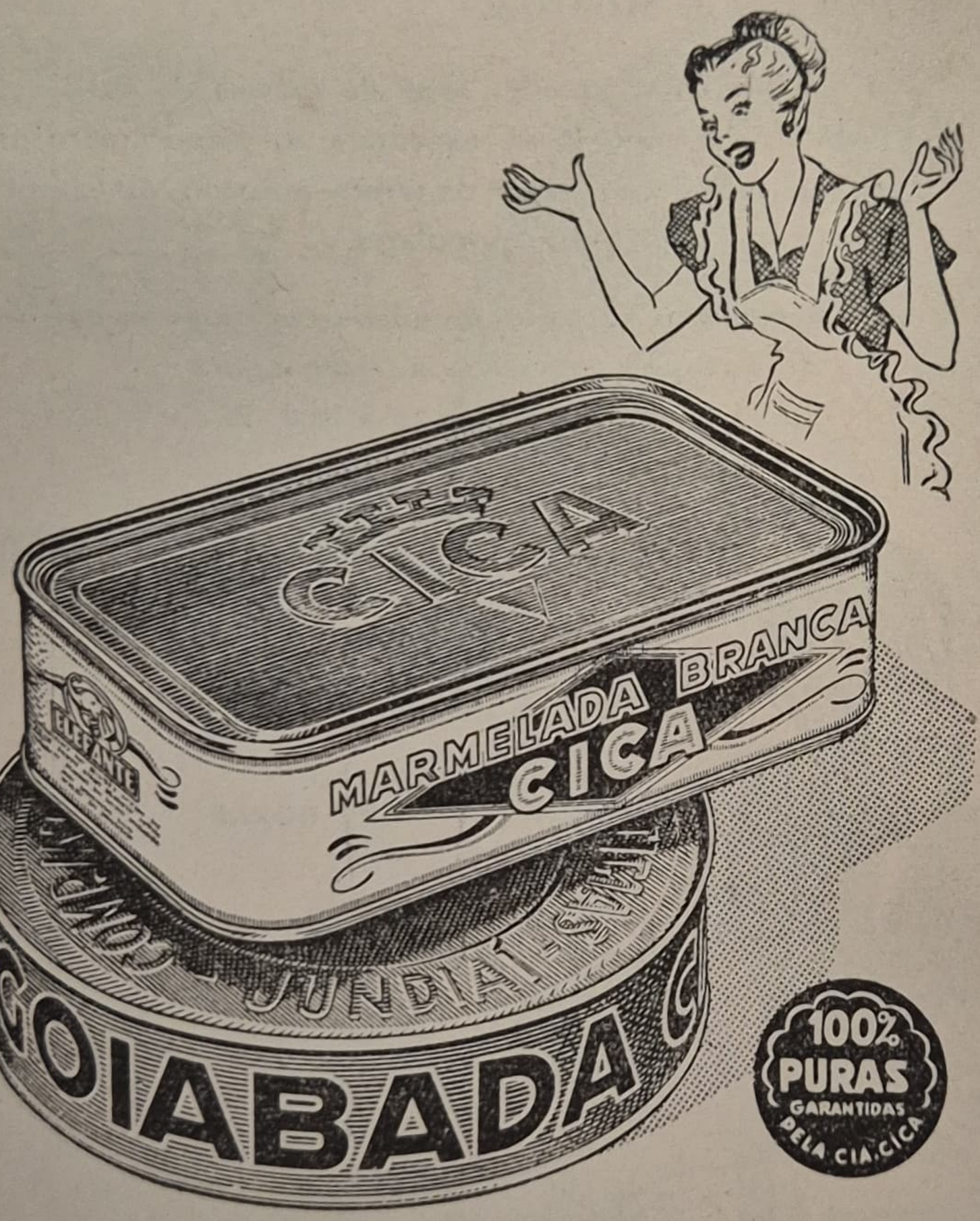


Norton

AGORA

- fabricadas por novo

PROCESSO AMERICANO!



GOIABADA e MARMELADA "CICA"

Esse novo processo garante 100% de pureza. Submetidas à alta concentração a vácuo, conservando todas as vitaminas, aroma e sabor dos frutos frescos.

COMPANHIA INDUSTRIAL
DE CONSERVAS ALIMENTÍCIAS "CICA"

Loja do Livro Italiano Ltda.

LIVROS TÉCNICOS, LITERÁRIOS, DE ARTE E DE CIÊNCIAS APLICADAS

Gemelli — Introduzione Alla Psicologia. Saitta — Il pensiero Italiano nell' umanesmo e nel Rinascimento, 2 v. Croce — Obras completas . Battaglia — Il problema morale nell esistenzialismo.

Agora nas suas luxuosas instalações à

RUA BARÃO DE ITAPETININGA, 140 - Loja 4 — SÃO PAULO

CAIXA POSTAL, 2113 — TELEFONE, 4-0739 — End. Telegr.: "Lojalivro"

ESTUDOS GRAFOLÓGICOS

JOSÉ VENOSA

Grafologista

Professor de Grafologia do Curso de Assistente Técnico de Psicologia Social. Pesquizas, estudos e perfís grafológicos — Exame de manuscritos, para determinação do temperamento e do caráter — Teste para seleção e escolha do pessoal.

RUA JORGE VELHO N.º 74
TELEFONE, 6-6177 SÃO PAULO

CLÍNICA MÉDICO-CIRÚRGICA
do
DR. EDSON AMARAL

Ex-Diretor do Hospital e Maternidade de Guaratinguetá; Ex-Diretor do Hospital Bezerra de Menezes de Pindamonhangaba; Ex-Assistente dos Professores MAURITY SANTOS (Hospital da Gambôa — Rio de Janeiro) e ERNESTO STUTZIN (de Berlin e Hamburgo); Ex-Médico Traumatologista da E. F. Central do Brasil; Ex-Chefe do Serviço Médico do Trânsito; Médico da Guarda Civil de São Paulo.

Tratamento da Asma em 20 dias; da Bronquite asmática; da Sinusite; da Coqueluche em 8 dias.

OPERAÇÕES: estômago, fígado, hérnias, bócio (papo), varizes; MOLÉSTIAS DAS SENHORAS: útero, trompas, ovários; PARTOS (evita operação cezariana); VIAS URINÁRIAS: rins, bexiga, cálculos; PLÁSTICA: rugas, sinais e cicatrizes da face, seios e ruturas.

CONSULTAS das 8 às 12 e das 14 às 18 horas.

RUA 25 DE MARÇO, 1.113 — 3.º andar — Apartamento 32

Telefones: 3-3357 e 2-6311

PROGRAMA DO CURSO DE FILOSOFIA GERAL DO PROF. MÁRIO FERREIRA DOS SANTOS

Filosofia

1 — O papel da filosofia na vida — Complicação do mundo — Filosofando sôbre a filosofia.
2 — Coisas concretas e o mundo de idéias da filosofia — Direção, superação e tensão do pensamento — Conceito histórico da Filosofia — Saber empírico e saber teórico — Especulação — O pensamento como prática.
3 — Classificação da Filosofia — Têrmos — Vocabulário — A univocidade das palavras — Definição e seu conceito — Subdivisões — Tautologia.
4 — O que é Facto — O existir e o existente — O estar no tempo e no espaço — O eidético e o fáctico — Operações mentais — Ordenação dos factos.
5 — O conceito — O parecido e o diferente — Conceito e a palavra, distinção — Verbalismo — Abstração no conceito.
6 — As antinomias e o dualismo antinômico — Dualismos gnoseológicos e ontológicos — Significado.
7 — Os conceitos e os fatos — Absoluto e incondicionado — Conceitos necessários e relativos — Categorias — Transcendente e imanente — As relações constantes.
8, 9 — O pensar — A experiência — Experiência mediata e imediata — Conhecimento a *priori* e a *posteriori* — Transcendência.
10, 11 — Espaço e tempo — Discussão e teorias filosóficas, clássicas e modernas — História das idéias sôbre o tempo e o espaço.
12, 13 — A reflexão e o desdobramento da realidade em sujeito e objeto — Problemática — Dualismo antinômico.
14, 15 — Aspectos do conhecimento — Teoria do conhecimento — Doutrinas.
16 — O saber e o hipótese — Hipóstase — O Mito e a Mitologia — Símbolo, análise.
17, 18 — Metafísica, seus aspectos e significação.
19 — Ciência e suas possibilidades — Ciência e Metafísica — Saber científico — Ciência e a técnica.
20 — A técnica e a ciência fundamentando a História — Teorias — Ciência natural e ciência cultural — Leis, sua crítica.
21 — Os valôres e a valoração — Polaridade — Classificação e Hierarquia — Crítica.
22 — Análise unitária da Filosofia — Conhecimento e seus limites — Certeza e realidade — Verdade — Absoluto e relativo — Ciência — Fé — Arte.
23 — Ciência e Filosofia — Definições — Método da Filosofia.
24 — A filosofia e a vida.

Lógica geral

1 — A lógica — O pensar e o pensamento — Lógica formal — Lógica e psicologia — História da lógica.
2 — Leis do pensar e do pensamento — Princípios lógicos.
3 — Conceito.
4 — O juízo e seus elementos.
5 — Definição — Indefinições — Significação.
6 — Raciocínio — inferências.
7, 8 — O silogismo, regras, regularidade e irregularidade do seu emprêgo — Sofismas — Prática do silogismo.
9 — Conhecimento e conhecer — Conhecimento e ação — possibilidades do conhecimento — A verdade — Ciência — formas e espécies do saber científico — O Método — Metodologia e lógica — Análise e síntese.
10 — Lógica da Matemática — Lógica das ciências naturais — Indução — Estatística — A idéia de lei, sua crítica e limites — As ciências do espírito e a filosofia.
11, 12 — Prática da Lógica.

Dialética geral

1 — O conceito de dialética; acepções. Dialética heracliteana, platônica, aristotélica, estóica, kantiana, etc. — Dialética hegeliana — Sua análise.
2, 3 — Dialética materialista e histórica — Análise.
4, 5 — Dialética antinômica (trágica) — Análise.
6 — Análise dos fenômenos, sua interdependência, seu aspecto antinômico.
7 — Movimento, mutação — Evolução dos fenômenos — Dualismo antinômico.
8 — Dial.tica antinômica de quantidade e de qualidade — Prática.
9 — A reciprocidade — Dinamismo antinômico da extensidade e da intensidade — Contradições na unidade — Prática.
10 — Teoria do equilíbrio dinâmico — Prática.
11 — Categorias da dialética, sua crítica.
12, 13 — O raciocínio dialético — Sua prática.
14 — Prática da análise dialética da Filosofia e da História segundo as diversas doutrinas. Críticas.

Psicologia teórica

1 — Psicologia teórica — Vida mental, suas leis — Anatomia e fisiologia do sistema nervoso.
2 — Pensamento e personalidade — Consciência e inconsciência — Psicologia patológica — Atividade inconsciente.
3 — Atenção — Teoria da atenção.
4 — Personalidade — O eu — Enfermidades da personalidade — Principais tipos de caracteres.
5 — Prazer e dor — As emoções.
6 — As paixões, teoria e opiniões.
7 — As sensações — Sentidos — O valor e a educação dos sentidos.
8 — Percepção — O mundo exterior — Erros, ilusões e alucinações.
9 — A memória, teorias, opiniões.
10 — Associação de idéias — Classificações — Teorias.
11 — Imaginação — Imaginação criadora — Fantasia — Sonho — Hipnose — Loucura.
12 — Abstração — Problemas — Teoria — Opiniões — Crítica — Generalização.
13 — Juízo e classificações — A crença — (Teorias).
14 — Raciocínio — Espécies de raciocínio.
15 — Direção do conhecimento — Seus princípios.
16 — Princípio de finalidade — Opiniões e discussão.
17 — Sinais e linguagem — A linguagem e o pensamento.
18 — O instinto — Teoria — Discussão.
19 — O hábito — Problemas — Discussão.
20 — Vontade e desejo.
21, 22, 23 e 24 — Teorias modernas da psicologia — Crítica dos principais sistemas.

Psicologia prática

1 — Mundo externo e vida interna — "Conhece-te a ti mesmo" — Possibilidade de conhecermos o nosso semelhante.
2 — Princípios de caracterologia prática — Os gestos como expressão da alma humana e como meio de encobrir as emoções interiores.
3 — A inteligência pode governar nossas expressões — Expressões das intenções — Como ver através dos gestos — Caracteres.
4 — O que nos revela a grafologia.
5 — O riso como revelação do carácter — A personalidade revelada pelas obras.
6 — Indumentária — O erótico manifestado na indumentária.
7 — Relações entre o Eu e o meio-ambiente.
8 — O subconsciente — Complexos — Eliminação dos complexos.
9 — A vida e os papéis que representamos.
10 — A voz e seus sentidos — A linguagem.
11 — Formas estruturais do carácter — Como analisar as nossas contradições.
12 — O mundo exterior — Como vemos e sentimos o mundo exterior — Como analisar as nossas sensações.

13 — Nossas percepções e impressões — O que queremos ver e o que não queremos ver — Como aumentar a nossa capacidade perceptiva.
14 — A memória — Mnemotecnia — Arte de recordar e arte de esquecer.
15 — As revelações da mão — As revelações da linguagem — O valor do pensamento como instrumento de trabalho.
16 — Como analisar as pessoas — O que é a Biotipologia — Os tipos psicológicos — Efeminação no homem e masculinização na mulher. Os tipos de juventude, de maturidade e de ancianidade.
17 — Os tipos profissionais — Como procedermos para eleger uma profissão.
18 — Tipos da vida cotidiana.
19 — Tipos introvertidos e extrovertidos — A Biotipologia e sua aplicação na vida prática.
20 — Vantagens do conhecimento do homem — Como enfrentar a hereditariedade.
21 — Nossa atuação ante o meio ambiente — O problema do amor — A atuação da escola — Educação individual.
22 — Auto-educação — A conquista da liberdade.
23 — A sugestão — Emprêgo da sugestão, da exo-sugestão; da auto-sugestão — Hipnose e hipnótico — Sugestibilidade e prestígio.
24 — Tratamento das anormalidades psíquicas — Normal e anormal.

Visão Geral do Mundo (Cosmovisão)

1 — Visão Geral do Mundo (Cosmovisão) — Filosofia do condicionado, do incondicionado, da relatividade.
2, 3 — Diversas posições sôbre o incondicionado e o condicionado. Crítica.
4 — Dualismo antinômico — *Razão* e *Intuição*.
5, 6 — Análise dialética das contradições — Antinomias — O dualismo das noções energéticas de extensidade e de intensidade — Noologia analítica — Carácter lógico oposicional — Os fatores de intensidade e de extensidade — Potência e Acto.
7 — Princípios da Razão; Princípio de identidade, o de razão suficiente e o de causalidade.
8 — *Funcionamento da Razão*.
9 — *Conceitos da Razão* — Seu carácter dialético. *Conceitos da Intuição* — Seu carácter dialético — Análise e crítica.
10 — Dualismo antinômico como visão científica e filosófica do mundo.
11 — Pensamento matemático e elaboração científica da experiência.
12 — Fundamentos da teoria da ciência — A física e as antinômias — As visões do mundo de Einstein, de De Sitter, de Lemaître, de Eddington, etc.
13 — Dinamismo antinômico das noções de tempo e de espaço.
14 — Teoria do Conhecimento — As diversas correntes e sua visão geral do mundo.
15 — Consciência — A teoria da ação ou da consciência accional.
16 — A existência — Concepções existencialistas, etc.
17 — A afectividade.
18 — O problema da metafísica.
19 — A Estética.
20 — A Ética —
História Sintética das diversas doutrinas e dos seus maiores representantes em 24 pontos.

O exercício mental da filosofia adextra o homem à análise da vida e das situações, permitindo-lhe sempre o pleno domínio de si mesmo. Êste curso estimula a filosofar e a transformar a filosofia num instrumento de trabalho. A filosofia geral serve para disciplinar o pensamento e transformá-lo num instrumento poderoso, sobretudo quando aplicado à prática. O curso é exposto em linguagem acessível e com explanação clara e simples, o que permite a ampla compreensão dos temas que nêle são tratados. Os termos filosóficos e científicos usados neste curso são ampla e claramente explicados para facilitar-lhes a compreensão. Êste curso foge à complexidade sistemática do comum dos cursos orais e facilita ao aluno o emprêgo imediato do seu pensamento na análise dos temas tratados.

Curso em 18 meses, com remessas mensais das lições. Mensalidade de Cr $ 150,00 (cento e cinqüenta cruzeiros), sem matrícula. Tôdas as inscrições e remessas de numerário devem ser enviadas em nome de Mário Ferreira dos Santos, Rua Paissandu, 73 - apart. 25 — S. Paulo, em Vale Postal, Valor Declarado ou cheques bancários.

Coopere conosco no reerguimento econômico e social do Brasil, associando-se, independentemente de suas convicções políticas ou religiosas, à

COOPERATIVA CENTRAL BRASILEIRA

SÃO PAULO

Sociedade Cooperativa Central de Economia Popular

Secções de: Consumo, Abastecimento a Cooperativas associadas, de Produção e Crédito cooperativo, e de Assistência Social e Cultural.

★

A COOPERATIVA CENTRAL BRASILEIRA tem por escopo o desenvolvimento econômico-social pela divulgação e prática do Cooperativismo em tôdas as suas formas de alcance econômico e social, promovendo, pelos seus Departamentos de Serviço: a defesa dos Consumidores, assistência técnica e financeira aos Produtores, Assistência técnica e financeira às Cooperativas associadas, a fundação de Núcleos Cooperativistas com pessoal habilitado para a direção, Serviço de "COOPERATIVA DE LIVROS" com descontos, Serviço de "Cooperativas Culturais" para facilitar a instrução em geral, Serviços de Assistência de Ordem Geral.

Os interessados em Cooperativismo podem dirigir-se à nossa Secretaria para informações mais detalhadas, pessoalmente ou por correspondência.

Sede provisória: AVENIDA IPIRANGA, 1.123, 7.º and. - s/ 701

SÃO PAULO

Ind. Gráfica SIQUEIRA S. A. — R. Augusta, 235 — S. Paulo